

LEANDRA CRISTINA DE RESENDE

**RECONSTRUÇÃO OU REORGANIZAÇÃO DA IDENTIDADE DO FIEL
CATÓLICO? UM ESTUDO CRÍTICO DA ÓTICA DO DISCURSO RELIGIOSO DE
PADRE FÁBIO DE MELO NO PROGRAMA TELEVISIVO *DIREÇÃO ESPIRITUAL***

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Teoria Literária e Crítica da Cultura

Linha de Pesquisa: Discurso e Representação Social

Orientador: prof. Dr. Cláudio Márcio do Carmo

São João del-Rei/MG

2017



Universidade Federal de São João del-Rei Programa de Pós-Graduação em Letras: Teoria
Literária e Crítica da cultura

Dissertação intitulada “Reconstrução ou reorganização da identidade do fiel católico? Um estudo crítico da ótica do discurso religioso de Padre Fábio de Melo no programa televisivo *Direção Espiritual*” de autoria da mestrandia Leandra Cristina de Resende, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Luiz Manoel da Silva Oliveira - UFSJ – Presidente

Prof. Dr. Wagner Rodrigues Silva - UFT - titular

Profa. Dra. Nádia Dolores Fernandes Biavati – UFSJ - titular

Prof. Dr. Luiz Manoel da Silva Oliveira
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras: Teoria Literária e Crítica da Cultura

São João del-Rei, 15 de dezembro de 2017

In memoriam de Paulo Horta de Resende, falecido em 02 de maio de 1997. Meu pai, a quem devo tudo que sou hoje, fruto dos seus ensinamentos práticos baseados na ética cristã.

AGRADECIMENTOS

Agradeço de modo especial, em primeiro lugar, ao Espírito Santo, presente nos capítulos desta pesquisa sendo responsável pelo bom êxito deste trabalho.

Agradeço de modo especial a minha mãe Maria e a minha irmã Andréa pela compreensão, incentivo, força e amor incondicional diante de cada momento de desânimo vivenciado.

Agradeço de modo especial ao meu orientador, o professor Dr. Cláudio Márcio do Carmo, pelo apoio em me orientar com tamanha paciência – especialmente no que se refere à correta classificação dos participantes envolvidos nos processos relacionais. Agradeço pelo seu auxílio constante com muita generosidade e respeito na leitura atenta do texto e nas sugestões de correções sempre muito bem explicadas.

Agradeço de modo especial a minha querida amiga Denise Giarola Maia e a minha nova amiga que surgiu nesse processo: Adriana Maria Cunha. Obrigada pela generosidade e desprendimento em compartilhar o conhecimento, que tanto colaboraram para a minha formação acadêmica. Agradeço também de modo muito especial à senhora Antonieta Barros que para mim extrapolou o papel de terapeuta por ela ocupada e assumiu o papel de verdadeira amiga sempre me auxiliando com tamanha sabedoria.

Agradeço aos professores Doutores do Programa de Mestrado em Letras (PROMEL) da Universidade Federal de São João del-Rei pelos ensinamentos que ampliaram o meu conhecimento acadêmico.

Agradeço aos meus familiares e aos colegas de turma especialmente com quem tive a oportunidade de conviver durante esse momento de formação. Agradeço especialmente a Karen por ter me auxiliado no momento final da dissertação. Agradeço também aos meus colegas de serviço, em especial a Liliane, a Gilma, a Meriely, a Lilian, a Aline e a minha querida chefe – amiga Natália pela compreensão, apoio e incentivo sempre.

A todos vocês, meus sinceros agradecimentos!

Existe no coração do homem um vazio do tamanho de Deus o qual somente Jesus Cristo pode preencher.

(Blaise Pascal)

Eu sou judeu, porém a figura luminosa do nazareno impressionou-me de modo profundo. Ninguém se expressou de maneira tão divina como Ele. De fato existe apenas um lugar no mundo aonde não vemos escuridão. Trata-se da pessoa de Cristo. Nele, Deus mostrou-se a nós de forma mais clara.

(Albert Einstein)

RESUMO

Esta dissertação tem como objeto de pesquisa o discurso religioso de Padre Fábio de Melo. O objetivo deste trabalho é analisar como Padre Fábio de Melo contribui para resgatar o poder da Igreja Católica mediante um processo de reconstrução ou reorganização de uma identidade cristalizada do fiel católico. Para isso, utilizamos o programa *Direção Espiritual* que é apresentado por Padre Fábio de Melo. O programa é transmitido uma vez por semana pela emissora católica Canção Nova. Foi feito o recorte de quatro programas selecionados conforme a temática religião, delimitando os discursos recorrentes sobre as devoções religiosas do catolicismo: a devoção a Maria, aos santos e a Jesus. A escolha temática do *corpus* se justifica pelo nosso objetivo em verificar que estratégias discursivas são associadas a uma prática utilizada pelo Padre na forma como ele interage com os ouvintes. Buscamos averiguar se essas estratégias discursivas se tratam de um processo de reconstrução ou se limita a uma reorganização das temáticas religiosas católicas que representam a identidade do fiel católico. Para compreender o contexto do *corpus* da nossa pesquisa, foi realizado um enfoque considerando a Teoria da Estruturação (GIDDENS, 2003). Contextualizamos o nosso *corpus* conforme os conceitos referentes à ideologia (THOMPSON, 1995), à identidade (HALL, 2003) e ao poder (FOUCAULT, 1979; GRAMSCI, 1995). Para a análise, adotamos o quadro tridimensional da Análise Crítica do Discurso de Fairclough (2001, 2003). Para a análise textual, foi utilizada a Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday e Matthiessen (2004) no que se refere à metafunção ideacional da oração que é investigada através do sistema de transitividade. Com base no que foi analisado, a prática do Padre se trata de um processo de reorganização identitária do fiel católico em que Fábio de Melo posiciona Jesus no topo da hierarquia devocional desse fiel e mantém os devocionalismos a Maria e santos. Assim, o Padre mostra que, além de flexível, a Igreja é diversificada por ser fragmentada em três diferentes alas que atendem a diferentes modos de ser dos indivíduos, inclusive os evangélicos, com quem ele busca uma aproximação. Dessa forma, o agente legitimado enquanto Padre pela Igreja Católica influencia indivíduos de diferentes crenças a conhecerem o catolicismo com o objetivo de recrutar novos fiéis e manter o poder da Igreja no Brasil.

Palavras-chave: identidade – católico – reorganização – diversidade - poder

ABSTRACT

This dissertation is about the religious discourse by Priest Fábio de Melo. The objective of this job is analysing how the Priest tries to rescue the Catholic Church power by reconstructiong ou reorganizing a crystallized identity of the catholic believer. Then, we used *Direção Espiritual* programme that is a programme guided by Priest Fábio de Melo. The programme is aired once a week on Canção Nova broadcaster. For the analysis, four programmes were selected according to the religious theme. It was demarcated some current discourses in the Catholic Church such as: Maria, the saints and Jesus devotions. The thematic *corpus* chosen is justified by our objective in verifying which discursive strategies are associated to the practice used by the Priest in the way he interacts with the listeners. We investigated if these discursive strategies reconstruct ou reorganize the catholic religious themes that represent the catholic believer identity. To understand the context of the research *corpus*, we focused on some essential notions such as The Structuring Theory (GIDDENS, 2003), ideology (THOMPSON, 1990), identity (HALL, 2003) and the power (FOUCAULT, 1979; GRAMSCI, 1995). It was used the tridimensional board proposed by Fairclough (2001) to analyze the *corpus*. In addition, it was used the Functional-Sistemic Grammar by Halliday and Matthiessen (2004) for the textual analysis that is investigated by the transitivity system. Based on the analysis results, the Priest practice is based on the identity reorganization of the catholic believer. Fábio de Melo reorganizes the believer identity placing Jesus on the top of the devotional hierarchy and he also maintains Maria and the saints devotions. This way, the Priest shows the flexibility of the Catholic Church. He also shows its fragmentation in three different sections that attend different identities, specially the protestant ones. This way, the Priest influences people who think different to know the catholicism to get new believers and, this way, to maintain the power of the Catholic Church in Brazil.

Key words: identity – catholic – reorganization – diversity - power

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Regras e recursos implicados na reprodução social.....	42
Figura 2: Imagem do cenário do programa <i>Direção Espiritual</i>	73
Figura 3: Imagem de Padre Fábio de Melo no programa <i>Direção Espiritual</i>	74
Figura 4: Figura de Nossa Senhora Rainha da Paz.....	84
Figura 5: Imagem de Padre Fábio de Melo na igreja Batista Soul.....	113

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Incidência de Maria como participante nos processos materiais e relacionais nos programas 1 e 2	77
Quadro 2: Incidência dos santos como participantes nos processos materiais e relacionais nos programas 3 e 4.....	87
Quadro 3: Incidência de Jesus como participante nos processos materiais e relacionais nos programas 1 e 2.....	98
Quadro 4: Incidência de Jesus como participante nos processos materiais e relacionais nos programas 3 e 4	102

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Incidência dos processos referentes a Maria nos programas 1 e 2.....	76
Gráfico 2: Incidência de Maria como participante nos processos materiais nos programas 1 e 2.....	77
Gráfico 3: Incidência de Maria como participante nos processos relacionais nos programas 1 e 2.....	81
Gráfico 4: Incidência dos processos referentes a santos nos programas 3 e 4.....	87
Gráfico 5: Incidência dos santos como participante nos processos materiais nos programas 3 e 4.....	88
Gráfico 6: Incidência dos santos como participante nos processos relacionais nos programas 3 e 4.....	93
Gráfico 7: Incidência dos processos referentes a Jesus nos programas 1 e 2.....	96
Gráfico 8: Incidência dos processos referentes a Jesus nos programas 3 e 4.....	97
Gráfico 9: Incidência de Jesus como participante nos processos materiais nos programas 1 e 2.....	98
Gráfico 10: Incidência de Jesus como participante nos processos relacionais nos programas 1 e 2.....	100
Gráfico 11: Incidência de Jesus como participante nos processos materiais nos programas 3 e 4.....	103
Gráfico 12: Incidência de Jesus como participante nos processos relacionais nos programas 3 e 4.....	104

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I: O CONTEXTO DO CRISTIANISMO	16
1.1 O Cristianismo no mundo.....	16
1.1.1 A origem do Cristianismo	16
1.1.2 O surgimento da Igreja primitiva	19
1.2 A Igreja Católica: dos primórdios à atualidade	20
1.3 surgimento do movimento pentecostal.....	24
1.3.1 Considerações sobre um movimento anterior: o metodismo	24
1.3.2 A origem do pentecostalismo	25
1.3.3 O Pentecostalismo no Brasil.....	27
1.3.4 O surgimento do pentecostalismo católico	29
1.3.5 Doutrina católica incorporada ao movimento carismático.....	30
1.4 Renovação Carismática Católica: berço dos Padres midiáticos	32
1.4.1 A Renovação Carismática Católica	32
1.4.2 O papel da mídia na divulgação dos padres midiáticos	34
1.4.3 Padre Fábio de Melo: o carismático Padre <i>pop star</i> católico.....	35
CAPÍTULO II: CONTEXTUALIZAÇÕES TEÓRICAS	39
2.1 Estrutura e conjuntura	39
2.2 Linguagem e ideologia.....	47
2.2.1 Alguns conceitos de ideologia.....	49
2.3 Linguagem e identidade.....	54
2.4 Linguagem, poder e hegemonia.....	59
2.5 A Análise Crítica do Discurso de Norman Fairclough	63
2.6 O significado representacional e a transitividade.....	66

CAPÍTULO III: A RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO FIEL CATÓLICO SOB A ÓTICA DO DISCURSO RELIGIOSO DE PADRE FÁBIO DE MELO NO PROGRAMA <i>DIREÇÃO ESPIRITUAL</i>	73
3.1 Objeto e contexto da pesquisa	73
3.1.1 Coleta e seleção de dados.....	74
3.1.2 Procedimentos metodológicos	75
3.2 Análise da construção da identidade de Maria a partir da transitividade.....	75
3.3 Análise da construção da identidade dos santos a partir da transitividade	86
3.4 Análise da construção da identidade de Jesus a partir da transitividade.....	96
3.4.1 Análise da construção das identidades de Jesus nos programas 1 e 2.....	97
3.4.2 Análise da construção das identidades de Jesus nos programas 3 e 4.....	102
3.5 As representações de Maria, dos santos e de Jesus no contexto das práticas discursiva e social do Padre Fábio de Melo	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
REFERÊNCIAS.....	123
ANEXOS	126

INTRODUÇÃO

É perceptível que a situação da Igreja Católica no Brasil nos últimos anos tem sido marcada pela evasão de fiéis, principalmente para as igrejas evangélicas. É o que as últimas pesquisas realizadas pelo IBGE têm mostrado. Com isso, o poder de influência da Igreja sobre a sociedade brasileira como um todo tem sido perdido e, conseqüentemente, transferido cada vez mais para as igrejas evangélicas no país.

Sendo assim, a Igreja Católica tem se mostrado disposta a conter o avanço dos evangélicos no país com o provável intuito de manter a sua soberania no Brasil, que é considerado um país predominantemente católico, conforme o último censo realizado pelo IBGE em 2010. Conforme o censo, 64,6% da população brasileira é formada por católicos. Para manter a sua soberania, a Igreja Católica tem rearticulado algumas práticas tradicionais que podem ser avaliadas nas práticas discursivas do discurso religioso de Padre Fábio de Melo.

Nesse contexto, Padre Fábio de Melo sugere uma possível reorganização das formas de catolização através da desconstrução de uma identidade cristalizada do fiel católico. Essa identidade se mostra materializada priorizando: (1) a devoção mariana; (2) a devoção aos santos; (3) a devoção a Jesus Cristo. Conforme a doutrina da Igreja Católica, os santos e Maria se sacrificaram renunciando riquezas, prazeres, liberdade e a própria vida a fim de escaparem do pecado mortal. Nesse sentido, os santos são vistos na doutrina católica como servos de Deus. Isso porque tiveram uma proximidade com Deus e também realizaram alguma atitude extraordinária em termos de fé, sendo, por isso, concedido a eles o *status* de santos. Por isso, a vida dos santos é considerada um testemunho para os católicos. Nesse sentido, são símbolos religiosos do catolicismo considerados exemplos humanos a serem seguidos até chegar à perfeição de Jesus Cristo (BRANT, 1964, p. 162-163). Fábio de Melo parece reconstruir essa identidade do fiel católico sobre uma nova perspectiva priorizando (1) a devoção a Jesus Cristo e (2) a devoção a Maria e aos santos.

Padre Fábio de Melo é um dos principais Padres que tem se destacado no cenário católico brasileiro, fazendo uso de um discurso religioso que se assemelha àquele das denominações evangélicas por destacar a figura de Jesus Cristo. Dessa forma, ele aponta para uma possível reconstrução da identidade do fiel católico. Para isso, ele parece “quebrar” determinadas tradições enraizadas desde os primórdios da religião católica. Conforme a prática do Padre, essas tradições se referem aos “exageros” devocionais dispensados a Maria e

santos. Dizendo de outro modo, Padre Fábio de Melo parece mudar a ordem do discurso católico no sentido de destacar a figura de Jesus conforme se verifica, por exemplo, nos programas que compõem esse *corpus* de pesquisa. É possível que o objetivo de Padre Fábio de Melo seja o retorno dos indivíduos à Igreja, o que pode configurar a tentativa de resgate do imperialismo católico no Brasil.

Diante desse cenário, propomos uma análise acerca da forma como o discurso religioso de Padre Fábio de Melo tem representado Maria, os santos e Jesus a fim de acessarmos a construção das identidades desses ícones católicos. Além disso, propomos analisar se o Padre se limita a reorganizar a identidade do fiel católico ou efetua um processo de desconstrução e reconstrução da identidade desse fiel.

Para isso, escolhemos conferir a prática de Padre Fábio de Melo no programa televisivo semanal *Direção Espiritual*, transmitido pela emissora católica Canção Nova, às quartas-feiras, das 22h às 23h, com reprise aos sábados, a partir de 1h, e aos domingos, às 20h. Desse programa foi extraído o nosso *corpus* de pesquisa que é composto por um recorte de quatro programas armazenados no site *Youtube*. Optamos por selecionar os programas conforme a temática religião. Optamos ainda por fazer a transcrição livre feita pela própria autora. Além disso, delimitamos os discursos recorrentes sobre as devoções religiosas que representam o catolicismo: as devoções a Maria, santos e Jesus. A escolha temática do *corpus* se deu com o objetivo de verificar que estratégias discursivas são associadas a uma prática utilizada pelo Padre na forma como ele interage com os telespectadores no processo de uma possível desconstrução e reconstrução da identidade do fiel católico.

Para a nossa análise, nos pautamos principalmente na proposta da Análise Crítica do Discurso proposta por Norman Fairclough (2001, 2003). Para a análise textual foi utilizada a Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday e Matthiessen (2004) no que se refere à metafunção ideacional que é investigada através do sistema de transitividade. Para a análise, foi feita *a priori* a descrição da materialidade linguística dos textos selecionados com base nos processos e nos participantes que são duas categorias que compõem esse sistema de transitividade. Através do sistema de transitividade, acessamos algumas possíveis representações de Maria, dos santos e de Jesus construídas por Padre Fábio de Melo nas suas falas realizadas nos recortes selecionados para esta pesquisa.

A fim de acessar as representações supracitadas, escolhemos utilizar (1) os programas 1 e 2 para analisar as falas do Padre sobre Maria e Jesus e (2) os programas 3 e 4 para analisar as falas do Padre sobre os santos e Jesus. Buscamos comparar ainda as formas como Jesus é representado perante as duas outras representações com a intenção de responder a nossa

pergunta de pesquisa: como e por que Padre Fábio de Melo tem reconstruído ou reorganizado a identidade do fiel católico? Sendo assim, a resposta a essa pergunta se dará a partir do acesso às identidades de Maria, dos santos e de Jesus construídas discursivamente por Padre Fábio de Melo e ainda pela análise da forma como o Padre desconstrói e reconstrói ou se limita a reorganizar a identidade do fiel católico.

Temos como objetivo geral desta dissertação analisar como o Padre contribui para resgatar o poder da Igreja Católica mediante processos de reconstrução ou de reorganização da identidade do fiel católico no programa *Direção Espiritual*. Para atingir esse objetivo, temos três objetivos específicos. O primeiro deles é identificar e agrupar os diferentes posicionamentos discursivos de Padre Fábio de Melo frente às devoções religiosas do catolicismo (devoções a Maria, santos e Jesus) mais recorrentes no *corpus* da pesquisa. O segundo objetivo é identificar as marcas de desconstrução e reconstrução identitárias do fiel católico pelo significado representacional, utilizando como categorias de análise os processos e os participantes do sistema de transitividade. Finalmente, o terceiro objetivo é analisar o(s) discursos(s) (re)produzidos por Padre Fábio de Melo, discutindo sobre as questões sociais, culturais e ideológicas que envolvem a tentativa de resgate da supremacia da Igreja Católica no Brasil.

Essa dissertação é composta por três capítulos e suas subdivisões. No primeiro capítulo, apresentamos uma contextualização histórica do Cristianismo. Essa contextualização foi escrita para auxiliar o leitor na compreensão do discurso analisado de Padre Fábio de Melo que envolve questões de cunho religioso. Para tanto, optamos por contextualizar a religião cristã desde os primórdios - a partir do texto bíblico - até o surgimento da Renovação Carismática Católica. Primeiro, começamos pelo relato da criação do mundo e dos homens por Deus, o rompimento da amizade do homem com Deus e a proposta de salvação em Jesus Cristo. Passamos então ao surgimento da Igreja primitiva e à instauração da Igreja Católica, sendo feito um breve relato do catolicismo dos primórdios à atualidade. Contextualizamos ainda o surgimento do movimento pentecostal nas igrejas evangélicas no mundo e no Brasil para o leitor compreender a origem da Renovação Carismática Católica que é o movimento a que Padre Fábio de Melo se encontra afiliado.

No segundo capítulo, trazemos uma contextualização teórica da pesquisa em que apresentamos alguns conceitos que possibilitarão a compreensão do contexto do *corpus* de pesquisa. No sentido de compreender algumas inter-relações existentes entre a linguagem e a sociedade no contexto do nosso trabalho, começamos apresentando a Teoria de Estruturação formulada por Anthony Giddens (2003). Além disso, fizemos uma breve revisão de aspectos

da teoria da ideologia desde o seu surgimento enquanto ciência com Destutt de Tracy até o conceito crítico de ideologia proposto por Thompson. Trouxemos ainda o conceito de identidade sob a perspectiva da fragmentação e do descentramento de identidades estáveis do passado proposta pelo teórico Stuart Hall (2003). Além disso, contextualizamos a luta pelo poder com base em autores como Foucault (1979) e Gramsci (1995). Para finalizar, apresentamos o quadro teórico-metodológico da Análise Crítica do Discurso proposto por Norman Fairclough (2001, 2003).

O terceiro capítulo é dedicado à análise do *corpus* de pesquisa sendo abordadas questões metodológicas e as análises propriamente ditas acerca da construção das identidades de Maria, dos santos e de Jesus. A forma como o Padre representa esses ícones católicos nos leva a averiguar duas questões que responderão a nossa pergunta de pesquisa: **(1)** se o Fábio de Melo se limita a reorganizar ou efetua um processo de desconstrução e reconstrução da identidade do fiel católico e **(2)** o porquê dessa alteração da identidade do fiel católico.

Finalmente, expomos as considerações finais que apontam os resultados da pesquisa por nós realizada e ainda as referências bibliográficas utilizadas na dissertação.

CAPÍTULO I: O CONTEXTO DO CRISTIANISMO

1.1 O Cristianismo no mundo

O Cristianismo é uma religião pessoal que caracteriza a sociedade ocidental. Conhecer o Cristianismo torna-se pré-requisito a fim de compreender a sociedade e a cultura em que vivemos atualmente. Nesse sentido, compreendemos não ser por acaso que a Bíblia é o livro mais lido no mundo que influencia até mesmo escritores não-cristãos. Isso talvez ocorra pelo Cristianismo ser a única religião ou filosofia em que o sujeito estabelece uma relação pessoal com Jesus Cristo, que é o alicerce da fé cristã.

Traçaremos uma contextualização histórica desde os primórdios a fim de compreender o alicerce da fé cristã. Isso se dá com a finalidade de ampliar o entendimento das constituições identitárias do indivíduo cristão nos estudos discursivos a que se propõe este trabalho. Primeiramente, começaremos, a partir do texto bíblico, a contextualizar o mito da criação do mundo e dos homens no Antigo Testamento. Passaremos então à proposta de salvação em Jesus Cristo, descrita no Novo Testamento. Segundo, contextualizaremos o surgimento da Igreja Primitiva a partir do texto bíblico. Terceiro, faremos uma abordagem histórica do surgimento da Igreja Católica. Quarto, descreveremos o surgimento tanto do Pentecostalismo protestante quanto do Pentecostalismo católico. Por fim, abordaremos a Renovação Carismática Católica como berço dos Padres midiáticos, destacando-se o Padre Fábio de Melo, que é o foco do nosso trabalho.

1.1.1 A origem do Cristianismo

A base do Cristianismo é a Bíblia, que descreve, no Antigo Testamento, em Gênesis, a teoria do criacionismo que se baseia na fé de que Deus criou todas as coisas, inclusive o homem. Conforme o livro sagrado, Deus é o criador do mundo. No princípio, a terra estava vazia e vaga. Deus a preencheu pelas suas palavras ordenando que fossem criados o céu, a terra e a luz, *a priori*, e posteriormente os animais domésticos, répteis e feras. Por fim, Deus criou o homem e a mulher a sua imagem, o que evidencia a soberania de Deus sobre sua criação. Assim, a criação do mundo aconteceu pela vontade de Deus. Tal criação aconteceu “por causa de algo fora de si mesmo. E esse algo [...] é o poder de um Deus pessoal.” (GAARDER, HELLERN, NOTAKER, 2005, p. 150).

O Cristianismo confere um valor ao indivíduo. A começar pela posição de destaque do ser humano sobre os demais seres da criação. A teoria do criacionismo realça os vínculos do homem com os demais seres da criação ao considerarmos que apesar do homem ser formado “do mesmo material que as plantas e os animais, [...]feitos de pó [...], o homem foi feito senhor da criação.” (GAARDER, HELLERN, NOTAKER, 2005, p. 153). Isso porque o homem foi feito a imagem e semelhança de Deus, o que faz de Deus o Pai da humanidade. Por isso, para o Cristianismo os indivíduos têm um valor perante os olhos de Deus, que se configura no lugar especial que o homem ocupa na criação.

A visão cristã da humanidade ainda concebe o ser humano como um ser social, já que o homem foi feito para viver em sociedade convivendo uns com os outros. Essa convivência surgiu a partir do convívio de Adão e Eva no paraíso. A partir de então, foi dada ao ser humano o dom do livre arbítrio, ou seja, o homem se torna responsável pelas suas ações. Portanto, o homem escolhe obedecer ou desobedecer a posição de destaque dada por Deus. À desobediência, a Bíblia chama pecado também compreendido como “o desejo humano da autossuficiência, seu desejo de conseguir viver sem Deus.” (GAARDER, HELLERN, NOTAKER, 2005, p. 154-161).

No paraíso, Adão e Eva escolheram desobedecerem uma ordem divina, o que levou à queda do homem. Metaforicamente, a Bíblia usa as figuras da serpente e da maçã que representam o mal. A serpente induziu a mulher a comer a única fruta existente no paraíso cuja ingestão havia sido proibida por Deus: a maçã. Eva, por sua vez, induziu Adão a juntos comerem. Como consequência da desobediência do homem a Deus, Adão e Eva foram expulsos do paraíso, a morte apareceu, a mulher deu à luz com dor e Caim, filho de Adão e Eva, assassinou o seu irmão. Assim, o mal foi implantado na terra. Os teólogos usam a expressão “pecado original” para designar o pecado com que todo ser humano nasce: um desejo inato de romper com Deus considerado uma herança de Adão e Eva.

A concepção cristã qualifica Deus como amor. Porém, fica o questionamento: como pode um Deus amoroso “castigar” a sua criação? A Bíblia apresenta Deus como um pai (o criador), que embora ame de forma ilimitada em bondade os seus filhos (a criação), é absoluto em suas exigências, como foi com Adão. Para o Cristianismo, a prova do amor ilimitado de Deus é apresentada no Novo Testamento com o nascimento de Jesus Cristo considerado, por alguns teóricos, o “último Adão”. Isso porque no Antigo Testamento Adão se afastou de Deus. Já no Novo Testamento, Jesus Cristo, considerado pelos cristãos uma autoridade divina, assumiu para si a culpa do mundo e sofreu a punição que caberia à humanidade. Esse ato cristológico é chamado pelos cristãos de *sofrimento vicário*. A expiação de Cristo,

considerado o ato de Ele dar sua vida pelos homens pecadores, é um ato de compaixão que foi materializado na morte de cruz. Passados três dias da Sua morte, Ele ressuscitou, restaurando o relacionamento deteriorado entre Deus e a humanidade. Por isso, um “novo Adão” que, para os cristãos, foi “o próprio Deus fazendo passar por homem através da sua palavra” para salvar a humanidade (BLACKHAM, 1967, p. 26). Conforme Gaarder, Hellern e Notaker (2005, p. 165), “é a fé na ressurreição do Filho de Deus que constitui a pedra fundamental do Cristianismo.”

Com base no Novo Testamento, a fé cristã é baseada na aceitação de Jesus Cristo como o enviado de Deus para salvar os homens do pecado original. Para tanto, o homem precisa aceitá-lo como Salvador e Senhor, submetendo-se às suas exigências éticas. No livro de Mateus, Jesus proclamou o sermão da montanha, considerado uma síntese dos Seus ensinamentos. Douglas (2013) comenta que o sermão da montanha proferido por Jesus amplia a lei divina do Antigo Testamento apresentado a Moisés, em Êxodo, pelos “dez mandamentos”. O texto do Antigo Testamento “ditou um longo conjunto de diretrizes morais, religiosas e sociais, terminando com uma promessa de proteção” (DOUGLAS, 2013, p. 36). Douglas afirma ainda que “esse conjunto de leis dado por Deus a Moisés era necessário para a organização social, religiosa, cultural e política de seu povo que, embora numeroso, só agora passava a ter um *status* de nação, depois de um longo período sob o domínio egípcio” (DOUGLAS, 2013, p. 35). Assim, o “reino de Deus” é compreendido como o “domínio de Deus” que estabelece a posição de Senhor, conferida a Deus, e a posição de submissão, ao indivíduo. Portanto, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, há leis que organizam o ordenamento social. As regras do Antigo Testamento foram enfatizadas, ampliando a sua validade de modo a torná-las ainda mais rigoroso o seu cumprimento. Isso porque a essência do ensino de Jesus no sermão da montanha é a prática do amor incondicional a Deus e ao próximo, exortando os indivíduos a pagar o mal com o bem (GAARDER, HELLERN, NOTAKER, 2005, p. 168-169) considerando que:

Moisés falou para não matar, Jesus disse para respeitar até a auto-estima. Moisés falou para não adular, Jesus disse para nem pensar nisso. Jesus disse para fazer as pazes com o irmão antes de levar a oferta. Para ter palavra em vez de jurar. Oferecer a face esquerda a quem nos bater na direita. Não se desviar de quem vem pedir um empréstimo. Amar os inimigos. Bendizer quem nos maldiz. Orar e fazer nossas caridades de forma secreta. Perdoar antes de desejar ser perdoado. E assim por diante. Logo, Lutero tinha razão ao chamá-lo “Moisíssimo Moisés” (DOUGLAS, 2013, p. 39).

Douglas complementa que o caminho para a realização da lei é a aceitação de Jesus que, além de manter os dez mandamentos, trouxe novos “desafios” para os seus discípulos baseados “no amor, na tolerância e na simplicidade” (DOUGLAS, 2013, p. 42). A aceitação de Jesus implica a prática da caridade que deve “levar à ação” em situações reais, sem questionar se o homem de fato merece (GAARDER; HELLERN, NOTAKER, 2005, p. 173-174). Portanto, o fundamento do ensino de Jesus torna o homem responsável em realizar as práticas de amor por Ele ensinadas, já que o amor de Deus exige que o homem imite esse amor.

1.1.2 O surgimento da Igreja primitiva

A Igreja cristã primitiva teve o seu fundamento nas pregações de Jesus que foram proclamadas nos quatro evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João. Os evangelhos trouxeram a “boa nova” do reino de Deus pela vivência prática de Jesus que se encerra com a Sua morte e ressurreição. Para os cristãos, é a ressurreição do Cristo a base do Cristianismo que leva o homem à restauração do seu relacionamento pessoal com Deus. Dizendo de outra forma, a verdade do Cristianismo é que Jesus Cristo é o único salvador da humanidade.

Os primeiros cristãos continuaram a proclamar Jesus. Dentre eles, Paulo que foi um grande teólogo cristão. Ele escreveu para as primeiras igrejas cristãs, passados vinte ou trinta anos após a ressurreição de Jesus as suas cartas, no Novo Testamento. A Igreja cristã primitiva nasceu quando os apóstolos de Jesus se reuniram após a Sua morte para celebrar o *Pentecostes* (Atos,2). Essa celebração é o momento quando os apóstolos receberam o Espírito Santo enviado por Deus. Para os cristãos, o Pentecostes representa a permanência de Jesus no mundo. Jesus continua ensinando o evangelho através do Espírito Santo, que fala pela figura humana. Nesse sentido, a Igreja não é considerada apenas uma organização formada por pessoas e sim pelo espírito divino que orienta a conduta humana. Assim, a Igreja é a comunhão de todos os que acreditam em Jesus Cristo e seguem o Seu chamado.

Durante os primeiros séculos, após a morte de Jesus, havia um sincretismo religioso considerável, o que levou a Igreja a formular um credo mais definido acerca do Cristianismo. Conforme Gaarder, Hellern, Notaker (2005, p.176), a Igreja primitiva estabeleceu três credos: o *Credo dos Apóstolos*, datado da Igreja de Roma, no século III de nossa era; o *Credo do Concílio de Niceia*, no século IV e o *Credo de Santo Atanásio*, no século V. O Credo de Niceia é utilizado pelas principais igrejas cristãs, inclusive na atualidade. Ao credo, foram

incorporados os *dogmas* cristãos. No cristianismo, A palavra “dogma” significa a “doutrina” acerca do ensinamento cristão correto. Portanto, são os dogmas cristãos que determinam os princípios centrais da fé cristã.

Conforme a doutrina da Igreja primitiva, Jesus era considerado **Deus e homem**. Homem porque os evangelhos ilustram um indivíduo que expressava emoções humanas; Deus porque expressou em diversas passagens bíblicas a Sua unidade com Deus ao afirmar, por exemplo, que “Eu e o Pai somos um” (João, 10,30). Outro dogma cristão é a **salvação individual**. O sofrimento, a morte e a ressurreição de Jesus são atribuídos a uma nova vida para o cristão. Isso porque o homem não pode salvar a si mesmo do poder que o pecado exerce sobre ele. A palavra salvo é um verbo de origem grega que significa “redimido”, “preservado”, curado”. Conforme a doutrina cristã, a salvação é dada livremente ao homem se ele acreditar em Cristo e em sua expiação. “Pela graça fostes salvos, por meio da fé, e isso não vem de nós, é o dom de Deus”, diz Paulo à Igreja de Éfeso (Efésios 2, 8). O terceiro dogma é a **salvação social**. Trata-se de uma esperança cristã ensinada por Jesus. Os cristãos creem que uma nova ordem social fraterna será estabelecida na terra e vivida pelos indivíduos salvos. A esperança cristã abrange ainda um aspecto “cósmico” de que haverá “um novo céu e uma nova terra” (GAARDER, HELLERN, NOTAKER, 2005, p. 175-181).

1.2 A Igreja Católica: dos primórdios à atualidade

A Igreja primitiva sofreu diversas perseguições do Império Romano, o que acarretou a morte de inúmeros cristãos. Conforme Aquino (2009), essa realidade perdurou até o ano de 313 D.C, quando o Imperador Constantino se converteu ao Cristianismo. Aproximadamente no ano de 390 D.C, o Imperador Teodósio declarou o Cristianismo como a religião oficial do império sem conflitos ou derramamento de sangue. Esse fato, de acordo com Aquino (2009), culminou na famosa citação do historiador francês Daniel Rops: “A espada se curvou diante da cruz”.

Alguns fundamentos da história da Igreja estão fundamentados nos Concílios¹. Os Concílios foram realizados pela Igreja ao longo do tempo, tendo em vista principalmente as definições da doutrina católica, com o intuito de combater os erros e heresias que

¹A palavra concílio, originária do latim *concilium*, significa convenção, reunião. No contexto da Igreja, os concílios são designados pelos nomes das cidades onde ocorriam as reuniões. Nessas reuniões, eram discutidas e definidas questões doutrinárias e de combate à heresia.

comprometiam a doutrina da fé. Até hoje, a Igreja Católica realizou no total vinte e um concílios.

O primeiro Concílio surge no ano de 325 D.C. Foi nomeado Concílio de Nicéia pelo Papa Silvestre I e durou aproximadamente dois meses. O Concílio de Nicéia estabeleceu como dogma que Jesus é Deus. Também fixou a data da Páscoa a ser celebrada no primeiro domingo após a primeira lua cheia da primavera, no hemisfério norte. Por fim, estabeleceu a ordem de dignidade dos Patriarcados: Roma, Alexandria, Antioquia, Jerusalém.

No ano de 381 D.C, o Papa Dâmaso I convoca o Concílio de Constantinopla. Nesse Concílio, foram tomadas outras decisões dentre elas: a confissão da divindade do Espírito Santo; a condenação do Macedonismo de Macedônio (patriarca de Constantinopla); a condenação de todos os defensores do arianismo (de Ário). A sede de Constantinopla recebe mais destaque do que as sedes de Jerusalém, Alexandria e Antioquia a partir desse Concílio.

Já no ano de 431 D.C foi convocado o Concílio de Éfeso pelo Papa Celestino I. As principais decisões tomadas nesse Concílio foram a de que Cristo é uma só pessoa em duas naturezas: humana e divina. Também foi estabelecida a definição do dogma da maternidade divina de Maria.

O próximo Concílio convocado foi o Concílio de Calcedônia. O Papa Leão I o convocou no ano de 451 D.C. Nessa reunião, foram tomadas decisões que ainda se referiam à dupla identidade de Jesus, afirmando ser Ele o mesmo: perfeito em divindade e em humanidade. Além disso, houve ainda a condenação da dasimonia, que é considerada a venda de dons espirituais.

Em 553 D.C, foi convocado o Concílio de Constantinopla II pelo Papa Virgílio. As principais decisões tomadas estavam relacionadas à Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Nesse Concílio, foi reafirmada a figura de Deus como Uno e Trino ao mesmo tempo.

O Concílio seguinte foi chamado de Concílio de Constantinopla III. Foi convocado pelo Papa Ágato nos anos de 680 D.C e 681 D.C. A principal decisão tomada nesse Concílio afirmava que as duas facetas de Jesus, a humana e a divina, andavam alinhadas e ligadas. Dizendo de outra forma, afirmou-se que a vontade humana de Jesus segue a vontade divina, sem se opor a ela, mas subordinando-se a essa vontade toda poderosa.

O sétimo Concílio foi chamado de Concílio de Nicéia II, sendo convocado pelo Papa Adriano I, em 787 D.C. A principal decisão foi o combate às concepções iconoclastas (condenação ao uso de imagens).

Já o oitavo Concílio ocorreu entre 869 D.C e 870 D.C. Foi nomeado Concílio Constantinopla IV, sendo convocado pelo Papa Nicolau e finalizado pelo Papa Adriano II. As principais decisões foram a extinção da ideia do cisma entre a Igreja oriental e a ocidental e também a deposição de Fócio do cargo de patriarca de Constantinopla.

Conforme Aquino (2009), no período de 1050 D.C a 1350 D.C, a Igreja Católica passou por um período de diversas realizações. A começar pelo fato de que a Igreja e o Estado caminhavam de forma harmônica. Essa época foi marcada sobretudo pela manifestação da fé e pela busca dos sacramentos e do ideal cristão no Ocidente. Já no Oriente, essa realidade religiosa se mostrava decadente devido a ataques dos chamados turco otomanos. O apogeu desse período ocorreu com a gerência do Papa Inocêncio III (1198-1216) quando foram construídas várias catedrais e conhecidas universidades como as de Oxford e de Coimbra. Além disso, surgiram inventos nesse período que são até hoje utilizados como a bússola, o relógio de corda, o conclave, que é um evento que elege os sumo-pontífices. Inocêncio III foi um dos Papas mais influentes da história da Igreja tendo em vista a soberania da Igreja Católica nesse período.

Outro marco da história da Igreja é o início do Renascimento, por volta do ano de 1450. O Renascimento surgiu devido a vários eventos que aconteciam na Europa tais como: as cruzadas, as pestes e o aumento significativo da população. Nesse novo período, foram retomadas algumas concepções clássicas anteriores à Idade Média fundamentadas em um ideal naturalista e humanista, o que acarretou um rompimento entre o Estado e a Igreja. Nesse contexto, em 1517 surge o Protestantismo com Martinho Lutero que promove a criação de várias igrejas a partir de uma análise livre da Bíblia.

Diante desse acontecimento, surge a contrarreforma, que levou à convocação do Concílio de Trento, em 1545. Esse Concílio durou aproximadamente dezoito anos. Três Papas participaram dele sendo eles o Papa Paulo II, o Papa Júlio III e o Papa Pio VI. O objetivo do Concílio de Trento foi promover uma revisão da doutrina católica frente às críticas feitas por Martinho Lutero. Contudo, não houve mudanças em termos de doutrina, mas sim em atividades pastorais e jurídicas. A Igreja Católica se estabilizou, vivendo 307 anos sem a convocação de um novo concílio.

O século XVIII trouxe grandes impactos para a Igreja Católica, levando à perda de sua supremacia. Durante a Revolução Francesa, em 1789, surgiu o racionalismo. Conforme essa corrente, o conhecimento de Deus era baseado apenas na razão. O que se opõe ao que era ensinado pelo catolicismo que se baseava nas verdades reveladas pela Bíblia.

O avanço do racionalismo gerou o Concílio Vaticano I. Esse Concílio foi convocado pelo Papa Pio IX, no ano de 1869 D.C. Nesse encontro, foi firmada a infalibilidade do Papa quando o sumo-pontífice se pronunciasse “ex-cátedra”, ou seja, como mestre da Igreja em questões de fé e de moral.

Outro marco na história da Igreja Católica se deu com a II Guerra Mundial, com início em 1939 e término em 1945. Nesse período, a sociedade passou por mudanças significativas nos campos político, social, econômico e tecnológico-científico. Tais mudanças levaram à necessidade de uma atualização pastoral do relacionamento entre a Igreja e o mundo. Para tanto, foi convocado o Concílio Vaticano II pelo Papa João XXIII, em 1962, sendo concluído pelo Papa Paulo VI, em 1965.

O Concílio Vaticano II atualizou a postura tradicional da Igreja para apresentar ao mundo contemporâneo a doutrina católica adquirida no decorrer dos séculos. Portanto, esse Concílio não configura o rompimento com o passado da Igreja, mas uma atualização da prática pastoral na sociedade moderna. Segundo os documentos do Concílio, era necessária uma renovação litúrgica e bíblica e ainda a participação do leigo na Igreja. Assim, foram abertos caminhos para que vários movimentos de cunho social tivessem espaço dentro da Igreja. O Concílio Vaticano II foi o último Concílio convocado até a atualidade, tendo passado por diversos Papas.

Dentre os vários Papas contemporâneos, destacamos o papado de Bento XVI por sua contribuição teológica. Bento XVI, além de escrever vários documentos para a Igreja, foi um marco importante na história da Igreja Católica pela renúncia ao papado na era moderna da Igreja. Destacamos também a figura do Papa atual, o Papa Francisco, por seu posicionamento humilde que se configura na escolha do nome que se remete ao santo a favor dos pobres.

A mudança do nome no âmbito eclesial traz simbologias. Aquino (2009) afirma que no contexto bíblico essa mudança ocorria a partir de uma importante missão que era concedida aos indivíduos. Ele complementa que para os judeus o nome do sujeito traduz a sua identidade e a sua missão. Como exemplo, ele cita o nome Jesus que significa “Deus salva”, remetendo a Sua identidade divina (Deus) e a sua missão (salvar). Jorge Mario Bergoglio ao adotar o nome de Francisco se compromete em sua missão papal a imitar as práticas do santo que igualmente imitou Jesus, lutando assim por uma Igreja menos ostensiva e mais caridosa.

1.3 surgimento do movimento pentecostal

1.3.1 Considerações sobre um movimento anterior: o metodismo

O movimento pentecostal teve a sua origem no protestantismo, que surgiu com a Reforma de Lutero, em 1517. Tanto os cristãos protestantes quanto os pentecostais professam que o indivíduo pode experimentar o poder espiritual da salvação num nível puramente pessoal de relacionamento com Deus. Para tanto, o indivíduo passa por dois estágios. São eles: a conversão e o batismo na água. O que diferencia o protestantismo do pentecostalismo é um terceiro estágio: o batismo do Espírito Santo. Os pentecostais consideram o batismo do Espírito Santo uma “experiência da profusão e do poder do Espírito Santo, como a que os discípulos tiveram em Pentecostes (GAARDER; HELLERM; NOTAKER, 2005, p. 222-223).

Antes de abordar diretamente o pentecostalismo, consideramos imprescindível abordar o movimento protestante metodista que possui estreitas relações com o Pentecostalismo. Conforme Campos Jr. (1995), o metodismo foi fundado por John Wesley na Inglaterra. John Wesley foi um ministro anglicano comum que, após ter tido uma “revelação espiritual”, começou um movimento de reavivamento cristão. Esse reavivamento não foi considerado uma revolta contra a doutrina da igreja da Inglaterra. Porém, como os membros da igreja divergiam entre si, acabou ocorrendo uma ruptura, surgindo assim o metodismo (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2005, p. 216).

De acordo com Campos Jr. (1995), foi em 24 de maio de 1774 que John Wesley teve sua “experiência do coração aquecido”, que o incentivou a buscar maior motivação da sua crença: após a justificação, o homem deve se dedicar à santificação. Além disso, John Wesley incentivava orações e isolamento. Essa experiência o levou a modificar a sua prática religiosa sem deixar de ser fiel ao anglicanismo. Passou então a pregar fora dos templos, atingindo assim inúmeros trabalhadores e mineiros ingleses. John Wesley ainda realizava constantes reuniões e estudos bíblicos com dia e hora previamente marcados.

Outro fator que diferenciava o metodismo do anglicanismo era a participação de pregadores leigos. Campos Jr. (1995, p. 13) menciona a figura de um pedreiro chamado Nelson. Ele era um leigo que teve a permissão de John Wesley para pregar a fim de expandir a propagação da fé.

O metodismo que surgiu na Inglaterra se expandiu para a América do Norte. Vários imigrantes ingleses partiram para a nova terra devido aos problemas religiosos na Europa. Os puritanos ingleses fugiram de perseguições realizadas por Tiago I e Carlos I. Dentre esses imigrantes, havia muitos pregadores metodistas, inclusive pregadores leigos, que procuravam propagar a fé a seus fiéis.

Os metodistas norte-americanos propagavam a fé utilizando dois métodos: o *campmeeting* (acampamentos em que eram enfatizados a oração e a leitura da Bíblia) e o *circuitrider* (em que o pregador se deslocava). O *campmeeting* contava com pregadores itinerantes que tinham pouca instrução. Portanto, identificavam-se com os povos de fronteira, pois pertenciam à mesma camada social. Logo, compartilhavam um universo mental semelhante. Já o *circuitrider* se deslocava frequentemente de uma localidade a outra pregando inúmeras vezes o mesmo sermão. A pregação constante o transformava em um comunicador habilidoso que conseguia reunir muitos adeptos em suas concentrações. Fato que aproxima o protestantismo avivalista dos séculos XVIII e XIX ao pentecostalismo do século XX.

Os fiéis se reuniam para cantar, orar e muitas manifestações de êxtase já aconteciam nesses encontros de reavivamento. Assim, coincidindo com a colonização norte-americana, o protestantismo era inserido na América do Norte por metodistas e ainda por outros grupos com “idéias de reavivamento e distanciamento em relação ao ‘mundo’” (CAMPOS JR., 1995, p. 15-18). Ainda sobre o metodismo, sua maior preocupação era com a santificação. Para consegui-la, o seguidor precisava de muita oração diária. Para os metodistas, a santificação é considerada um “dom proveniente de Deus.”

Esse contexto de acentuada preocupação com a santificação foi passando para outros movimentos religiosos no decorrer da história até chegar aos grupos pentecostais que deu origem a sua doutrina básica: o batismo do Espírito Santo.

1.3.2 A origem do pentecostalismo

A palavra pentecostalismo teve sua origem em um evento bíblico denominado Pentecostes. Foi um evento descrito no segundo capítulo do livro de Atos dos Apóstolos. O Pentecostes aconteceu cinquenta dias após a ressurreição de Jesus. Os Seus discípulos foram surpreendidos por uma forte ventania que trouxe a efusão ou batismo do Espírito Santo. Após

esse evento, os discípulos passaram a ter um ou mais dons (ou carismas) como a glossolalia², o dom de profetizar, o dom de curas (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2005).

O movimento pentecostal teve a sua origem nas doutrinas de John Wesley que tinha como alicerce a dedicação do homem à santificação. Mas foi em 1901 que efetivamente surgiu o movimento nos Estados Unidos através dos movimentos avivalistas dos séculos XVIII e XIX em que os pregadores itinerantes acreditavam na promessa do “derramamento do Espírito Santo” (CAMPOS JR., 1995, p. 20-21).

Em meados do século XIX, surgiu nos Estados Unidos um movimento de santificação chamado *holiness* que se baseava na doutrina de John Wesley. Esse movimento fez a distinção entre conversão e santificação depois de se separarem dos metodistas carismáticos. Conforme Campos Jr. (1995), a santificação para esse grupo era denominado de “batismo do Espírito Santo”. Desde então, surgiram várias denominações nos Estados Unidos que compartilhavam a crença no batismo do Espírito Santo.

Foi Charles Parham que aprofundou a discussão sobre o batismo do Espírito Santo. Ele propôs aos seus alunos do Colégio Bíblico Betel, em Kansas, o questionamento: “existiria uma evidência bíblica para o batismo do Espírito Santo?” (CAMPOS JR., 1995, p.22). A resposta encontrada pelos estudantes após uma extensiva pesquisa na Bíblia foi a glossolalia, ou seja, o dom de falar línguas estranhas. A comprovação da resposta veio pela experiência vivenciada na passagem de ano, em 1901. Conforme Campos Jr. (*Ibid*):

Durante uma vigília Agnez Ozman (uma das alunas de Parham) sentiu a necessidade de receber preces com imposição de mãos (geralmente o pastor coloca as duas mãos sobre a cabeça do fiel para orar por ele). Com a oração Ozman falou em outras línguas: era o começo do pentecostalismo nos EUA.

Do Kansas, o movimento pentecostal começou a avançar pelos Estados Unidos. A começar pela criação da escola bíblica de Houston, no Texas, em 1905, por Parham, que considerava a importância de uma igreja ser alegre, dinâmica e conduzida pelo Espírito Santo. Foi nessa escola que o aluno Seymour foi convencido de que a glossolalia era o sinal do batismo do Espírito Santo. Seymour era um pregador negro pertencente à seita *Holiness*. Em Los Angeles, começou a pregar considerando o batismo do Espírito Santo como a “terceira bênção” do estágio da vida espiritual do pentecostal. Para ele, o primeiro estágio da vida

² Glossolalia é considerado o dom de falar línguas estranhas. Alguns pentecostais católicos e protestantes afirmam a possibilidade da glossolalia se manifestar de duas formas: através das línguas estrangeiras (inglês, francês, alemão, etc.) e línguas com sons indefinidos.

espiritual é a conversão ou a regeneração; o segundo é a santificação e o terceiro o batismo do Espírito Santo. Em Los Angeles, Seymour pregou sobre a experiência da glossolalia em uma igreja resultante do avivamento americano ocorrido no século XIX. Porém, houve resistência por parte dos protestantes mais conservadores, o que o levou a realizar as reuniões em uma casa ao norte de Los Angeles.

Em uma dessas reuniões, no dia 6 de abril de 1906, estavam reunidas sete pessoas e um menino de oito anos na casa. Os participantes da reunião falaram em línguas estranhas. Essa experiência despertou a atenção de pessoas que ouviam os sons intensos (músicas e palmas) e começaram a freqüentar as pregações. Com o aumento de participantes nas pregações, Seymour transferiu as reuniões para um velho templo metodista localizado na rua Azusa onde permaneceu por três anos.

Assim os grupos pentecostais começaram a crescer e a se associarem. Realizaram então a primeira convenção em Hot Springs, no estado de Arkansas, em 1914. Campos Jr. (1995, p. 23) comenta que essa convenção favoreceu a criação da denominação General Council, que se originou em 1919, passando a se chamar posteriormente Assembléia de Deus.

Dos Estados Unidos o Pentecostalismo avançou pelo mundo. Vários missionários americanos foram enviados a diversas partes do mundo para difundir o movimento. No Brasil, um imigrante sueco chamado Daniel Berg juntamente com Gunnar Vingren fundaram a primeira Assembléia de Deus no país, em Belém do Pará.

O Pentecostalismo se iniciou sob a influência da Assembléia de Deus. Na mesma época em que a Assembléia de Deus iniciou as suas atividades, surge nos Estados Unidos a Congregação Cristã, fundada por Luigi Francescon. Posteriormente, em 1918, surge outro ramo do Pentecostalismo: a igreja do Evangelho Quadrangular. Ambas denominações que chegaram ao Brasil.

1.3.3 O Pentecostalismo no Brasil

O Pentecostalismo foi introduzido em terras brasileiras por missionários estrangeiros provenientes dos Estados Unidos. Esses missionários difundiram no país as denominações com lideranças estrangeiras: a Congregação Cristã, a Assembléia de Deus e a Igreja do Evangelho Quadrangular.

Luigi Francescon iniciou uma missão na América Latina, chegando primeiro na Argentina vindo posteriormente para o Brasil a fim de cumprir uma revelação que dizia ter

recebido de Deus: iniciar um trabalho pentecostal na América Latina. O fundador da Congregação Cristã iniciou a sua doutrina pelos estados do sul do país, partindo então para os estados do norte. Luigi Francescon atingiu tanto as colônias de imigrantes italianos quanto os indivíduos mais pobres. Por possuir uma linguagem simples, ele se aproximava dos setores mais pobres da população.

Já as Assembléias de Deus surgiram em Belém do Pará e foi se espalhando pelo estado do Pará. Posteriormente, passou para os estados do Nordeste, avançando ao sul do país. Os missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren vieram para o Brasil em 1910. No Brasil, o primeiro nome do movimento foi Missão da Fé Apostólica. O nome Assembléia de Deus foi adotado em 1918.

Outro ramo do Pentecostalismo em terras brasileiras é a igreja do Evangelho Quadrangular. Essa denominação chegou ao Brasil em 1951. Harold Williams foi o missionário americano que trouxe o movimento para o Brasil. Ele iniciou as suas atividades em São João da Boa Vista, passando posteriormente para São Paulo. O que diferencia a igreja do Evangelho Quadrangular da Congregação Cristã e da Assembléia de Deus é a utilização de tendas de lona. As tendas de lona são consideradas uma estratégia que visa aproximar a igreja do povo. Assim, com a expansão desse ramo do Pentecostalismo, ocorreu a divulgação dessa doutrina pentecostal que enfatiza o batismo do Espírito Santo e a cura divina.

Depois da década de 50, o perfil do Pentecostalismo no Brasil mudou. Os novos movimentos pentecostais foram organizados e liderados por brasileiros e não mais estrangeiros provenientes dos Estados Unidos. Dentre essas novas denominações, destacamos a igreja pentecostal O Brasil para Cristo, liderada pelo pernambucano Manoel de Melo, que foi um evangelista da Assembléia de Deus. Outra denominação é a igreja pentecostal Deus é Amor que foi fundada por David Martins Miranda.

Destacamos ainda a igreja Universal do Reino de Deus (IURD) fundada por Edir Macedo, que pertenceu à igreja Nova Vida. Iniciou as suas atividades em julho de 1977, no Rio de Janeiro, sendo que em 1985 a IURD se espalhou por quase todas as capitais do Brasil. Um traço distintivo da IURD das demais denominações é a utilização de um discurso imediatista. Trata-se de um discurso amplamente divulgado - tanto pelo rádio quanto pela TV - buscando atingir todas as classes sociais, além de ter sucesso ao recrutar membros de outras denominações, principalmente a Umbanda e o Candomblé. (FERNANDES et al (1998). Isso porque, conforme Campos Jr. (1995, p. 55-59), a utilização de uma linguagem “mais popular” como, por exemplo, o termo “olho gordo”, que simboliza a “inveja”, é utilizado por esse ramo pentecostal ao mencionar os problemas cotidianos. Dessa forma, o indivíduo se identifica com

a linguagem utilizada pelo pastor que promete a solução para todos os problemas pelos quais passa a população.

Dessa forma, os líderes atraem um maior número de adeptos por articularem religião aos valores e crenças populares da cultura brasileira. Como conseqüência, vemos a expansão tanto da IURD quanto das demais denominações pentecostais que atingem os setores mais pobres da população brasileira.

1.3.4 O surgimento do pentecostalismo católico

O Pentecostalismo não se limitou ao meio protestante. Ao contrário, também surgiu na Igreja Católica. Como o movimento se subordinou à tradição da Igreja, foi aceito pelo Papa. Falamos então em um Pentecostalismo católico por seguir tanto a Bíblia quanto a tradição da Igreja.

De acordo com Campos Jr. (1995), o Pentecostalismo católico surgiu nos Estados Unidos. Em 1967, os católicos norte-americanos já tinham a intenção de iniciar uma “experiência de reavivamento”. Isso porque alguns estudantes, professores e clérigos da Universidade de Duquesne, na Pensilvânia, estavam desmotivados. O autor acredita que a desmotivação provavelmente seja devido ao ritualismo e à liturgia pré-estabelecidos nas missas que não valorizavam o aspecto emocional.

O movimento pentecostal católico foi iniciado com base no livro *A cruz e o punhal*, escrito pelo pentecostal protestante David Wilkerson. A obra escrita por Wilkerson (2008) narra a forma como alguns jovens envolvidos com marginalidade e drogas na periferia de Nova York passaram a frequentar as suas reuniões de reavivamento. O autor relata ainda que pelo batismo do Espírito Santo os viciados “conseguiram se libertar” das drogas. Além disso, detalha o processo de conversão de líderes das gangues juvenis. Ele ainda ressalta que o trabalho realizado junto a esses jovens ligados à criminalidade apresenta um forte componente emocional.

Com base nas idéias do livro *A cruz e o punhal* e com reuniões de oração, foi dado início então o Pentecostalismo católico nos Estados Unidos. Porém, a experiência com o batismo do Espírito Santo efetivamente aconteceu no dia 1º de março de 1967, na Universidade de Duquesne, em um encontro entre católicos e pentecostais. Após orações com imposição de mãos feita por protestantes pentecostais, os católicos receberam o batismo do

Espírito Santo. Os resultados foram manifestos com o aparecimento de experiências de êxtase similares as dos pentecostais protestantes.

A experiência vivenciada na Universidade de Duquesne logo se espalhou por outras universidades norte-americanas. Dentre elas, a Universidade de NotreDame. Nessa universidade, os acontecimentos pentecostais tais como falar línguas estranhas, euforia, sentimento de alegria e êxtase se repetiram. E o movimento passou então a ser difundido por outros estados americanos. Logo, o movimento ultrapassou as fronteiras americanas, chegando ao Canadá, a Austrália, a Nova Zelândia e ainda na América Latina e na Europa.

O movimento foi aceito pela Igreja Católica em 1973, quando foi realizado um congresso em Roma sobre a Renovação Carismática na Igreja Católica. Foi nesse congresso que o Papa Paulo VI se manifestou favorável ao ramo carismático na Igreja Católica. No pontificado do Papa João Paulo II também houve apoio à experiência carismática na Igreja Católica.

Campos Jr. (1995, p. 95) confere essa manifestação favorável a esse movimento proveniente do protestantismo a “uma tentativa da instituição Igreja de manter tal movimento como parte de seu rebanho”. O autor considera ainda que o que diferencia o Pentecostalismo protestante do Pentecostalismo católico são as inúmeras cisões doutrinárias existentes no protestantismo. Ao contrário do catolicismo, que concebe a Renovação Carismática como parte da instituição, aceitando se subordinar à tradição da Igreja. Dizendo de outra forma, o movimento pentecostal católico preserva as doutrinas básicas do catolicismo.

1.3.5 Doutrina católica incorporada ao movimento carismático

Acerca das doutrinas católicas que são incorporadas ao movimento carismático, Reis (2013) traça algumas considerações. A começar pela orientação dada ao Diretor Espiritual ou Assessor Eclesiástico da Renovação Carismática Católica a quem cabe

Ajudar a equipe a formular teologicamente sua presença na Igreja, enquanto espiritualidade, instruindo-a e exortando-a e, sobretudo, **zelando para que a Doutrina do Magistério seja observada em seus ensinamentos e ações, garantindo-se, assim, a catolicidade da RCCem todas as suas expressões**, em comunhão com toda a Igreja. (REIS, 2013, p. 99, grifo nosso)

Assim, a Renovação Carismática só é reconhecida como parte da Igreja porque se submete ao seu Magistério. Essa submissão implica principalmente considerar o papel de Maria na Renovação Carismática.

Desde o início da tradição católica, Maria é considerada a mãe e o modelo da Igreja. Por isso a veneração de Maria como mãe de Cristo tem sido sempre uma parte importante da devoção católica (BRANT, 1964, P. 64). Essa devoção surgiu através de solenes declarações *ex - cathedra* proferidas pelo Papa. A primeira, proferida pelo Papa Pio IX, afirma que a “Virgem Maria (...) foi preservada e isenta de toda mácula do pecado original” (BRANT, 1964, p. 67). Já uma segunda doutrina foi proferida pelo Papa Pio XII. A doutrina pronuncia, declara e define como sendo um dogma divinamente revelado “que a Imaculada Mãe de Deus, a sempre Virgem Maria, tendo completado o curso da sua vida terrena, ascendeu em corpo e alma à glória celestial” (BRANT, 1964, p. 67). Em outros termos, a Igreja afirma que, como Jesus, Maria ressuscitou. Portanto, a Igreja Católica concede a Maria uma posição de destaque.

Nesse sentido, compreendemos a fala do Cardeal Suenens em um Congresso Internacional da Renovação Carismática que aconteceu em Indiana nos Estados Unidos, em 1973: “e agora, se lhes agrada, vou contar-lhes um segredo que vai ajudá-los a acolher calorosamente o Espírito Santo: esse segredo tem um nome; chama-se **união com Maria.**” (REIS, 2013, p. 103, grifo nosso)

A união com Maria é referendada pelos posicionamentos dos Papas João Paulo II e Bento XVI. Ambos confirmam a posição de destaque conferida a Maria na Igreja. Na Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, João Paulo II explica que:

Como os apóstolos depois da ascensão de Cristo, a Igreja deve reunir-se no Cenáculo ‘**com Maria, a Mãe de Jesus**’ (At, 1,14), a fim de implorar o Espírito e obter força e coragem para cumprir o mandato missionário. Também nós, bem mais do que os apóstolos, temos necessidade de ser transformados e guiados pelo Espírito (REIS, 2013, p.103, grifo nosso).

Como João Paulo II, Bento XVI na oração do Regina Caeli, em 23 de maio de 2011, confirmou a importância da presença de Maria no Pentecostalismo católico ao afirmar que “não existe Igreja sem pentecostes. E não existe pentecostes sem a Virgem Maria” (REIS, 2013, p. 104).

Assim, o Pentecostalismo católico considera que a efusão do Espírito Santo é garantida a partir da união com Maria. Eis um traço distintivo da doutrina protestante cujo único alvo é Jesus Cristo.

1.4 Renovação Carismática Católica: berço dos Padres midiáticos

1.4.1 A Renovação Carismática Católica

A Renovação Carismática Católica chegou ao Brasil em 1969. O movimento se enraizou em Campinas, no estado de São Paulo. Logo, os grupos de oração carismáticos se espalharam pelo país. Já se expandiu para cento e quinze dioceses do Brasil. Esses grupos são formados por pequenas equipes de serviço formadas por leigos que apóiam as suas coordenações. Além disso, os Bispos incentivam a criação de grupos locais e ainda promovem e patrocinam os encontros carismáticos.

Porém, a Renovação Carismática se depara com uma “concorrência” existente dentro da Igreja Católica. Isso porque a instituição católica abriga, além do movimento carismático, duas alas distintas ideologicamente que concorrem entre si: a ala conservadora e a ala do clero progressista denominado teologia da libertação.

Conforme Campos Jr. (1995), a ala conservadora busca a conservação das posições doutrinárias tradicionais da Igreja Católica. Já a ala progressista, busca uma teologia voltada para o compromisso social. Dois teóricos são destacados na ala progressista: Gustavo Gutierrez e o brasileiro Leonardo Boff. Campos Jr. explica que

as ideias defendidas por estes teólogos propõem uma participação popular intensa, onde o ‘evangelho integral’ aborda os principais problemas que envolvem o homem em sociedade, como a propriedade e divisão de riqueza, entre outras inúmeras propostas. Tais questões têm prioridade em relação às posições políticas religiosas menos comprometidas, sendo que a Igreja e seus fiéis devem se engajar nas lutas sociais (CAMPOS JR., 1995, p. 95).

Ao contrário das alas conservadoras e progressistas da Igreja Católica, a Renovação Carismática é voltada para uma teologia “mais espiritual”. Nesse sentido, procura estudar as passagens bíblicas através de uma interpretação “espiritualista” além de considerarem de ordem divina os fenômenos relacionados às manifestações de êxtase. Dentre esses fenômenos, Campos Jr. (1995, p. 97) destaca o *falling phenomenon* ou fenômeno da queda. Os avivalistas católicos atribuem a queda do indivíduo como sendo a ação do Espírito Santo. Assim, a experiência carismática vem sendo interpretada pelos carismáticos como um “despertar de nova espiritualidade”.

Porém, o que motivou a criação da Renovação Carismática Católica? Tal questionamento precisa ser considerado já que o Pentecostalismo católico é considerado pelos

católicos tradicionais uma “outra igreja dentro da Igreja”. Por um lado, enxergamos uma Igreja que buscou efetivamente recuperar as experiências ocorridas na Igreja primitiva em que os apóstolos faziam milagres e expandiram o Cristianismo. Porém, por outro lado, o movimento pentecostal católico pode ser compreendido como uma reação ao avanço do Pentecostalismo protestante que cresceu sobretudo no Brasil (CAMPOS JR., 1995).

Esse fato pode ser confirmado pelo último censo realizado pelo IBGE em 2010 no Brasil. Conforme o censo, 86,8% da população brasileira é formada por cristãos, sendo 64,6% católicos e 22,2% evangélicos. Embora a maior parte da população brasileira seja católica, os números mostram uma redução nos números de católicos no país, que corresponde a uma retração de 22%, em comparação com o censo realizado em 2000, e a expansão de cristãos evangélicos. Esse dado confirma que o quantitativo de evangélicos no Brasil cresceu consideravelmente em relação ao crescimento de católicos no país.

O Brasil é um país conhecido mundialmente pela estátua do Cristo Redentor no Rio de Janeiro. Essa estátua é um símbolo que configura o Brasil como um país predominantemente católico. Porém, essa realidade vem mudando com o crescente aumento de evangélicos no país. Nessa perspectiva, em alguns anos, a estátua do Cristo Redentor provavelmente não mais representará a concepção ideológica religiosa da maioria dos brasileiros. Isso porque a veneração de imagens sacras vai contra a concepção ideológica dos cristãos protestantes, incluindo os pentecostais, que “abominam como idolatria o uso que os católicos fazem das imagens sacras” (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2005, p. 300).

Com o surgimento da Renovação Carismática, sobretudo no Brasil, a Igreja tem buscado manter os seus fieis a fim de manter a sua supremacia na nação brasileira. O movimento carismático possibilita um debate ecumênico sem deixar de preservar algumas posturas básicas da doutrina católica. Mesmo aliando uma experiência espiritualista, a crença nas ações milagrosas de santos e imagens a favor dos fieis é mantida. (CAMPOS JR., 1995, p. 100)

O que aproxima o pentecostal protestante do pentecostal católico é o Espírito Santo, que, conforme Gaarder, Hellern e Notaker (2005), representa a permanência de Jesus no mundo. A Renovação Carismática Católica, portanto, passa a apresentar ao fiel *a priori* a figura do Espírito Santo (considerado Jesus Cristo). Posteriormente, a figura de Maria como mãe da Igreja e os santos são apresentados. Já a ala tradicional da Igreja preocupava-se prioritariamente com uma devoção mariana e aos santos que conduzem a Jesus Cristo, o que configura uma inversão da ordem de prioridade devocional.

Reis (2013) menciona o Padre Salvador Carrillo Alday, que foi um dos pioneiros da Renovação Carismática Católica na América Latina responsável pelos principais estudos sobre o movimento. O Padre Salvador Carrillo Alday considerou a Renovação Carismática como uma “Renovação Cristã com o Espírito Santo”. Reis (2013, p. 45) ainda destaca uma observação feita por Bento XVI feita ao Cardeal Paul Josef Cordes, em 2009, ao afirmar que ele “abriu novos caminhos para levar os jovens a Cristo com valentia e criatividade, no início do seu trabalho em Roma” (SUENENS, 1989, p. 40). Consideramos que esses dizeres condizem com a prioridade principal da Renovação Carismática Católica: “apresentar” os indivíduos primeiramente a Cristo para que possam viver uma experiência pessoal com Jesus.

Ao contrário, a visão tradicional da Igreja já enfatiza em seus discursos a caridade como sendo “a alma da santidade a qual todos são chamados. Ela dirige todos os meios de santificação, dá-lhes forma e os conduz ao fim” (Caderno de Catecismo Igreja Católica, §826). Isso leva a ala tradicional da Igreja a priorizar principalmente a veneração a Maria e santos, já que foi pela caridade que alcançaram a santidade. Os sacrifícios os levaram a renunciar a tudo – riqueza, prazeres, liberdade e até a própria vida para escaparem do pecado mortal. Dizendo de outro modo, os santos são exemplos a serem seguidos pelos católicos para que, como eles, os católicos alcancem a união íntima com Jesus Cristo (BRANT, 1964, p. 162-163).

Como podemos observar, a ala tradicional da Igreja prioriza Maria, os santos e, por fim, Jesus Cristo. Já a Renovação Carismática faz uma inversão na ordem de prioridades, apresentando primeiro Jesus Cristo, não deixando de venerar Maria e os santos.

1.4.2 O papel da mídia na divulgação dos padres midiáticos

A Renovação Carismática Católica iniciou uma nova fase no que se refere a anunciar Jesus Cristo através dos meios de comunicação mediada a fim de alcançar milhares de pessoas. Conforme Thompson (1998), a comunicação mediada pode ser compreendida como

uma série de fenômenos que emergiram historicamente através do desenvolvimento de instituições que procuraram explorar novas oportunidades para reunir e registrar informações, para produzir e reproduzir formas simbólicas, e para transmitir informação e conteúdo simbólico para uma pluralidade de destinatários (THOMPSON, 2002, p. 32).

A fim de explorar novas oportunidades, na segunda metade de 1985, na América Latina, foi criada a Associação Latino Americana de evangelização dos meios de

comunicação social. Essa associação denominada *Lumen-America Latina*, com sede na Colômbia, ficou responsável pela coordenação de três departamentos: rádio, televisão e publicações.

Nessa época, a televisão havia se tornado o veículo de comunicação dominante já que a sociedade passava a girar em torno principalmente da TV. Isso porque a televisão não era mais vista como um meio de comunicação que permitia que as pessoas vissem o mundo através da tela de forma transparente. A partir da década de 80, a transparência da TV deu lugar à opacidade. Ou seja, a TV deixou de transmitir o mundo e passou a fabricar mundos. Nesse sentido, a TV passa ser vista como um espetáculo que vende sonhos. Pela tela, o telespectador vê o estúdio que produz mundos de forma intimista buscando aproximar as pessoas através dos *closes* e *zoom* da câmera (MARCONDES FILHO, 1994, P. 15-20).

Com a supremacia da televisão, a *Lumen America Latina* criou um programa principal na TV com o mesmo nome em toda América Latina. O nome do programa no Brasil é *Anunciamos Jesus*. Esse programa televisivo foi iniciado e apresentado por muito tempo pelo Padre carismático Eduardo Dougherty (ASSMANN, 1986, p. 59-63).

No Brasil, a evangelização midiática expandiu efetivamente a partir da década de 1990. Foi nessa época que surgiram os “padres cantores” que utilizavam a música para animar as suas homilias e os ritos durante a missa. Esses Padres utilizaram principalmente o espetáculo televisivo como aporte midiático para divulgar o evangelho.

Um dos precursores dessa nova evangelização na mídia foi o Padre Marcelo Rossi que começou a celebrar as missas aos domingos na TV. As missas celebradas por Padre Marcelo Rossi têm como característica a música e a animação ao proclamar o evangelho. Posteriormente, outros Padres carismáticos têm surgido e se destacado na mídia brasileira. Dentre eles destacamos os Padres Reginaldo Manzoti, Alessandro Campos, Juarez de Castro, Fábio de Melo. Todos utilizam a música para apresentar Jesus aos fiéis.

1.4.3 Padre Fábio de Melo: o carismático Padre *pop star* católico

Fábio José de Melo Silva, além de Padre, é cantor, compositor, poeta, escritor, apresentador e já atuou como professor universitário.

Mineiro da cidade de Formiga, nasceu no dia 03 de abril de 1971. É o caçula dos oito filhos da dona de casa Ana Maria de Melo Silva e do pedreiro Dorinato Bias Silva. Nasceu em uma família de origem humilde e tradicionalmente católica.

A religiosidade da família é confirmada em uma entrevista feita com a mãe de Padre Fábio de Melo. Mendonça (2013, p. 48) confirma a religiosidade da família a partir do comentário da Sra. Ana ao afirmar que “possuía um desejo silencioso de ter um filho Padre, mas salientou que nunca incentivou nenhum de seus filhos diretamente a ser sacerdote.” Além disso, a mãe de Padre Fábio de Melo ainda enfatizou na entrevista que, além de transmitir os valores católicos a todos os filhos, ensinou-lhes a rezar e a “buscar o amparo da fé cristã católica para enfrentar as adversidades vividas pela família”. A família enfrentou diversas dificuldades financeiras e emocionais como o alcoolismo do Sr. Dorinato e o envolvimento de um dos irmãos de Fábio de Melo com drogas. Com dezesseis anos de idade, Fábio de Melo comunicou a mãe a sua decisão de ser Padre, tendo se ordenado em 2001, em sua terra natal.

Fábio de Melo conta com uma formação acadêmica superior a dos padres midiáticos da atualidade. Ele concluiu o Ensino Fundamental na Escola Estadual Abílio Machado em Formiga. Estudou o Ensino Médio no Colégio Nossa Senhora de Lourdes na cidade mineira de Lavras. Sua formação de nível superior foi em Filosofia na Fundação Educacional de Brusque, em Santa Catarina. No Rio de Janeiro, pós-graduou-se em Educação e tornou-se mestre em Teologia Sistemática em Belo Horizonte, no Instituto Santo Inácio, onde também atuou como professor universitário. Fábio de Melo recebeu uma educação sacerdotal nos seminários voltada para ocupar os espaços da mídia religiosa e leiga (MENDONÇA, 2013).

Com essa formação, Fábio de Melo se tornou apto a interagir com a comunicação social. Como artista da fé, tornou-se compositor e cantor. De acordo com o site pessoal do Padre³, a mensagem de Jesus Cristo é o viés de suas composições. As mensagens musicais ainda trazem conhecimentos literários e filosóficos o que faz de Fábio de Melo um artista completo e consolidado como um dos atuais pilares da música católica religiosa. Prova disso é que, em setembro de 2016, foi indicado a concorrer ao 17º Grammy Latino de 2016 na categoria Melhor álbum cristão de Língua Portuguesa com o disco *Deus no esconderijo do verso*.

Fábio de Melo, além de compositor e cantor, também é apresentador. Há onze anos, ele apresenta o programa *Direção Espiritual* exibido pela emissora católica Canção Nova. O programa é apresentado às quartas-feiras, das 22h às 23h, e tem reprise aos sábados, a partir de 1h, e aos domingos às 20h. O apresentador começa o programa cantando uma canção e

³Informações obtidas no site WWW.fabiodemelo.com.br. Acesso em 7 outubro de 2016.

discursando sobre algum tema. Posteriormente, ele interage com o telespectador, respondendo perguntas enviadas pelas redes sociais que são previamente lidas e respondidas no ar.

O programa *Direção Espiritual* busca levar o telespectador a refletir sobre as situações do cotidiano que precisam de uma mudança de vida. Fábio de Melo aconselha os indivíduos baseado nos ensinamentos de Jesus. Partindo da concepção cristã, o programa favorece que o indivíduo busque o autoconhecimento e também entenda mais sobre o mundo no qual está inserido.

Para efeitos dessa pesquisa, consideramos pertinente enfatizar que no programa *Direção Espiritual* as falas de Padre Fábio de Melo enfatizam os ensinamentos de Jesus, levando o fiel católico a uma aproximação maior com o Cristo. Em outros termos, o Padre centraliza a figura de Jesus nos seus programas. Essa prática vai ao encontro da doutrina pentecostal católica. Porém, Fábio de Melo não impõe, como outros Padres midiáticos, a devoção a Maria e santos. Eis um traço distintivo da comunicação do Padre Fábio de Melo com a de outros padres midiáticos católicos. Esse traço distintivo do discurso religioso do Padre Fábio de Melo, que tem sido conduzido a ocupar diferentes espaços midiáticos na sociedade, é o nosso foco nesta pesquisa.

Consideramos ainda pertinente mencionar que já existem algumas pesquisas sobre Padre Fábio de Melo em diversas áreas das Ciências Sociais. Um desses trabalhos é da área de Sociologia em que Mendonça (2013) analisou os recursos midiáticos e a produção dos bens simbólicos de Padre Fábio de Melo como um representante do catolicismo midiático.

Dentre as diversas áreas das Ciências Sociais, há pesquisadores do campo da Análise do Discurso que desenvolveram pesquisas em que foi estudada a prática discursiva de Padre Fábio de Melo utilizando como referencial teórico a Análise do Discurso de vertente francesa. Trata-se dos trabalhos de Machado e Melo (2011) que analisaram a construção do *Ethos* pelo Padre no programa televisivo *Direção Espiritual* de modo a propagar a doutrina da Igreja Católica. Além de Machado e Melo (2011), Nascimento e Gonçalves (2014) também utilizaram a Análise do Discurso Francesa para analisar a constituição do *Ethos* discursivo de Padre Fábio de Melo sob uma perspectiva que não a midiática. Os pesquisadores analisaram uma das produções bibliográficas do Padre que é o livro *Quem me roubou de mim*. Sendo assim, nesta pesquisa nos propusemos a analisar o discurso religioso de Padre Fábio de Melo a partir do referencial teórico da Análise Crítica do Discurso na perspectiva de Norman Fairclough. Com essa perspectiva teórica, teremos a possibilidade de investigar as possíveis relações de poder que se “escondem” nas palavras do Padre. Nesse sentido, buscaremos analisar a possibilidade de Padre Fábio de Melo em desconstruir e reconstruir a identidade do

fiel católico atrelado ao questionamento do por quê buscar essa possível reconstrução no contexto religioso atual do catolicismo no Brasil.

CAPÍTULO II: CONTEXTUALIZAÇÕES TEÓRICAS

Estudar a linguagem em contextos específicos requer a utilização de critérios sociológicos baseados em alguma teoria de estrutura social e de mudança social. Isso porque nas sociedades capitalistas contemporâneas há desigualdades na distribuição de poder e de outros bens, o que leva a uma divisão social entre os que governam e os que são governados.

Essa divisão social configura uma sociedade, em alguma medida, estruturada sob forma de dominação. A fim de manter a dominação, os grupos dominantes constroem uma representação de mundo que reflete os seus interesses. Dentre os diversos interesses dos grupos dominantes, o principal é manter o seu poder. Para isso, buscam manter o laço do domínio através da solidariedade. Essa solidariedade, que no contexto do nosso trabalho, pode ser compreendida como as práticas religiosas desempenhadas pelo Padre em que Jesus é apresentado para o indivíduo como sendo o bem maior que o conduzirá à salvação e à solução de todos os conflitos da alma humana.

Quanto aos grupos dominados, alguns são considerados indivíduos manipulados, submetendo-se à dominação. Por outro lado, há aqueles que resistem aos efeitos da dominação, não se submetendo às operações efetuadas pelas estruturas (MEURER, 1999).

A fim de compreendermos com maior clareza as inter-relações entre a linguagem e a sociedade no contexto específico do nosso trabalho, utilizaremos a teoria da estruturação proposta por Anthony Giddens. Essa teoria nos possibilitará visualizar algumas inter-relações existentes entre a linguagem e a sociedade. Além disso, a teoria também nos possibilitará investigar de que forma as falas de Padre Fábio de Melo no programa *Direção Espiritual* podem influenciar o sistema de crenças do fiel católico. Essa investigação vai ao encontro do propósito da pesquisa em averiguar se haveria a tentativa do sacerdote de desconstruir e reconstruir ou se limita a operar uma reorganização da identidade do fiel católico.

2.1 Estrutura e conjuntura

A teoria da estruturação foi formulada pelo sociólogo inglês Anthony Giddens. Essa teoria se refere ao processo de reprodução das práticas sociais humanas através do tempo e do espaço.

Conforme a leitura de Meurer (1999) sobre a visão do Giddens (2003), a teoria da estruturação foi proposta a fim de pôr um fim aos imperialismos propostos por duas teorias

sociais: a do funcionalismo e a do estruturalismo, de natureza objetivista, e a da hermenêutica e das sociologias interpretativas, de natureza subjetiva.

Quanto ao funcionalismo e ao estruturalismo, ambos expressam um ponto de vista naturalístico. Além disso, enfatizam a permanência do todo social sobre seus atores constituintes, considerando a subjetividade um fenômeno residual. Ao contrário, a hermenêutica, que é a base do humanismo, expressa o ponto de vista a partir da experiência do sujeito. Nesse sentido, considera o mundo material opaco, já que o mundo material está fora da experiência do sujeito. Já as sociologias interpretativas consideram a ação e o significado para explicar a conduta humana. Nessa perspectiva, observamos que o funcionalismo e o estruturalismo propõem um “imperialismo do objeto” ao passo que as sociologias interpretativas propõem um “imperialismo do sujeito”.

A teoria da estruturação formulada por Giddens desestabiliza os imperialismos propostos pelas quatro teorias sociais supracitadas. Para tanto, desconsidera tanto a experiência individual subjetiva quanto a existência da totalidade social. O que o autor passa a considerar são as práticas sociais ordenadas no espaço e no tempo (GIDDENS, 2003, p. 02).

Os atores sociais recriam continuamente as atividades sociais humanas através das suas próprias atividades. Para que as práticas sociais continuem perdurando, é necessário que haja reflexividade. A reflexividade é compreendida como “um fluxo contínuo da vida social” (MEURER, 1999, p. 3). Dessa forma, é possível que as práticas sociais se tornem as mesmas no espaço e no tempo.

Com essa teoria, Giddens (2003) procura reunir as noções de estrutura e agentividade em uma dualidade. Dessa forma, não é admitida a supremacia da estrutura e tampouco da agentividade. Ao contrário, admite-se a simultaneidade de ocorrência de ambas. Dizendo de outro modo, há uma interação constante da estrutura com a agentividade, fazendo com que ambas se pressuponham mutuamente.

O termo estrutura para Giddens (2003) é compreendido como as regras e os recursos envolvidos na reprodução das práticas sociais nos diversos contextos em que os atores sociais atuam. Conforme Meurer (2004), as regras e os recursos estão implicados na reprodução da vida social. Já a agentividade diz respeito ao poder que os indivíduos têm para agir dentro dos diversos contextos das práticas sociais. Essas práticas sociais, por sua vez, podem ser compreendidas como as atividades que os indivíduos executam. Tais atividades levam à recriação ou à modificação das estruturas sociais já existentes. De acordo com Giddens (2003), embora a estrutura modele os sujeitos, estes podem transformá-la. Isso porque os

sujeitos têm a capacidade de mudar o curso da ação social em função da agência conferida a eles.

A fim de termos uma melhor compreensão da teoria, discutiremos a seguir as noções de regras e recursos que constituem a estrutura. As regras são compreendidas como as convenções, normas e significados utilizados pelos atores sociais nas suas ações sociais. Já os recursos são compreendidos como as capacidades e posses que permitem aos atores sociais executar ações, agir ou exercer controle sobre outros indivíduos.

Ambos constituem as estruturas porque se repetem no espaço e no tempo. À medida que se repetem, as estruturas são reforçadas como traços na estrutura mental do indivíduo, levando-o a repeti-la na sua forma de agir nos diferentes contextos de ação e interação com o outro.

Porém, a repetição de uma ação social pelo indivíduo pode ser mudada pela dualidade da estrutura. A dualidade implica que regras e recursos são usados e reconstituídos simultaneamente, indo ao encontro do posicionamento de Fairclough (2001) que afirma ser o discurso socialmente constitutivo:

O discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis: pela classe e por outras relações sociais em um nível societário, pelas relações específicas em instituições particulares como o direito ou a educação, por sistemas de classificação, por várias normas e convenções, tanto de natureza discursiva como não-discursiva, e assim por diante (FAIRCLOUGH 2001, p. 91).

Tanto as regras quanto os recursos se subdividem em dois tipos básicos. Conforme a figura 1, as regras apresentam dois aspectos: os **elementos normativos** e os **códigos de significação**. Os elementos normativos, como o próprio léxico define, são regras usadas pelos indivíduos para estabelecer normas. A função das normas é estabelecer como as coisas são e devem ser ou ainda como as coisas não são ou não devem ser. Já os códigos de significação, “são aspectos das regras que orientam os indivíduos a respeito do significado das coisas, a respeito de como os eventos, fatos ou realidades devem ou podem ser interpretados, vistos ou compreendidos” (MEURER, 1999, p. 131).

Tanto os elementos normativos quanto os códigos de significação estão ligados ao processo de aculturação ou socialização. Esse processo ocorre nas comunidades de usuários da língua. Os significados, quando partilhados, são adotados por comunidades de discurso e impostos aos seus membros. Dessa forma é que a linguagem “carrega” a cultura

nas palavras, já que “a língua simboliza a realidade cultural de um povo” (KRAMSCH, 1998, p. 3).

Conforme a cultura religiosa católica, quem se denomina católico tem o costume prático religioso de venerar e rezar frente às imagens sacras de Maria e dos santos. Esse convencionamento religioso não se aplica aos cristãos evangélicos que “abominam como idolatria o uso que os católicos fazem das imagens sacras” (GAARDER, HELLER, NOTAKER, 2005, p. 300). Ao contrário do convencionamento católico, faz parte da cultura dos cristãos evangélicos orarem e venerarem a Deus sem a utilização de imagens.

Passando ao segundo componente da estrutura, os recursos também se subdividem em dois tipos: os **recursos alocativos** e os **recursos autoritativos**. Os alocativos estão ligados ao controle de aspectos materiais do meio ambiente (como, por exemplo, a matéria-prima), os meios de produção material e bens em geral. Conforme Meurer (2004), os recursos alocativos resultam de posses materiais. Já os autoritativos se relacionam ao conhecimento e às capacidades do indivíduo para gerenciar e exercer influências sobre outros indivíduos (GIDDENS, 2003).

Figura 1: Regras e recursos implicados na reprodução social



MEURER (1999, p. 132)

Os recursos alocativos e autoritativos – que constituem a estrutura – configuram-se como estruturas de dominação e hegemonia na teoria da estruturação proposta por Giddens. Para fins deste trabalho, assumimos como base o conceito de discurso proposto por

Fairclough (2001). Porém, consideramos relevante considerar também o termo discurso para Foucault (2002) no sentido de argumentar a questão de dominação pelo viés discursivo. Nas próprias palavras de Foucault:

O **discurso** – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que se manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, **o poder do qual nos queremos apoderar** (FOUCAULT, 2002, p. 10, grifo nosso).

Sendo assim, quem tem a palavra tem o poder, pois é por meio dela que a manipulação e a manutenção ou transformação de uma hegemonia acontece. Aqueles que têm o poder o têm porque fazem uso de determinados procedimentos de exclusão a fim de manipular a materialidade do discurso. Dentre esses procedimentos, Foucault (2002) cita os procedimentos de exclusão externos e os procedimentos de exclusão internos. Quanto aos primeiros, relacionam-se a questões sociais e de comportamento. Já os procedimentos de exclusão internos do discurso acontecem na própria linguagem, ou seja, os discursos eles mesmos se excluem.

Dentre os procedimentos de exclusão, interessa-nos ater aos externos que nos possibilitarão uma melhor compreensão acerca da estrutura de dominação da teoria social proposta por Giddens. Conforme Foucault (2002), há três procedimentos de exclusão externos: a interdição, a segregação de loucura e a vontade de verdade.

A interdição (também conhecida como “palavra proibida”) está relacionada ao tabu. Isso porque há determinados dizeres que não são autorizados ao indivíduo dizer dependendo da posição que ocupa na sociedade. A sociedade estipula uma “gramática social” que, se desrespeitada pelo fato de o indivíduo ter dito a “palavra proibida”, ele é interditado, ou seja, segregado da sociedade, pois é considerado um indivíduo desprovido de razão. Usando outros termos, é considerado louco, já que rompeu com a “ordem das leis” que é estipulada pela comunidade de discurso a que está afiliado (FOUCAULT, 2002, p. 7).

Como exemplo, citamos Padre Fábio de Melo. Primeiramente, consideramos importante considerar que no programa *Direção Espiritual* Fábio de Melo fala a partir da posição de Padre legitimado a ele pela Igreja Católica. No programa *Direção Espiritual*, que foi ao ar no dia 16 de outubro de 2013, uma telespectadora chamada Márcia perguntou: (MÁRCIA) *Padre Fábio, por que o senhor não fala de Nossa Senhora, só fala de Deus?*

Percebemos, pela forma de questionar Fábio de Melo, que a telespectadora Márcia é uma mulher católica que se identifica com a figura de Nossa Senhora. Com essa identificação, a telespectadora parece viver a sua experiência religiosa de forma mais próxima com Maria. Essa experiência nos remete à figura do católico ligado à ala tradicional da Igreja que tem uma aproximação maior com Maria e os santos. Conforme o primeiro capítulo deste trabalho, o católico ligado à ala tradicional da Igreja prioriza a devoção a Maria e santos que conduzem a Jesus Cristo. Daí apreendermos que a telespectadora parece questionar Fábio de Melo acerca do seu silenciamento sobre Maria, pois, segundo a telespectadora, o Padre “só fala de Deus”.

Conforme a teoria da estruturação proposta por Giddens, é pela dualidade da estrutura que as instituições podem ser remodeladas. Isso se dá pelas práticas sociais desempenhadas pelos agentes sociais que passam a perdurar no tempo e no espaço, fazendo com que se tornem um fluxo contínuo da vida social. É o que Padre Fábio de Melo parece fazer na instituição católica deixando de “falar” prioritariamente em Maria, passando a enfatizar Deus. Com isso, nos questionamos se não haveria outra “vontade de verdade” evidenciada no discurso de um Padre que se aproxima da “vontade de verdade” similar à dos cristãos evangélicos que vem ganhando espaço no Brasil. Acreditamos que Padre Fábio de Melo, conforme a proposta de Giddens, vem buscando reestruturar regras e recursos como propriedades estruturadoras do catolicismo possivelmente com o intuito de manter o domínio do catolicismo, que vem desapoderando-se com a expansão dos evangélicos no país. No capítulo posterior, mediante a análise das falas do Padre, analisaremos se Fábio de Melo efetivamente propõe uma reestruturação da estrutura do catolicismo.

Essa reestruturação que vem acontecendo na estrutura da Igreja Católica pode ser melhor compreendida a partir da teorização sobre o contexto utilizada por Meurer (2004), que utiliza a teoria da estruturação proposta por Giddens como uma ferramenta para análise de contexto em estudos do discurso.

Para o autor, a Linguística Sistêmico Funcional (LSF) e a Análise Crítica do Discurso (ACD) consideram o contexto crucial para a análise da linguagem em uso. Conforme a LSF, todos os significados têm uma conexão direta com o contexto social e também com os elementos lexicogramaticais. Além disso, o contexto deve ser descrito com base em critérios sociológicos como, por exemplo, alguma teoria da estrutura social e de suas mudanças (HALLIDAY, 1978).

Meurer (2004) discute o contexto cultural e a sua interação com o discurso aplicando aspectos da *teoria da estruturação* de Anthony Giddens (2003). O autor descreve e explica a interdependência entre textos e contextos mais amplos que se tornam naturalizados.

Para tanto, ele teoriza o contexto apresentando três noções sociológicas derivadas da *teoria da estruturação*: **(1) práticas sociais; (2) prescrições de papéis e (3) estruturas sociais em forma de regras e recursos.**

As **práticas sociais**, conforme Meurer (2004), são consideradas as atividades desempenhadas pelos indivíduos ao conduzir as suas vidas sociais. Essas práticas incluem as práticas do dia a dia. Considerá-las na análise da ação humana é importante já que conectam a sociedade como um todo às pessoas vivendo as suas vidas no cotidiano.

Para analisar a ação humana, temos que considerar a **prescrição de papéis**, que se relaciona à posição social e à identidade, pondo em cena a noção de agentividade. Giddens (2003) considera a agência humana de duas formas: (1) relacionada à intenção do indivíduo e (2) relacionada a eventos.

Quanto à primeira consideração, Giddens (2003) conceitua a agência humana em termos de intenção. Não se limitando às intenções que as pessoas têm ao fazer as coisas, mas também à capacidade delas para realizar essas coisas. O ator ao praticar uma ação sempre tem uma intenção. A ação ocorre diariamente, sendo a ação considerada um processo contínuo dos atores até o último dia de suas vidas.

Além disso, a noção de agência também subentende poder. Em conformidade com a compreensão de discurso de Foucault (2010), pelo discurso o ator manipula as massas a fim de “saciar” o seu desejo de apoderamento do poder. Essa noção de poder vai ao encontro da definição de agente do *Oxford English Dictionary*: alguém que exerce poder ou produz um efeito (GIDDENS, 2003, p. 9-10).

A agência humana também é considerada em relação a eventos em que o ator atua e interfere. De acordo com Giddens

“agência” diz respeito a eventos dos quais um indivíduo é o perpetrador, no sentido de que ele poderia, em qualquer fase de uma dada sequência de conduta, ter atuado de modo diferente. O que quer que tenha acontecido não o teria se esse indivíduo não tivesse interferido (GIDDENS, 2003, p. 10).

Sendo assim, a desestabilização de uma estrutura social acontece pela interferência da agência humana em um evento. Conforme já mencionado, o agente é aquele que exerce o poder. Para que isso aconteça, temos que considerar a legitimação do agente.

Em uma estrutura social há diferentes atores que desempenham diferentes papéis. A prescrição dos papéis sociais são definidas como “prerrogativas e obrigações” (GIDDENS, 1979, p.118). Essas prerrogativas e obrigações, por sua vez, são associadas a identidades sociais consideradas categorias feitas “com base em algum critério ou critérios sociais definitivos, tais como ocupação ou profissão, relação de parentesco, faixa etária” (*ibid*, p. 140). Meurer (2004, p.140) ainda complementa outros critérios referentes a identidades sociais tais como “orientação sexual, filiação religiosa ou político-partidária, nacionalidade, língua materna, moradia, grupo étnico, poder aquisitivo, habilidade física e outros.” Portanto, os papéis sociais e as identidades são fragmentadas e não fixas já que “são influenciadas por conexões intercontextuais e são, portanto, dinâmicas, fluidas e controvertidas” (*ibid*, p. 140).

Dependendo do lugar de onde se fala, o agente social se associa a identidades específicas. Essa associação depende da relação das identidades com as **regras** e os **recursos** implicados em diferentes práticas sociais. Retomando o exemplo de Padre Fábio de Melo, ao responder a pergunta da telespectadora Márcia, Fábio fala do lugar de Padre que foi conferido a ele pela instituição religiosa católica. Portanto, ele se associa à identidade de Padre, não ferindo o regramento social da Igreja ao falar prioritariamente em Deus. Discutiremos de forma mais ampla esse tema ao tratar de identidades.

A terceira noção sociológica derivada da *teoria da estruturação* são as **estruturas sociais em forma de regras e recursos**. Conforme visto anteriormente, as regras e os recursos estão implicados na reprodução da vida social. Para que as estruturas sociais sejam reproduzidas, os indivíduos agem no mundo, de modo a repeti-las através da prática social que perdura no tempo e no espaço.

Porém, qualquer tipo de estabilidade é temporária. Ou seja, as estruturas sociais são passíveis de serem mudadas. Para isso, ao mudar a sua prática social em uma estrutura já existente, o indivíduo cria mudanças na estrutura. As mudanças não acontecem com facilidade, pois toda ação implica usar estruturas já existentes. Porém, a repetição de uma nova prática é que implicará sua reprodução na vida social (MEURER, 2004).

Conforme visto, as três dimensões sociológicas utilizadas por Meurer, quando usadas em conjunto, possibilitam um olhar mais amplo da vida social que é organizada em um fluxo de práticas interligadas. Esse posicionamento é confirmado por Fairclough (2001) que considera que o fluxo de práticas interligadas pode reproduzir identidades ou desafiar e contribuir para mudar essas identidades.

2.2 Linguagem e ideologia

Falar em reprodução ou mudanças identitárias pressupõe, primeiramente, discutir a noção de ideologia. Antes de iniciar a discussão acerca da ideologia, é necessário tecer algumas considerações sobre a linguagem. A começar pela compreensão de signo, pois a linguagem só existe com ele. O signo é um símbolo carregado de ideologia. Conforme Bakhtin (2006, p. 16), "todo signo é ideológico". Como exemplo, consideraremos uma prática religiosa católica. Na missa, o Padre utiliza um produto de consumo, o pão, que é transformado em um signo ideológico, passando a representar o corpo de Cristo. Nesse sentido, "o signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e retrata uma outra" (BAKHTIN, 2006, p. 30). Sendo assim, o pão, além de alimento físico, é considerado para os católicos o alimento espiritual, porque assim foi convencionado por Jesus na igreja primitiva e recontextualizado no interior da instituição católica. Portanto, além de ideológico, afirma Bakhtin, o signo também é social. Nesse sentido, todo produto de consumo pode se tornar um signo em uma sociedade desde que os indivíduos formem uma unidade social e convençione um significado para o produto. Em outros termos, através das relações sociais que são estabelecidas pelos indivíduos em uma comunidade é que o produto de consumo significa para um grupo. Sendo assim, os signos são criados pelas relações sociais.

Da mesma forma que o signo, a linguagem em uso também está imbricada às relações sociais. Esse imbricamento com o social faz da linguagem uma forma material da ideologia. Ou seja, a ideologia está materializada na linguagem da mesma forma que está materializada no signo. Já o discurso, de acordo com Fairclough (2001), compreende, além do texto, a prática social e a prática discursiva, que se conectam entre si. Logo, tanto o signo - enquanto parte da linguagem, e o discurso - materializado pela linguagem, materializam a ideologia. Sendo assim, a escolha lexical deve ser levada em conta na produção de significados, já que a ideologia está materializada na linguagem. Nesse sentido, a interpretação coerente dos textos tem como base as pistas lingüísticas e os recursos tais como as estruturas discursivas e ideológicas que estão internalizadas no indivíduo pelas práticas estabelecidas pelas relações sociais.

Como sabemos, a interação social entre os indivíduos ocorre através da comunicação. A comunicação, por sua vez, se dá pela linguagem que, conforme Bakhtin (2006), está presente em todas as relações entre os indivíduos. Por isso, ela sempre será o indicador de transformações sociais. Nessa perspectiva, o signo é criado por um grupo social específico em uma determinada época. Portanto, o signo não é eterno. Ao contrário, o signo é variável, já

que uma modificação nas formas de interação social pode ocasionar uma modificação semântica do signo.

Quanto à ideologia, Fairclough (2001) caracteriza as ideologias como significações da realidade que têm sua materialização nas práticas discursivas. Para o autor, são as práticas discursivas que constituem os sujeitos. Além disso, as práticas discursivas contribuem para a produção, reprodução ou transformação das relações de dominação. Essas ideologias, que surgem nas sociedades através das práticas discursivas, atingem o *status* de “senso comum” à medida que se tornam naturalizadas. A transformação deste “senso comum” se dá por meio da luta ideológica que ocorre no campo discursivo no sentido de re-moldar as práticas discursivas e as ideologias nelas construídas no contexto das relações de dominação.

As ideologias são veiculadas nas sociedades através do **discurso**. Fairclough (2001) considera o discurso como o uso da linguagem como prática social e não uma mera prática individual. Conforme o autor, o discurso constitui os sujeitos sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crença. Da mesma forma como os textos sempre recorrem a outros textos (intertextualidade) contemporâneos ou mais antigos, o discurso também é sempre gerado a partir da combinação de outros discursos (interdiscursividade). Sendo assim, os discursos se relacionam entre si e incluem analogia, oposição, complementariedade e relações de delimitação mútua.

Em conformidade com Bakhtin (2006), Fairclough (2001) defende a natureza política do discurso. A luta pelo poder pode também ocorrer nos discursos. Porém, o poder aparece de forma implícita e mascarada para que não seja percebido pelos indivíduos. O poder aparece de forma disfarçada nas práticas discursivas a fim de moldar e re-instrumentalizar os sujeitos, tendo como objetivo ajustá-los à necessidade da classe dominante. Esse poder moderno, chamado por Foucault (1979) de *biopoder*, trata-se de um poder desenvolvido na base do conhecimento que é gerado e não mais aquele imposto de uma classe social sobre outra.

Atualmente, a classe dominante impõe o seu poder através dos seus discursos e não mais através da força bruta. Isso nos leva a considerar que quem tem a palavra tem o poder. Acreditamos que, por isso, pelos discursos a classe dominante consegue persuadir e impor a sua hegemonia sobre as classes mais baixas sem que elas percebam. Isso porque grande parte dos indivíduos considera os discursos da classe dominante como verdade, sendo moldados e manipulados por eles.

Além de considerar o discurso uma prática política, Fairclough (2001) também o considera uma prática ideológica. O discurso enquanto prática política pode reproduzir ou transformar relações de poder. Já como prática ideológica, o discurso é capaz de constituir,

naturalizar, manter e transformar os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder. Conforme Fairclough

as ideologias surgem nas sociedades caracterizadas por relações de dominação com base na classe, no gênero social, no grupo cultural e assim por diante, e, à medida que os seres humanos são capazes de transcender tais sociedades, são capazes de transcender a ideologia (FAIRCLOUGH, 2001, p. 121).

Em conformidade com Giddens (2003), é conferido o poder de agência aos indivíduos. Dessa forma, os indivíduos se tornam capazes de mudar uma realidade ora cristalizada na sociedade pelo viés discursivo. Assim, o discurso apresenta uma dualidade, como a *estrutura* proposta por Giddens em sua Teoria da Estruturação, pois contribui tanto para a reprodução como para a transformação das sociedades. Sendo assim, os indivíduos são moldados pelo discurso, mas também são capazes de remodelá-los e reestruturá-los.

2.2.1 Alguns conceitos de ideologia

A ideologia é vista como uma arma travada no terreno da linguagem. Como arma, é uma ferramenta importante nos estudos discursivos. Por isso, para a nossa pesquisa, empreendemos uma especial atenção à ideologia. A começar por compreendermos brevemente o seu significado, passando por diferentes épocas, desde o seu surgimento.

A ideologia, enquanto ciência, nasceu em 1796 quando Destutt de Tracy argumentou que “não podemos conhecer as coisas em si mesmas, mas apenas as ideias formadas pelas sensações que temos delas” (THOMPSON, 1995, p. 45). A partir dessa perspectiva que surgiu em um contexto educacional, de Tracy formulou um conceito positivo e benéfico para a ideologia de modo a considerá-la a ciência que busca analisar sistematicamente as ideias. A ideologia ficou então conhecida como a "ciência das ideias". Porém, o termo ideologia deixou de se referir apenas à ciência das ideias, passando a se referir “às ideias mesmas, isto é, a um corpo de ideias que, supostamente, seria errôneo e estaria divorciado das realidades práticas da vida política”(idem, p. 48). Nessa perspectiva, passou a ser vista em sentido negativo como ideias abstratas e ilusórias que eram ridicularizadas e desprezadas. Koerner (2001) complementa que foi Napoleão Bonaparte que revestiu a ideologia com conotações negativas. Para Napoleão, a ideologia pertencia ao domínio das ideias abstratas (ideológicas),

contrastando com o mundo de questões práticas (a política). Portanto, a ideologia não era capaz de resolver os problemas práticos de cunho político devido a sua natureza abstrata.

Essa natureza negativa conferida à ideologia foi fortalecida com os trabalhos de Karl Marx e Friedrich Engels (2007). Koerner (2001) argumenta que, para esses autores, a economia é a força que determina tanto a organização social dos homens quanto as condições concretas de produção do capital. Por isso, para esses autores o conceito de ideologia como um conjunto de ideias não passava de uma falsa consciência. Ou seja, um olhar equivocado da realidade que mascarava a análise científica das condições materiais de produção. Por isso, a ideologia constituía um sério impedimento à mudança social que acarretava um prejuízo ao sistema capitalista.

Conforme Thompson (1995, p. 45), a ideologia para Marx é o "sintoma de uma doença, não a característica normal de uma sociedade saudável e menos ainda o medicamento de uma cura social". O autor complementa ainda que Marx e Engels abordam o conceito de ideologia em vários pontos de sua vasta obra, elaborando-o de diversas formas. Porém, em todas as formas, a conotação negativa é mantida desde a formulação política de Napoleão Bonaparte.

Com um grupo de autores denominados neomarxistas, o conceito de ideologia tem sido discutido em outras bases teóricas. Para os neomarxistas, além da dimensão econômica, devem ser reconhecidas no contexto de análise científica e materialista da realidade social outras formas de organização do tecido social como, por exemplo, a dimensão discursiva. De acordo com Koerner (2001), Gramsci acredita que a ideologia não pode ser vista de forma descontextualizada. Ao contrário, para Gramsci a ideologia se manifesta na própria realidade material dos indivíduos. Nessa realidade é que a ideologia é criada e reproduzida através de seus atores sociais. Com esse novo olhar, constata-se que a dimensão econômica (que dominava a abordagem de Marx e Engels) poderia conviver harmonicamente com outras dimensões como a dimensão cultural. No cerne da dimensão cultural temos o componente discursivo que constitui um elemento legítimo com grande valor analítico para se investigar os fenômenos sociais.

Em conformidade com essa nova visão de ideologia, Fairclough (2001) compreende as ideologias como relações de dominação que podem ser baseadas na classe, no gênero social, nos grupos culturais dentre outras formas de segmentações sociais, como os grupos religiosos. Além disso, o autor relaciona o conceito de ideologia a discurso. Conforme mencionado anteriormente, Fairclough (2001, p.94) afirma que "o discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas

relações de poder”. Sendo assim, o investimento ideológico existente nas práticas discursivas incorpora significações que contribuem para manter ou reestruturar as relações de poder. Isso porque a manutenção ou a reestruturação das relações de poder, por sua vez, são estabilizadas ou reestruturadas pelo indivíduo, a quem é atribuído o poder de agência. Como agente, o indivíduo, através do posicionamento ideológico que assume, é capaz de agir de forma criativa no sentido de manter práticas estabilizadas no meio social ou efetuar a reestruturação das mesmas visando a seus próprios interesses. Nesse sentido, a ideologia compreende os significados provenientes das relações de poder, que configura a luta pelo poder.

O autor também faz uma distinção entre ideologia descritiva e ideologia crítica. Para Fairclough (2003), uma dimensão descritiva do conceito considera a ideologia como um conjunto de atitudes, crenças, etc. Já a dimensão crítica do conceito a considera como um lugar para a criação, a manutenção e a mudança das relações sociais de poder, dominação e exploração.

Em *Ideologia e Cultura Moderna*, a partir da revisão dos conceitos de ideologia apresentados por vários autores, Thompson distingue duas categorias gerais de ideologia: **a concepção neutra de ideologia** e **a concepção crítica de ideologia**. Quanto à primeira, a ideologia é compreendida no sentido positivo como um aspecto da vida social como outro qualquer, não sendo nem mais nem menos atraente ou problemático. Dessa forma, nessa perspectiva, um fenômeno considerado ideológico não é necessariamente enganador ou ilusório ou relacionado com os interesses de algum grupo específico. Portanto, a ideologia não é considerada um fenômeno que precisa ser combatido e eliminado.

Já a concepção crítica de ideologia, “são aquelas que possuem um sentido negativo, crítico ou pejorativo” (THOMPSON, 1995, p. 73). Sendo assim, conforme essa perspectiva, todo fenômeno ideológico é enganador, ilusório e/ou parcial, considerando que esses fenômenos carregam em si um criticismo implícito.

O conceito de ideologia formulado por Thompson se insere no segundo grupo, mantendo, portanto, o sentido crítico do termo. Porém, o autor propõe uma nova concepção de ideologia que se interessa em analisar as maneiras como as formas simbólicas se entrecruzam com relações de poder. Nas próprias palavras do autor,

O conceito de ideologia pode ser usado para se referir às maneiras como o sentido (significado) serve, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de poder que são sistematicamente assimétricas – que eu chamarei de “relações de dominação”. Ideologia, falando de uma maneira mais ampla, é *sentido a serviço do poder* (THOMPSON, 1995, p.14-15).

Thompson (1995) esclarece que o **sentido** a que se refere é aquele mobilizado pelas **formas simbólicas** que estão inseridas nos contextos sociais e que circulam no mundo social. O autor compreende as formas simbólicas como

um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos. Falas lingüísticas e expressões, sejam elas faladas ou escritas, são cruciais a esse respeito. Mas formas simbólicas podem também ser não lingüísticas em sua natureza (por exemplo uma imagem visual ou um construto que combina imagens e palavras) (THOMPSON, 1995, p.79).

O autor complementa que as formas simbólicas podem ser interpretadas como ideológicas ou contestatórias. São ideológicas enquanto servem para estabelecer e sustentar relações assimétricas de poder⁴. Nesse sentido, uma forma simbólica será ideológica quando estabelecer e sustentar relações de dominação num contexto sócio-histórico determinado.

Por outro lado, as formas simbólicas podem ser contestatórias ou críticas da ideologia. Isso ocorre quando as formas simbólicas contribuem para minar essas relações de dominação. Assim, a interpretação de uma forma simbólica deve justificar o vínculo entre os sentidos mobilizados por ela e as relações de dominação que esses sentidos mantêm ou transformam. Portanto, os contextos sócio-históricos específicos em que a forma simbólica é produzida devem ser considerados, já que a interpretação das formas simbólicas depende da maneira como é usada e entendida em contextos sociais específicos.

A Igreja Católica é uma instituição de tradição que se constituiu no decorrer da história, construindo, pelas suas práticas discursivas aliadas a formas simbólicas específicas, uma teologia também específica que representa a ideologia católica. Como sabemos, imagens e medalhas de santos, terços, novenas, promessas são consideradas formas simbólicas que estão inseridas no contexto religioso católico. Sendo assim, a prática desses simbolismos pelo indivíduo que se denomina católico faz com que ele represente a instituição.

A fim de analisar a maneira como se estabelece a ideologia de uma instituição de modo a sustentar as suas relações de dominação, Thompson (1995, p.80-89) postula cinco modos gerais de operação da ideologia. São elas: a **legitimação**, a **dissimulação**, a **unificação**, a **fragmentação** e a **reificação**. Cada modo de operação da ideologia prevê outras subdivisões para analisar as construções simbólicas no discurso. Em outros termos, fornece ferramentas para a investigação de discursos revestidos ideologicamente.

⁴Relações assimétricas de poder são compreendidas como o poder permanente ou em grau significativo que alguns grupos específicos de agentes possuem.

A **legitimação** torna legítimas as relações de dominação, buscando mostrá-las como justas. No processo de legitimação podem ser utilizadas três estratégias: (1) a **racionalização** (em que se recorre a fundamentos racionais, a regras dadas *a priori*); (2) a **universalização** (que procura tornar representações de indivíduos ou grupos específicos legítimas ao serem apresentadas como sendo de interesse geral) e (3) a **narrativação** (em que se remonta a histórias do passado que possam ilustrar e legitimar fatos presentes).

Já na **dissimulação**, o estabelecimento e o sustento das relações de dominação são negados e ofuscados por meio de construções simbólicas como: (1) no **deslocamento** (em que em termos de um determinado campo de atividade são transferidos para outro, podendo receber conotações positivas ou negativas, conforme o interesse de quem se vale dessa estratégia); (2) na **eufemização** (que busca valorizar aspectos positivos de instituições, ações ou relações sociais, a fim de fazer com que pontos negativos ou de instabilidade sejam camuflados ou esquecidos) e (3) no **tropo** (que é um recurso de uso figurativo da linguagem, no intuito de esconder relações de conflito).

A **unificação** é considerada um modo de operação ideológico que visa construir uma noção de unidade através de dois recursos: (1) a **padronização** (em que se assume um referencial padrão que é partilhado) e (2) a **simbolização** (que acontece a construção de símbolos de identificação coletiva).

Quanto à **fragmentação**, as relações de poder podem ser mantidas, dividindo grupos que, unidos, representariam uma ameaça para os que estão no poder. Duas estratégias de construção simbólica podem ser utilizadas: (1) a **diferenciação** (em que é dada ênfase a características que desunem e dificultam a coesão do grupo, a fim de dificultar a luta hegemônica) e (2) o **expurgo do outro** (onde o grupo que representa uma ameaça ao poder do grupo hegemônico é simbolicamente representado como um inimigo a ser combatido).

Por fim temos a **reificação**, que é um processo ideológico por meio do qual se representa uma situação transitória como se fosse permanente. Podem ser utilizadas quatro estratégias: (1) a **naturalização** (que faz com que uma criação social receba *status* de natural, totalmente alheia à ação humana); (2) a **eternização** (em que fatos localizados em dado momento histórico são tratados como se fossem permanentes); (3) a **nominalização** e a (4) a **passivação** (que representam processos como entidades, desviando a atenção dos atores e das suas ações).

Para exemplificar, um dos modos de operação da ideologia que observamos no *corpus* da pesquisa é a fragmentação. Conforme mencionado, a fragmentação visa a manutenção das relações de poder da instituição através da divisão de grupos que, unidos, representariam uma

ameaça para os que estão no poder. No contexto do nosso trabalho, a instituição Igreja Católica se apresenta dividida em três diferentes alas. Cada ala estabelece práticas religiosas específicas que se diferenciam entre si, conforme apresentado no primeiro capítulo deste trabalho. Essa diferenciação, em que é dada ênfase a características que desunem e dificultam a coesão do grupo, não se dá ao acaso. Ao contrário, faz-se necessária já que o objetivo é dificultar a luta hegemônica. Sendo assim, através dessa forma de operar a ideologia, a Igreja busca sustentar as suas relações de dominação, sobretudo no Brasil, que é considerado um país predominantemente católico.

A fim de impedir a perda de fiéis católicos para outras denominações cristãs, Padre Fábio de Melo também parece que busca construir uma noção de unidade entre os cristãos através da recorrente menção a um símbolo cristão que gera uma identificação coletiva. Trata-se da recorrência à figura de Jesus Cristo, que é considerado um referencial padrão - tanto para os católicos quanto para os evangélicos- por ser o alicerce do Cristianismo (GAARDER, HELLERN, NOTAKER, 2005). Dessa forma, o Padre “quebra” as barreiras que, supostamente, diferenciam católicos de evangélicos, propiciando, assim, uma aproximação maior entre esses grupos pautada no respeito às diferenças teológicas que os separam. Indo além, observamos que, dessa forma, Fábio de Melo, legitimado como Padre pela Igreja Católica, empenha-se com o jogo das identidades. Abordaremos, a partir de então, a noção de identidade a fim de compreendermos como se dá esse jogo identitário evidenciado nas práticas discursivas de Padre Fábio de Melo no programa *Direção Espiritual*.

2.3 Linguagem e identidade

Falar em identidade, conforme a Análise Crítica do Discurso, implica considerar as **formas de ser**. Nesse sentido, buscaremos refletir sobre os processos identitários que envolvem a prática discursiva de Padre Fábio de Melo no programa *Direção Espiritual*. Essa reflexão parte da visão da identidade sobre a perspectiva da fragmentação e do descentramento de identidades estáveis do passado, que é uma teoria defendida pelo teórico Stuart Hall (2003).

Conforme visto no primeiro capítulo deste trabalho, a Igreja Católica - embora seja una - está fragmentada em três diferentes alas com perspectivas diferentes: a conservadora, a do clero progressista e a Renovação Carismática Católica. Na sessão anterior sobre os modos

de operação da ideologia, tecemos algumas considerações acerca da necessidade da fragmentação da Igreja como sendo uma forma de manter a soberania da instituição no Brasil.

Isso nos leva a ver que a fragmentação que existe em uma instituição de tradição faz com que ela se mantenha na atualidade. Acreditamos que essa manutenção da instituição impera devido a sua fragmentação que teve que ocorrer para se manter no poder. Portanto, a “desintegração” da unidade da Igreja, dando lugar a uma “pluralidade” de correntes dentro de uma única Igreja Católica, faz com que suas diferentes identidades possam ser conjuntamente articuladas. Dessa forma, a instituição se mantém (HALL, 2003, p. 17).

Partimos do pressuposto que para a supremacia da Igreja se manter, a transformação de suas práticas discursivas na estrutura religiosa tiveram que ocorrer possivelmente em função das transformações identitárias que vêm ocorrendo na sociedade. Tais transformações ocorreram em função de um amplo processo de mudanças ocorridas na sociedade no final do século XX. Esse processo amplo de mudanças tem deslocado as estruturas sociais, acarretando um prejuízo aos quadros de referência dos indivíduos. Em outros termos, a desestabilização desse quadro de referências tornou o mundo social instável. Por isso, Hall (2003) afirma estarmos vivenciando uma “crise de identidade”.

Essa crise de identidade é atribuída a mudanças ocorridas na sociedade que levaram a transformações na identidade dos sujeitos. Além disso, essa crise também foi gerada pela globalização, que gerou um impacto sobre a identidade cultural. Com relação às mudanças na identidade dos sujeitos, Hall (2003) menciona três concepções diferentes de identidade que, pelas mudanças históricas, vem se desintegrando, o que nos leva a afirmar que efetivamente vivemos uma “crise de identidade”.

A primeira concepção de identidade faz menção ao **sujeito do Iluminismo**, que era considerado totalmente centrado, unificado, racional, autônomo e ainda possuía um núcleo interior do eu, que era a identidade de uma pessoa. A segunda concepção é a do **sujeito sociológico**, em que o núcleo interior do sujeito não era mais considerado autônomo. Ao contrário, a identidade do sujeito sociológico era formada na interação com outras pessoas que mediavam os valores e sentidos do mundo que habitavam. Hall (2003, 11-12) explica que “a identidade [...] costura [...] o sujeito à estrutura. Isso porque existe um espaço entre o sujeito e a estrutura que é preenchido pela identidade. Portanto, a identidade estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.”

Conforme observamos, o sujeito sociológico tem uma identidade estável e predizível, o que não acontece com o **sujeito pós-moderno**, que é a terceira concepção de identidade

mencionada por Hall. A estabilidade dá lugar à fragmentação na modernidade tardia⁵. O sujeito pós-moderno é, então, considerado um sujeito fragmentado por ser composto por várias identidades geralmente contraditórias devido a mudanças estruturais e institucionais. Por ser fragmentado, é um sujeito que ocupa diferentes “posições de sujeito”, já que se desloca, dependendo da posição que ocupa na sociedade.

Bauman (2005) complementa que, na modernidade tardia, o mundo a nossa volta é repartido em diversos fragmentos. Esses fragmentos, por sua vez, são mal coordenados enquanto os indivíduos são “fatiados” em sucessivos episódios que estão fragilmente conectados. Ou seja, tanto o mundo quanto os indivíduos estão fragmentados e fragilmente conectados na época líquida moderna. Nesse sentido, devido a essas fragmentações, o sujeito ocupa diferentes posições na sociedade dependendo do lugar de onde fala. Em outros termos, nada é fixo, o sujeito se desloca de um lugar a outro buscando o seu lugar de pertencimento ou, conforme Bauman, o sentir-se *chez soi* “em casa”.

Como o autor, consideramos o sentimento pleno do *chez soi* uma ilusão que precisa ser aceita, já que em nenhum lugar o indivíduo vai estar plenamente em casa, pois nada é sólido e seguro na atualidade. Ao contrário, todas as coisas são líquidas e se movem com fluidez por entre os dedos da mão. Não há uma identidade em si, apenas um horizonte, compreendido como uma direção que se configura não como um caminho, mas como um movimento em direção a alguma coisa indeterminada.

O “herói da modernidade” nunca se encontra já que é “um indivíduo livremente flutuante, desempedido” que se opõe a assumir a postura de estar fixo e ser identificado de forma inflexível (BAUMAN, 2005, p. 35). Sendo assim, o indivíduo inflexível na atualidade é cada vez mais mal visto.

Embora as sociedades tradicionais valorizem o passado e os símbolos com objetivo de dar continuidade ao passado no presente e no futuro através de práticas sociais recorrentes, estas são constantemente examinadas e reformuladas devido às novas informações que circulam rapidamente em função da globalização. (GIDDENS, 1990, p. 37-38 *apud* HALL, 2003, p. 14-15).

É nesse contexto que consideramos a probabilidade de terem ocorrido mudanças na prática discursiva religiosa proferida por Padre Fábio de Melo na Igreja Católica. Possivelmente, o ator social busca a reorganização dos símbolos católicos para manter a tradição e a História da Igreja para os sujeitos mais tradicionais. Porém, questionamos se o

⁵O termo modernidade tardia, conforme Hall (2003), refere-se à segunda metade do século XX.

Padre também não trabalha na criação de uma “nova identidade” do fiel católico, que se aproxima de outras concepções religiosas, especialmente as evangélicas. Além disso, questionamos se ele ainda busca recrutar indivíduos laicos mediante as suas identificações discursivas com os movimentos políticos com que se identificam. Isso com o provável objetivo em se empenhar com “o jogo das identidades” para manter a supremacia do Catolicismo no Brasil.

A manutenção da supremacia do catolicismo no país implica *a priori* reconhecer a crise de identidade vivenciada pela sociedade na atualidade que também é vivida na Igreja Católica. Com a manifestação dessa crise, acreditamos que a Igreja, para se manter soberana, reconheceu essa crise de identidade e preocupou-se em reagir. A reação se deu mediante a mudança das práticas desempenhadas pelos Padres não só nas missas católicas, mas também no meio midiático. Essa mudança diferenciada de prática proposta no catolicismo se deu com o surgimento da Renovação Carismática Católica que busca priorizar o fundamento da fé cristã – Jesus – não excluindo outras formas devocionais de vivenciar a fé que estão ligadas à tradição da Igreja.

Nesse sentido, consideramos que houve a necessidade de surgir um novo modo de ser Padre na Igreja Católica. Trata-se de um modelo de Padre visto como o “herói da modernidade” que é configurado como um indivíduo que se diferencia dos moldes tradicionais, passando a se opor à postura de estar fixo a uma determinada forma de vivenciar a fé cristã na instituição católica (BAUMAN, 2005). Ao contrário, o Padre herói da modernidade se mostra aberto a novas possibilidades de modo a acessar diferentes modos de ser dos indivíduos para, assim, atrair e incluí-los no catolicismo.

Em conformidade com o *corpus* desta pesquisa, acreditamos que Padre Fábio de Melo é um dos principais Padres heróis da modernidade no Brasil que tem se empenhado com o “jogo das identidades”, de modo a lidar com as contradições e contestações inerentes ao sujeito pós-moderno. Para começar, Fábio de Melo parece deixar claro que se enquadra na perspectiva identitária pós-moderna em que o sujeito “sofre” com a sua fragmentação. Sendo assim, ele parece compreender a complexidade que é viver no mundo pós-moderno que faz com que os indivíduos se subdividam em vários sujeitos - muitas vezes contraditórios- mesmo sendo uma só pessoa.

Além disso, Padre Fábio de Melo no programa 3, exibido em 04 de abril de 2012, mostrou compreender a identidade nos termos da pós-modernidade como sendo diferença (WOODWARD, 2004) ao afirmar que “*nós somos diferentes. E é natural que a gente tenha mais facilidade com uma coisa, mais dificuldade com outra.*” O contexto da sua fala se deu ao

tratar da oração do terço em que há pessoas com mais facilidade em fazer esse tipo de oração do que outras. No nosso entendimento, o Padre parece respeitar os indivíduos que não se identificam com a experiência da sua fé baseada na oração do terço.

Nesse sentido, compreendemos um provável empenho de Fábio de Melo em atingir diferentes indivíduos que discordam do posicionamento enraizado do que significa ser católico. Para atingir esses indivíduos, o Padre parece criar de forma sutil uma nova identidade para o que significa ser fiel católico. Essa criação de uma nova identidade talvez desconstrua determinadas práticas enraizadas na Igreja pela tradição desde os primórdios para reconstruir um novo modo de ser católico que se ajuste à vivência da fé na pós- modernidade. Por isso acreditamos que a prática discursiva de Padre Fábio de Melo possivelmente tem como objetivo recrutar novos fiéis para a Igreja Católica manter a sua soberania no país, conforme veremos nas análises no terceiro capítulo desta dissertação.

Finalizando as considerações acerca da identidade, consideramos que Fábio de Melo enquanto intelectual que é não se empenha com o jogo das identidades por acaso. Ao contrário, Fábio de Melo compreende a necessidade de ajustar a crise de identidade que tem sido vivenciada na Igreja Católica para que fiéis católicos não migrem para outras instituições, especialmente as evangélicas. Dizemos principalmente as igrejas evangélicas devido aos resultados do último censo realizado no Brasil pelo IBGE em 2010, cujos dados já foram mencionados nesta pesquisa. Conforme o censo nos mostrou, os dados apontam para um crescimento significativo de cristãos evangélicos no país. Além disso, é provável que o Padre também compreenda ser necessária uma atualização da prática tradicional da Igreja que precisa ser mais moderna e flexível de modo a respeitar as diferenças identitárias de indivíduos de outras crenças. Pelo respeito à diferença, o sujeito que fala, atuando como um ator social, tende a ser igualmente respeitado. Dessa forma, compreendemos que os indivíduos são induzidos a se sentirem “em casa”- a “casa católica”, permitindo que o poder fique com o ator que atua no palco social. Com o poder em mãos, ou melhor, nas palavras, o ator Fábio de Melo parece trabalhar no sentido de manipular as massas de modo a conduzi-las para onde ele quer. No caso, a Igreja Católica para manter e recrutar novos fiéis, visando à manutenção da supremacia do catolicismo no país.

2.4 Linguagem, poder e hegemonia

Jogar o jogo das identidades pressupõe que o indivíduo atue de forma consciente ou inconsciente como um agente social na sociedade. Conforme a sua prática social, ele promove a reprodução da ideologia dominante ou a sua transformação que se materializa nas estruturas sociais existentes.

Considerando o objeto da nossa pesquisa, promover a reprodução da ideologia ligada à ala tradicional da Igreja implica uma prática discursiva desempenhada pelo Padre que busca priorizar os devocionalismos a Maria e santos em detrimento de Jesus, que perdurou por décadas no catolicismo. Já a transformação dessa prática ideológica tem sido convertida em uma nova prática que prioriza o devocionalismo a Jesus em detrimento dos devocionalismos a Maria e santos. Essa nova prática foi aprovada pelo Papa no início na década de 60 com o surgimento da Renovação Carismática Católica. Nesse sentido, vemos que a transformação de estruturas sociais tradicionais da Igreja implica modificações ideológicas mediante um consenso social para que a hegemonia perdure. Afinal, o que é hegemonia?

Pensar em hegemonia implica falar em poder. Porém, não seria o poder o desejo do indivíduo de manipular e dominar a sociedade? Sendo assim, o indivíduo carrega em si esse desejo de poder que pode ser evidenciado nas lutas, que em conformidade com Fairclough (2011), são travadas no meio ideológico por meio da linguagem. Trata-se, portanto, de uma luta constante já que a hegemonia implica uma “instabilidade” ou “equilíbrio instável” (GRAMSCI, 1995), o que faz com que o poder seja temporário, sendo as suas relações assimétricas e passíveis de mudança (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 24).

Na sociedade contemporânea, a luta pelo poder é travada sobretudo nos meios de comunicação de massa. A mídia veicula a cultura através das suas práticas discursivas que são desempenhadas pelos atores sociais que nela atuam. Dessa forma, a mídia contribui para manutenção das relações de poder vigentes ou oposição ao poder dominante de modo a promover transformações na estrutura social. Nesse sentido, a mídia é considerada um dos espaços públicos onde ocorre a luta ideológica.

Considerando o nosso objeto de pesquisa, a Renovação Carismática Católica atua na mídia por meio de um canal televisivo denominado Canção Nova que promove, através das suas práticas discursivas, a reestruturação ideológica do catolicismo tradicional. Essa reestruturação ideológica é desempenhada por Padres carismáticos como, por exemplo, Monsenhor Jonas Abib - o fundador da Comunidade Canção Nova – dentre outros agentes sociais como Fábio de Melo.

É nesse contexto mediado pela comunicação de massa que acontece uma luta pelo poder em que diferentes grupos “brigam” na tentativa de buscar a legitimação de seus discursos e ideologias. Acreditamos que essa luta pelo poder no meio midiático, sobretudo no programa *Direção Espiritual* exibido na Canção Nova, dá-se principalmente entre católicos carismáticos e evangélicos e não entre católicos. Partimos desse pressuposto, primeiramente, porque a Renovação Carismática Católica é parte da Igreja, embora seja uma reestruturação ideológica da ala tradicional da Igreja. Segundo, a perda de fiéis para religiões evangélicas tem avançado no cenário nacional, conforme o último censo realizado no Brasil pelo IBGE. Com isso, o catolicismo se empenhou na atualização de uma prática religiosa discursiva que parece se aproximar daquela desempenhada pelos cristãos evangélicos. Considerando a estrutura ideológica das práticas discursivas evangélicas, os agentes sociais dessas denominações religiosas estão pautadas somente no devocionalismo a Jesus. Nesse sentido, os agentes sociais católicos parecem travar uma luta com os agentes sociais evangélicos no meio midiático usando a figura de Jesus. Essa luta entre as religiões exige um árduo trabalho de convencimento e persuasão por parte do grupo social que almeja conquistar ou se manter detentor do poder. Para tanto, a arma utilizada na arena de combate é a linguagem já que “a luta hegemônica travada no/pelo discurso é uma das maneiras de se instaurar e manter a hegemonia”. (RAMALHO, 2011, p. 24).

Nessa perspectiva, Gramsci (1995) considera que as transformações estruturais e sociais se efetuam pela hegemonia que é definida por Fairclough (2001, p. 122) como sendo “um foco de constante luta sobre os pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas [...] ideológicas”.

Com relação ao poder, em *Microfísica do poder*, Foucault (1979) compreende que o poder está disseminado nos vários âmbitos da vida cotidiana do indivíduo. O autor chega à conclusão que o poder concentrado nas mãos do Estado - o macropoder- está diluído ou fragmentado em mil pequenos poderes denominados por ele de “micropoderes”. Portanto, Foucault deixa de considerar o poder de um indivíduo que vigia os outros. Ele passa então a focalizar o poder em que cada indivíduo, de certa forma, exerce uma pequena parcela de poder dentro da sua esfera de vivência social. Foucault (1979) fala em uma *microfísica do poder* que se trata de micropoderes diluídos e espalhados pela sociedade em todos os blocos sociais, desde as relações familiares passando pelas relações profissionais, manifestando-se ainda em todos os aspectos da vida social, inclusive os religiosos.

Sendo assim, Foucault não atribui importância ao poder que se exerce de cima para baixo, controlando o indivíduo. Ao contrário, o autor se ocupa do poder que, de certo modo, está entranhado em cada indivíduo, materializando-se em suas relações interpessoais com outros indivíduos, reproduzindo, assim, as relações de poder que existem em escala global dentro da sociedade.

Já que o poder está entranhado em cada indivíduo, os Padres carismáticos têm o poder para transformar a estrutura rígida e inflexível das práticas tradicionais católicas, que desloca Jesus do topo da hierarquia devocional. Enquanto agentes sociais, os carismáticos buscam o **consenso** com os cristãos evangélicos que posicionam Jesus no topo. Isso se dá porque, conforme Gramsci (1995), o consenso é o mecanismo de dominação mais eficiente. Mediante o consenso que se estabelece a hegemonia proveniente das articulações que o grupo dominante faz e também da sua ideologia que é difundida dentro da sociedade. Consideramos que dessa forma os carismáticos têm se ajustado na luta ideológica contra os evangélicos cujas práticas ideológicas têm tido êxito no Brasil.

Dentre os carismáticos, atemo-nos a Padre Fábio de Melo a quem é atribuído duplamente o poder já que a ele é conferido o poder de falar enquanto Padre e também o poder de falar enquanto intelectual. Isso porque conforme a concepção de Foucault, a nossa sociedade distribui esses micropoderes com uma pequena cota de conhecimento. Para ele, existe uma relação entre “saber” e “poder” de modo que o Estado se mostra como um estábulo detentor de um saber adequado sobre como devem ser as leis, por exemplo, visando regular as relações entre os indivíduos no meio social. Porém, o macrossaber da macroestrutura (que é o Estado) se fragmenta em pequenos saberes. Esses saberes, por sua vez, estão nas mãos de cada indivíduo que, dentro da sua especialidade como profissional ou intelectual, adquirem um conhecimento que lhe transfere uma certa cota de poder. À medida que o **conhecimento** conferido a um indivíduo é especializado, é conferido a ele um **poder** especializado. Em cada setor da sociedade há uma cota de poder proporcional ao conhecimento que aqueles indivíduos adquiriram ou que foi transmitido a eles.

Retomando o nosso objeto de pesquisa, vimos no primeiro capítulo que a Igreja Católica está fragmentada em três diferentes alas diferenciadas ideologicamente que se confrontam entre si: a tradicional, a ala progressista e a Renovação Carismática Católica. Na última ala mencionada, Fábio de Melo também está inserido como um Padre. Além de Padre, Fábio de Melo já atuou no meio social enquanto um intelectual quando lecionou em uma Universidade por possuir os títulos acadêmicos de pós-graduação em Educação e mestrado em Teologia Sistemática. Sendo assim, a Academia conferiu a Fábio de Melo o saber

especializado e com ele igualmente um poder especializado, autorizando-o no discurso acadêmico. Atualmente, Fábio de Melo não mais atua como professor universitário.

Observamos que a posição de Padre ocupada pelo ator social se dá mediante a fragmentação do poder da Igreja Católica em sua macroestrutura em um micropoder que foi conferido ao indivíduo Fábio de Melo. Fábio de Melo, por sua vez, deixa de ser um indivíduo, passando a falar de um lugar de poder conferido a ele pela Igreja. A Igreja concedeu a ele o posto de Padre já que se consagrou e concluiu os seus estudos eclesiais. Ou seja, o saber acerca da Eclésia o legitimou, conferindo a ele um poder eclesial de ser considerado um representante de Deus para todas as alas da Igreja.

É ainda conferido a Padre Fábio de Melo outro saber, o intelectual, atribuindo a ele um segundo poder. Dessa dupla posição de poder, Fábio de Melo está autorizado a atuar no meio social enquanto intelectual que é já que possui o conhecimento acerca dos mecanismos discursivos e ideológicos que estão entranhados no meio social. Dizendo de outra forma, Fábio de Melo, enquanto intelectual, não é alheio ao conhecimento proveniente da Academia, pois possui o esclarecimento acerca da formação da sociedade e dos meios de manipulação social que visam à opressão e à alienação dos indivíduos. Nesse sentido, compreendemos Padre Fábio de Melo como sendo um indivíduo esclarecido tanto pela Igreja quanto pela Academia no sentido de estar apto e bem preparado para o embate ideológico, sobretudo com os evangélicos.

Na perspectiva da microfísica do poder, acreditamos que a legitimidade conferida a Fábio de Melo pela Igreja e pela Academia conferem a ele credibilidade, autorizando-o a atuar no meio social. Tendo credibilidade, os indivíduos se interessam em ouvi-lo. Com a palavra, ele tem o poder de influenciar indivíduos a permanecerem no catolicismo. Isso porque, conforme Foucault, o poder está em toda parte não porque englobe ou controle tudo, mas porque emana de tudo. Retomando o nosso contexto, é provável que o poder da Igreja tem sido emanado por um atuante e esclarecido indivíduo que vem influenciando indivíduos de vários setores da sociedade brasileira.

2.5 A Análise Crítica do Discurso de Norman Fairclough

A Análise Crítica do Discurso (ACD), concebida como uma proposta de continuidade à Linguística Crítica⁶, uma abordagem funcionalista teórico-metodológica que analisa criticamente a relação entre linguagem, poder, ideologia e sociedade. Para isso, estuda o lingüístico no interior do social, preocupando-se com a crítica de relações sociais que (re)produzem o abuso de poder, a dominação e a desigualdade social através de textos.

A ACD se distingue da Linguística Crítica principalmente pelo seu caráter multidisciplinar ao dialogar com disciplinas das ciências humanas que atribui grande relevância à compreensão da linguagem relacionada à vida social. Nesse sentido, a ACD considera o contexto de uso da linguagem como um elemento fundamental. Por isso, as pesquisas são voltadas para relações sociais de luta, conflito, poder, discriminação, identidade ora materializadas por discursos como o institucional, o político e o da mídia.

Dentre os principais analistas críticos do discurso, adotaremos como referencial teórico do nosso trabalho a ACD desenvolvida por Norman Fairclough (2001,003). Conforme o autor, a língua é parte inseparável da vida social. Por isso, conecta-se de forma dialética com outros elementos externos ao sistema lingüístico que exercem influência sobre a língua da mesma forma que são influenciados por ela. Por isso, as análises sociais devem sempre considerar a linguagem⁷.

Dentre as muitas formas de se fazer análise do discurso, a abordagem desenvolvida por Fairclough (2003) se baseia na “Análise do Discurso textualmente orientada” em que são utilizadas análises detalhadas de textos. Porém, analisar textos não se reduz somente à análise lingüística. Ao contrário, inclui também a análise interdiscursiva em que as relações internas dos textos estão conectadas as suas relações externas.

Para uma melhor compreensão da abordagem do linguista, precisamos *a priori* definir discurso na concepção de Fairclough. Em *Discurso e mudança social*, Fairclough (2001) concebe o discurso como uma prática social que passa por mudanças que decorrem dos processos sociais e culturais. Além disso, o autor percebe o discurso como

⁶ Conforme Fowler *a tal* (1979), a Linguística Crítica é uma abordagem funcionalista cuja capacidade lingüística de produção de significados resulta da estrutura social em que esses significados sociais e suas materializações em textos devem ser incluídos na análise gramatical, mais especificamente na Gramática Funcional desenvolvida por Halliday. Para Fowler *et al*(1979), a análise lingüística deve ser o principal instrumento para a investigação dos processos ideológicos que intercedem as relações de poder.

⁷Estamos empregando linguagem, na mesma concepção de Fairclough, como sinônimo de discurso.

Formas de representação de aspectos do mundo – os processos, relações e estruturas do mundo material, do “mundo mental” dos pensamentos, sentimentos, crenças e assim por diante, e o mundo social. [...] Diferentes discursos são diferentes perspectivas de mundo, e eles estão associados com as diferentes relações que as pessoas têm no mundo que, por sua vez, dependem de suas posições no mundo, das identidades sociais e pessoais que elas estabelecem com outras pessoas (FAIRCLOUGH, 2003. p. 124).⁸

Nesse sentido em que temos o discurso como prática social que promove mudanças nas formas de representação de aspectos do mundo, o discurso passa a ser visto como um modo de ação em que as pessoas podem agir sobre o mundo e sobre os outros, transformando uma determinada *estrutura* (GIDDENS, 2003). Sendo assim, o sujeito na ACD é visto como um agente com o poder de transformação através da linguagem e não mais um sujeito assujeitado às condições de produção que o interpelavam pela ideologia (ALTHUSSER, 1987).

Dessa forma, apreendemos que as práticas discursivas desempenhadas pelos agentes sociais geram efeitos sociais quando esses agentes falam ou escrevem. Nas próprias palavras de Fairclough (2003, p. 8), “textos podem mudar nosso conhecimento [podemos aprender com eles], nossas crenças, nossas atitudes, valores e assim por diante”⁹. Em outros termos, na ACD, o sujeito é convertido em um agente capaz de promover mudanças concretas em todos os setores da sociedade, inclusive “mudar a rota” ideológica dos setores sociais mais tradicionais.

A posteriori, consideramos importante destacar que o trabalho desenvolvido por Fairclough dentro da ACD direciona uma análise crítica de textos veiculados pela mídia, analisando como o controle social e o poder são exercidos por meio dos significados dos textos. Nesse sentido, o linguista ressalta que a análise do discurso deve ser tomada tanto como prática política quanto prática ideológica.

Essa análise crítica de textos compreende tanto uma análise linguística quanto uma análise interdiscursiva em que são observados os diferentes discursos, gêneros e estilos presentes nos textos que se apóiam e se articulam entre si. Portanto, Fairclough considera uma visão de textos e análises de textos em que

⁸Minha tradução de: “Ways of representing aspects of the world – the processes, relations and structures of the material world, the “mental” world” of thoughts, feelings, beliefs and so forth, and the social world. [...] Different discourses are different perspectives of the world, and they are associated with the different relations people have to the world, which in turn, depends on their positions in the world, their social and personal identities, and the social relationships in which they stand to other people. “

⁹Minhatradução de: “[...] texts can bring about changes in our knowledge (we can learn things from them), our beliefs, our attitudes, values and so forth.”

As relações ‘internas’ [semântica, gramática, léxico, vocabulário] dos textos estão conectadas as suas relações ‘externas’ [com outros elementos de eventos sociais e com práticas e estruturas sociais] por meio da mediação de uma análise ‘interdiscursiva’ dos gêneros, discursos e estilos que se apóiam e se articulam juntos (FAIRCLOUGH, 2003, p 38).¹⁰

Para criar o seu próprio método de análise, Fairclough (2003) considera os conceitos da Linguística Sistêmico-Funcional, que é um tipo de funcionalismo. Quanto aos estudos funcionalistas da linguagem, esses abordam a língua como um sistema aberto e dialético. Ou seja, a linguagem constitui o sistema e, ao mesmo tempo, o sistema constitui a linguagem. Por isso, as análises propostas por Fairclough são orientadas pela Linguística Sistêmico-Funcional proposta por Halliday (1978), já que a LSF igualmente compreende a língua como um sistema aberto que é estruturado pelo sistema e também capaz de transformar o sistema. Como podemos ver, a LSF é uma teoria que aborda o funcionamento da linguagem humana. Sem deixar de considerar as descrições estruturais, a LSF destaca o uso da língua a fim de caracterizá-la para então descrevê-la.

Com relação ao uso da linguagem, nós a usamos com o propósito de criar significados que são determinados pelas nossas escolhas linguísticas. Essas escolhas são feitas dentre uma série de opções disponíveis a serem selecionadas no momento do uso da linguagem. Quando nos comunicamos, seja pela escrita ou pela fala, estamos negociando textos para produzir significados uns com os outros.

Em *Discurso e Mudança Social*, Fairclough (2001) propõe um quadro tridimensional de análise. Refere-se a um quadro de análise do discurso orientado tanto linguística quanto socialmente para o estudo das mudanças sociais. Esse quadro reúne três tradições analíticas. São elas: o **texto**, a **prática discursiva** e a **prática social**. Quanto à primeira, é considerado texto qualquer evento discursivo podendo, assim, ser escrito ou falado. A análise textual pode ser organizada a partir das categorias: vocabulário (lexicalização, sentido das palavras e metáforas), gramática, coesão e estrutura textual. Quanto à prática discursiva, aqui são analisadas as condições de produção, distribuição e consumo dos textos, coerência e intertextualidade. Por fim, na prática social, serão tratadas questões relativas à hegemonia econômica, política, cultural e ideológica.

De acordo com Fairclough (2001), a “descrição” é parte do procedimento de análise textual e “interpretação” as que tratam da prática discursiva e da prática social.

¹⁰Minha tradução de: “[...]the ‘internal’ (semantic, grammatical, lexical, vocabulary) relations of texts are connected with their ‘external’ (to other elements of social events, and to social practices and social structures) through the mediation of an ‘interdiscursive’ analysis of the genres, discourses and styles which they draw upon and articulate together.”

Para analisar os recursos léxico-gramaticais, Fairclough (2001) sugere o trabalho de Halliday que apresenta uma gramática útil para a análise do discurso. De acordo com Halliday e Matthiessen (2004), o texto possui simultaneamente três metafunções: **1. metafunção ideacional** (em que a oração é estruturada para representar a forma como os indivíduos veem o mundo); **2. metafunção interpessoal** (a oração se organiza na forma de interação entre falante e ouvinte) e **3. metafunção textual** (a estrutura temática carrega a linha de significado). Com base nessa *Gramática Sistêmico-Funcional* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) que Fairclough (2003) postula que o discurso realiza três tipos de significados simultaneamente: **1.significado acional** (que corresponde à metafunção interpessoal e à textual e relaciona-se ao conceito de gêneros), em que agimos e interagimos através dos gêneros discursivos; **2.significado representacional** (correspondente à metafunção ideacional e se relaciona-se a discursos), pelo qual posicionamos sujeitos e representamos o mundo e **3.significado identificacional** (correspondente à metafunção interpessoal e relaciona-se a estilos), em que se configuram as identidades ou os modos de ser no discurso. Em suma, gêneros, discursos e estilos para Fairclough são formas estáveis que os falantes utilizam para agir, representar e identificar o mundo. Consideramos pertinente destacar que as metafunções de Halliday e Matthiessen e os significados de Fairclough apenas se relacionam, possibilitando ao analista perceber a inter-relação entre os textos. Portanto, as metafunções e os significados não são a mesma coisa.

De acordo com a proposta do nosso trabalho, analisaremos as falas de Padre Fábio de Melo de acordo com o significado representacional pelo fato de possibilitar “chegar” às identidades que são formadas no interior da representação. Como categoria de análise, optamos pela gramática utilizando o sistema de transitividade. Compreendemos que o sistema de transitividade nos possibilitará relacionar o conceito de discurso aos modos de ser de Padre Fábio de Melo através dos modos de representação do mundo e a realidade por ele percebida.

2.6 O significado representacional e a transitividade

O significado representacional, conforme mencionado por Fairclough (2003), relaciona-se a discursos como modos de representar aspectos do mundo. Para o autor, diferentes discursos são considerados diferentes modos de se perceber o mundo. Esses diferentes modos de se perceber o mundo, por sua vez, associam-se a diferentes relações que

as pessoas estabelecem com o mundo, dependendo das posições que ocupam na sociedade e das relações que estabelecem com outras pessoas.

Resende e Ramalho (2006, p. 70-71) complementam que “os diferentes discursos não apenas representam o mundo ‘concreto’, mas também projetam possibilidades diferentes da ‘realidade’, ou seja, relacionam-se a projetos de mudança do mundo de acordo com perspectivas particulares.” Isso porque, dependendo do lugar de onde o indivíduo fala, os discursos podem complementar-se ou até mesmo competir um com o outro com a finalidade final de “dominação”.

Em conformidade com Fairclough (2003), Hall (2003) igualmente relaciona a noção de representação a discurso. O autor complementa que no interior dos discursos é que são construídas as identidades. De acordo com Hall (2003, p. 50-51), um discurso é “um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a ‘nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades”. Sendo assim, as identidades são construídas pelos discursos. As diferentes identidades existem por que formas diferentes de conceituar o mundo foram imaginadas.

Os discursos, enfatiza Hall, nascem na cultura em que o indivíduo está inserido. Afinal, o que é cultura? Hall compreende a cultura como um conjunto de valores e significados partilhados entre os indivíduos. A concepção de cultura como um conjunto de significados compartilhados é a origem do raciocínio de Hall sobre o funcionamento da linguagem como um processo de significação. Se a linguagem atribui sentido, os significados só podem ser partilhados pelo acesso comum à linguagem, que funciona como um sistema de representação. Nesse sentido, a representação através da linguagem é central para os processos pelos quais é produzido o significado. É através do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos, ou seja, como representamos o mundo, que conferimos a ele significado. Assim, o reconhecimento do significado faz parte do senso da nossa própria identidade através da sensação de pertencimento. Os sinais, por sua vez, possuem significado compartilhado já que representam nossos conceitos, ideias e sentimentos de forma que os outros decodifiquem ou interpretem de forma semelhante. Portanto, as linguagens funcionam através da representação. Elas são efetivamente sistemas de representação.

A perspectiva de Hall vai ao encontro da forma como a representação é compreendida na ACD, que a percebe como o sistema de crenças e ideologias presentes no interior dos discursos que circulam na sociedade. Fairclough (2003, p. 26) comenta que “representação é claramente um problema discursivo e podemos distinguir diferentes discursos, os quais

podem representar a mesma área do mundo de diferentes perspectivas ou posições.”¹¹ Sendo assim, os discursos variam em **estabilidade** e escala. Ou seja, “alguns discursos, em contexto sócio - históricos definidos, apresentam um alto grau de compartilhamento e repetição, podendo gerar muitas representações e participar de diferentes tipos de textos” (RAMALHO; RESENDE, 2006, p. 71). Quanto maior a repetição em escala global, maior a influência nas inúmeras práticas cotidianas. Essa **estabilidade** se dá porque os gêneros, os discursos e os estilos, considerados elementos discursivos e sociais, são os principais elementos das ordens do discurso. Afinal, o que são ordens do discurso? Fairclough as conceituam como sendo

uma combinação ou configuração particular de *gêneros, discursos e estilos* que constitui o aspecto discursivo de uma rede de práticas sociais. Como tais, ordens do discurso têm relativa **estabilidade** e durabilidade – embora elas possam, é claro, ser transformadas¹²(FAIRCLOUGH, 2003, p. 220, grifo nosso).

Da mesma forma que as representações podem ser perpetuadas no meio social através de um texto, novas formas de representar o mesmo aspecto do mundo podem ser criadas no mesmo texto através de diferentes discursos. Diferentes discursos em um único texto implicam articulação da diferença entre eles, o que leva a estabelecer uma relação de cooperação ou competição no interior do discurso. Quando diferentes discursos competem entre si em um texto, Ramalho e Resende (2006, p. 71) afirmam que é comum existir um discurso “protagonista” e outro “antagonista” cuja articulação serve para negar um discurso em nome da afirmação de outro discurso. Sendo assim, um texto é heterogêneo, já que em seu interior encontramos a articulação de diferentes discursos. É o que Fairclough chama de *interdiscursividade*.

Através dos diferentes discursos que “falam” no texto (a interdiscursividade), chegamos à identificação e à forma como eles são articulados. A identificação de um discurso presente nos textos se dá de duas formas: (1) identificando os **temas centrais** e (2) identificando a **perspectiva particular** pela qual os temas centrais são representados. É pelos traços lingüísticos que o analista percebe as maneiras particulares de os atores sociais representarem o mundo.

¹¹Minha tradução de: “Representation is clearly a discursive matter, and we can distinguish different discourses, which may represent the same area of the world from different perspectives or positions.”

¹²Minha tradução de: “a particular combination or configuration of *genres, discourses and styles* which constitutes the discursive aspect of a network of social practices. As such, orders of discourse have a relative stability and durability – though they do of course change.”

A fim de analisar textos conforme o significado representacional, Fairclough (2003) utiliza três tópicos para análise: a coesão, a gramática e o vocabulário. Para fins deste trabalho, discorreremos sobre o sistema de transitividade que diz respeito ao tópico gramatical.

Falar em transitividade implica, *a priori*, estabelecer a distinção do termo conforme a Gramática Tradicional e a Gramática Sistêmico-Funcional. Conforme a Gramática Tradicional, “a transitividade é uma propriedade do verbo e não da oração. São transitivos aqueles verbos cujo processo se transmite a outros elementos que lhes completam o sentido. Por oposição, nos verbos intransitivos a ação não vai além do verbo” (CUNHA; SOUZA, 2011, p. 31-32). Já para a Gramática Sistêmico-Funcional, ao contrário, a transitividade é uma propriedade da oração que, enquanto representação, revela: **(1) quem fez, (2) o quê, (3) para quem, (4) sob quais circunstâncias (como, quando e onde)**. Dessa forma, os usuários da língua utilizam o sistema gramatical para construir as suas experiências humanas que ocorrem tanto no mundo ao nosso redor quanto no mundo da consciência, incluindo percepção, emoções e imaginação (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004).

Sendo assim, a transitividade na perspectiva dos estudos funcionalistas compreende que a oração pode ser formada por três elementos principais: os processos, os participantes e as circunstâncias¹³.

Conforme Halliday e Mathiessen (2004), há seis tipos de processos. São eles: **material, mental, relacional, comportamental, verbal e existencial**. Quanto aos três primeiros (material, mental e relacional), são considerados processos principais. Já os demais (comportamental, verbal e existencial), Halliday e Mathiessen (2004) os consideram processos que ocupam uma posição intermediária em relação aos processos principais. Sendo assim, entre os processos materiais e mentais, temos o processo comportamental; entre os processos mentais e relacionais há os processos verbais. Já os processos existenciais se situam entre os relacionais e os mentais. Descrevemos a seguir os processos de Halliday e Mathiessen (2004) e os participantes envolvidos em cada tipo de processo.

- 1. Processo material:** responsável pela construção da experiência externa. São processos do fazer e do acontecer, relacionados a ações do mundo físico. Esse tipo de processo geralmente responde às perguntas: “o que x fez?”, “o que x fez para y?” e “o que aconteceu?”. Não representam necessariamente eventos concretos ou físicos. Ou seja,

¹³Utilizaremos nas análises e nos exemplos mencionados as seguintes marcações: (1) **negrito** para os processos; (2) sublinhado para os participantes e (3) *italico* para as circunstâncias, a fim de diferenciá-los.

podem representar eventos subjetivos. Com relação aos participantes, estes podem ser: (1)**ator**: aquele que faz a ação; (2)**meta**: representa quem ou o que foi afetado pela ação ou a quem a ação é dirigida; (3)**beneficiário**: aquele que recebe a ação; (4) **cliente**: esse representante representa a entidade para quem alguma coisa é feita, criada ou transformada e (5) **escopo**: representa aquele que não é afetado pelo processo. Esse participante constrói o ambiente em que o processo ocorre.

Exemplos:

1. O símbolo [participante: ator] não nos [participante: beneficiário] **salva** [processo material].

2. *Em muitas pessoas* [circunstância] você [participante: ator] **encontra** [processo material] uma dificuldade muito grande [participante: escopo] dela [participante: comportante] **relacionar-se** [processo comportamental] diretamente com Deus Pai [participante: alvo].

2. **Processo mental**: está relacionado ao sentido. Esse tipo de processo se refere às ações que se dão no fluxo de nossos pensamentos. Sendo assim, são processos de sentir relacionados à representação de nosso mundo interior. São classificados em processo mental de: (1) emoção/feição: relacionados aos sentimentos e graus de afeição (detestar, odiar, amar); (2) cognição: relacionados à decisão e compreensão (saber, entender, decidir); (3) desejo (querer, desejar) e (4) percepção: relacionados à observação de fenômenos (sentir). Os participantes desse processo são: (1) **o experienciador**, que é o participante humano que sente, ou seja, aquele participante em cuja mente o processo está se realizando e (2) **o fenômeno**, que é aquilo que é sentido ou pensado pelo experienciador.

Exemplo: Minha esposa [participante: experienciador] **gostou** [processo mental] do programa [participante: fenômeno].

3. **Processo relacional**: é aquele do ter, ser e pertencer. Esse tipo de processo serve para caracterizar e identificar. Relaciona um participante com sua identidade ou pertencimento de classe. As experiências internas e externas do indivíduo podem ser construídas por orações relacionais que moldam essas experiências como ser mais do que fazer e sentir. Podem ser de três tipos: (1) intensivo (em que X é ou está A *ou* X está se tornando Y ou membro de Y); (2) circunstancial (em que X é ou está em A) e (3) possessivo (em que X tem ou possui A). Cada um desses tipos pode ainda ser classificado de dois modos: a) **atributivo**, referindo-se às qualidades sendo a oração

irreversível e b) **identificativo**, referindo-se à classe, a oração é reversível e pode ser transformada em oração passiva. No processo atributivo, temos como participantes: **portador** e **atributo**. No processo identificativo, temos como participantes: **valor** e **característica**.

Exemplos:

1. Os santos [participante: portador] **são** [processo relacional] homens e mulheres como nós [participante: atributo].
2. Jesus [participante: valor] **é** [processo relacional] o destino final da santidade [participante: característica].

4. **Processo comportamental:** descrevem comportamentos fisiológicos e psicológicos. Esse processo está entre os processos materiais e os mentais, pois os processos comportamentais não representam uma ação propriamente dita, mas seu significado pode levar a uma ou mais ações. Aproximam-se de processos mentais como olhar, assistir, preocupar-se e dos processos materiais como dançar, respirar, deitar. Os participantes são: (1) **o comportante:** aquele que realiza a ação) e (2) **o fenômeno:** aquilo realizado pelo comportante.

Exemplo: A humanidade [participante: comportante] **caminha** [processo comportamental] o tempo todo [circunstância] para este modelo [participante: fenômeno].

5. **Processo verbal:** são os processos de dizer e estão na fronteira entre os processos mentais e os relacionais. Os participantes desse tipo de processo são: (1) **o dizente:** aquele que realiza a ação; (2) **o receptor:** para quem a mensagem é direcionada; (3) **o alvo:** a entidade a que/quem a mensagem é dirigida e (4) **a verbiagem:** a mensagem propriamente dita.

Exemplos:

1. Quem [participante: dizente] **disse** [processo verbal] que a nossa relação com Deus também não passa pelos nossos significados humanos?[participante: projeção hipotática]
2. Eu [participante: dizente] **peço** [processo verbal] a sua proteção [participante: verbiagem].

6. Processo existencial: esse tipo de processo representa algo que existe ou acontece. Pode ainda envolver processos meteorológicos (está chovendo). Encontra-se entre os processos relacionais e os materiais. Geralmente esse tipo de processo ocorre com os verbos haver, existir e ter. O único participante é o **existente**.

Exemplo: O respeito [participante: existente] **existe** [processo existencial] da mesma maneira que eu respeito os evangélicos.

A partir da análise dos elementos léxico-gramaticais na oração em termos de transitividade, o analista acessa a função ideacional da linguagem. Por meio dessa função, são revelados que tipos de conhecimentos ou crenças são produzidos. Dessa forma, o sistema de transitividade constrói a representação da realidade materializada nos textos.

CAPÍTULO III: A RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO FIEL CATÓLICO SOB A ÓTICA DO DISCURSO RELIGIOSO DE PADRE FÁBIO DE MELO NO PROGRAMA *DIREÇÃO ESPIRITUAL*

3.1 Objeto e contexto da pesquisa

O objeto de nosso trabalho é o discurso religioso de Padre Fábio de Melo. O objetivo desta pesquisa é analisar como o Padre se empenha em resgatar o poder da Igreja Católica no Brasil tendo como hipótese a ser investigada a reconstrução da identidade do fiel católico. Esta pesquisa será desenvolvida utilizando o programa semanal *Direção Espiritual* que é apresentado por Padre Fábio de Melo. O respectivo programa - há onze anos no ar - é transmitido pela TV Canção Nova, emissora vinculada à Renovação Carismática Católica, às quartas-feiras, das 22h às 23h, com reprise aos sábados, a partir de 1h, e aos domingos às 20h.

O cenário do programa é comparado a uma sala mobiliada com uma poltrona branca e uma mesa, conforme a figura 2 nos mostra.

Figura 2: Imagem do cenário do programa *Direção Espiritual*



Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=ImfAQXtogM>

A gente precisa, uma vez disse isso causei até um certo desconforto em algumas pessoas que não quiseram entender o que eu estava dizendo. Mas também é uma questão de maturidade, né, gente? A Igreja nos convida a rezar com os santos. É na comunhão com os santos. Isso é Teologia. Você tem o direito de ter a sua devoção de fazer a sua novena? Tem. A Igreja não lhe impede de viver isso, mas ela também não nos obriga” (trecho da fala do Padre Fábio de Melo no programa).

Como podemos observar, em cima da mesa, há uma imagem de Pietá. Essa imagem se trata de uma referência ao sagrado por ser uma escultura feita por Michelangelo que

representa Jesus morto nos braços de Nossa Senhora. . Esse cenário confere ao programa um clima de harmonia, gerando uma aproximação do apresentador com o telespectador.

Ao olhar diretamente para o telespectador, conforme a figura 3 nos mostra, é criado um vínculo direto com o indivíduo que assiste ao programa. Com isso, o apresentador *demand*a algo desse telespectador podendo se construir uma relação de afinidade, de sedução ou mesmo de dominação (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006).

Figura 3: Imagem de Padre Fábio de Melo no programa *Direção Espiritual*



Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=ImfAQXtgbM>

Essa *demand*a é reinterpretada na forma de focalização por autores como Unsworth (2001). Toda fala do apresentador durante o programa é acompanhada pelo som de um piano. O Padre inicia o programa cantando uma canção. Em seguida, faz uma reflexão sobre um tema específico. Por fim, responde a perguntas enviadas pelos telespectadores por cartas, emails ou redes sociais.

3.1.1 Coleta e seleção de dados

Nosso *corpus* é composto por um recorte de quatro programas extraídos do *site youtube*. Os programas foram selecionados conforme a temática religião, delimitando os discursos recorrentes sobre as devoções religiosas que representam o catolicismo: as devoções a Maria, os santos e Jesus. Nosso objetivo em fazer uma escolha temática do *corpus* é verificar que estratégias discursivas são associadas a uma prática utilizada pelo apresentador na forma como ele interage com os ouvintes na hipótese de desconstrução e reconstrução da identidade do fiel católico.

3.1.2 Procedimentos metodológicos

A análise proposta do objeto se deu, *a priori*, com a organização do *corpus*, procedendo à coleta de dados. O procedimento adotado para a coleta de dados foi a transcrição do programa *Direção Espiritual* apresentado por Padre Fábio de Melo. Optou-se por fazer transcrição livre feita pela própria autora, mantendo a transcrição no padrão formal da escrita. Posteriormente, foi feita a descrição da materialidade linguística dos textos selecionados com base na categoria de transitividade a fim de analisar a possível reconstrução da identidade do fiel católico a partir da prática social desempenhada pela legitimação do agente. Através do sistema de transitividade, acessaremos as representações discursivas construídas por Padre Fábio de Melo nos seus discursos realizados nos recortes selecionados do programa *Direção Espiritual* para esta pesquisa. Para tanto, selecionamos as figuras emblemáticas no interior do catolicismo: de Maria, dos santos e de Jesus.

A fim de acessar as representações construídas acerca das três figuras mencionadas, escolhemos utilizar: (1) os programas 1 e 2 para focalizar os discursos do Padre sobre Maria e sobre Jesus e (2) os programas 3 e 4 para focalizar os seus discursos sobre os santos e sobre Jesus, totalizando quatro programas. A intencionalidade em comparar as formas como Jesus é representado perante as duas outras figuras do catolicismo nos levará a responder a nossa pergunta de pesquisa: como e por que Padre Fábio de Melo tem possivelmente reconstruído a identidade do fiel católico? Sendo assim, a partir do acesso às representações de Maria, dos santos e de Jesus construídas discursivamente pelo Padre, analisaremos, posteriormente, a forma como Fábio de Melo reconstrói ou reorganiza a identidade do fiel católico, levando-nos a responder a nossa pergunta de pesquisa.

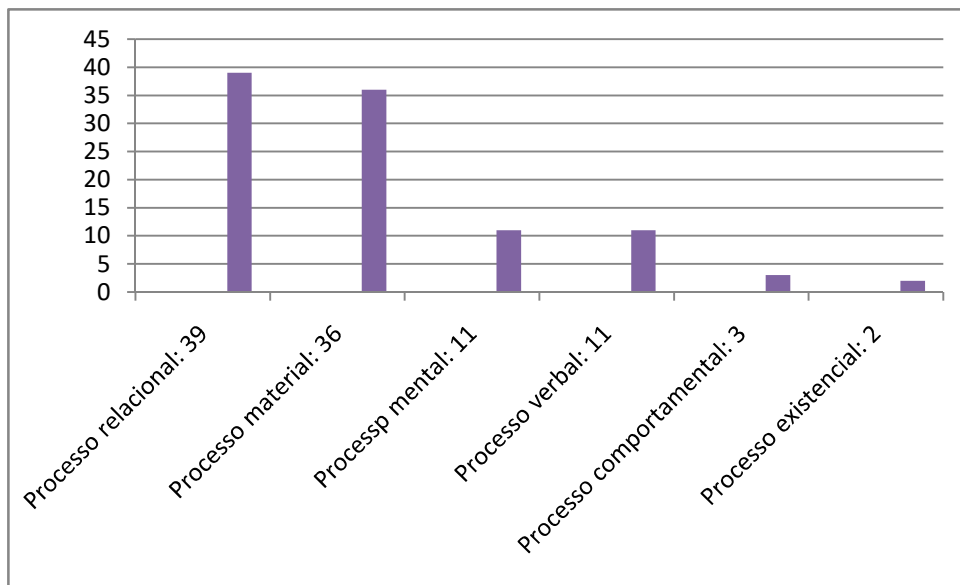
Na análise da transitividade, optamos por marcar os processos e os participantes. Isso porque compreendemos que a reconstrução ou a reorganização identitária do fiel católico ocorrerá, sobretudo, na observância desses dois itens. Os processos e os participantes envolvidos nos levarão à compreensão da construção das experiências devocionais sob a perspectiva de Padre Fábio de Melo. Já as circunstâncias, não foram pontuadas nas análises. Porém, iremos pontuá-las caso revelem informações sobre o contexto.

3.2 Análise da construção da identidade de Maria a partir da transitividade

O nosso *corpus* nos mostra que os tipos de processos utilizados por Padre Fábio de Melo quando se refere a Maria em todas as posições por ela ocupada foram: (1) **processo**

relacional com 39 ocorrências (que corresponde a 38,6% dos processos); (2) **processo material** com 36 ocorrências (35,6% dos processos) ; (3) **processo mental** com 11 ocorrências (10,8% dos processos); **processo verbal** com 11 ocorrências (10,8% dos processos); **processo comportamental** com 3 ocorrências (2,9% dos processos) e **processo existencial** com 2 ocorrências (0,9% dos processos). Esses dados são mostrados no Gráfico 1:

Gráfico 1: Incidência dos processos referentes a Maria nos programas 1 e 2



Conforme os dados apresentados, constatamos a recorrência de dois tipos de processos nas falas do Padre ao mencionar Maria: os processos relacionais e os materiais. O percentual de 38% de processos relacionais e 35,6% de processos materiais nos evidencia quantidades ou usos equivalentes de processos.

Esse uso equilibrado de processos nos parece revelar algo sobre a intenção de Padre Fábio de Melo ao representar Maria para os telespectadores utilizando tanto processos relacionais quanto os materiais distribuídos de forma proporcional.

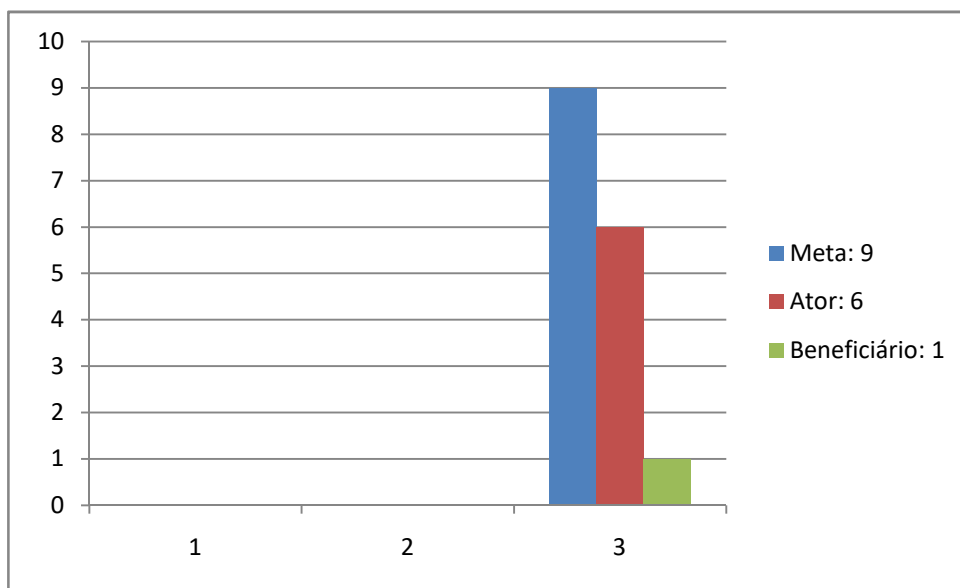
Antes de procedermos às análises, optamos por antecipar para o leitor o quantitativo e o percentual de participantes envolvidos nesses dois processos recorrentes, conforme o quadro 1 nos mostra:

Quadro 1: Incidência de Maria como participante nos processos materiais e relacionais nos programas 1 e 2

16 Participantes dos processos materiais			50 participantes dos processos Relacionais					
Meta	Ator	Beneficiário	Valor	Característica	Atributo	Portador	Possuidor	Possuído
9 (56,2%)	6 (37%)	1 (6,8%)	15 (30%)	20 (40%)	5 (10%)	1 (2%)	4 (8%)	5 (10%)

Nas falas analisadas sobre Maria nos programas 1 e 2, o nosso *corpus* nos mostra, conforme o quadro 1, que das 39 ocorrências de processos materiais, Maria se configura como: (1) participante ator 6 vezes; (2) participante meta 9 vezes e (3) participante beneficiário uma vez:

Gráfico 2: Incidência de Maria como participante nos processos materiais nos programas 1 e 2



Como podemos observar, Maria é representada prioritariamente como participante meta nas falas de Padre Fábio de Melo. Sendo assim, Maria é afetada pelo processo praticado pelo participante ator:

- (1) Nós não podemos interpretar de maneira errada o que a Igreja [participante: ator] nos [participante: beneficiário] propõe [**processo material**] quando nos [participante: beneficiário] coloca [**processo material**] Maria [participante: meta] como mãe [participante: atributo].
- (2) **Agraciada** [**processo material**] por Deus [participante: ator], **colocada** [**processo material**] *neste mundo* [*circunstância*] *de maneira muito especial* [*circunstância*] e **respeitada** [**processo**]

material] e **venerada** [processo material] pela Igreja [participante: ator] como mãe da Igreja [participante: atributo].

Nos exemplos (1) e (2), chamou-nos a atenção a escolha do processo material “colocar”, em que Maria é afetada pela ação praticada pelo “ator” Igreja. Isso nos mostra que não é o indivíduo Fábio de Melo quem fala que Maria é a mãe da Igreja e sim a Igreja que a coloca como mãe. Ao escolher a Igreja como participante ator, Fábio de Melo fala do lugar de Padre que ocupa na instituição católica que o configura como um representante de Deus. Dessa forma, falando da posição de Padre que é, ele está autorizado no discurso religioso a se dirigir a todos os católicos, independente da ala de identificação do católico: a tradicional, a progressista ou a carismática. A sua legitimação enquanto Padre confere a ele um certo poder que leva os católicos a respeitá-lo. O respeito dos católicos se dá devido ao poder que a ele foi conferido pela Igreja. Compreendemos que por isso ele escolheu falar em nome da Igreja ao utilizar a Igreja como participante ator. Dessa forma, ele persuade os católicos, aproximando-se de todos independente das suas divergências práticas religiosas. Busca, assim, a unificação dos religiosos a partir da figura de Maria, considerada um ícone identitário do Catolicismo a quem é concedido o título de mãe da Igreja. Como tal, deve ser “respeitada” e “venerada”.

- (3) Se a gente [participante: ator] **coloca** [processo material] Nossa Senhora [participante: meta] *muito distante* [circunstância] do que é humano, a gente [participante: ator] **perde** [processo material] o específico nosso [participante: meta] *nela* [circunstância] que é **representado** [processo material] *dentro do mistério da encarnação* [circunstância].
- (4) Muitas vezes, a partir da construção teológica de Nossa Senhora, às vezes a gente [participante: ator] **perde** [processo material] alguns elementos humanos dela [participante: meta].

Já no exemplo (3), Fábio de Melo, ao utilizar o processo “colocar” mantendo Maria como meta, utilizou a locução pronominal indefinida de terceira pessoa do singular “a gente” como participante ator. Consideramos pertinente ressaltar que “a gente” corresponde ao pronome pessoal nós, o que inclui o eu e o (s) outro(s). Sendo assim, o Padre se posiciona criticamente. Em outros termos, ele fala por ele mesmo, questionando a hipótese de tanto ele quanto aquele que o ouve colocar “Nossa Senhora muito distante do que é humano”, que ele considera uma perda através do processo “perder” que aparece nos exemplos (3) e (4). Essa perda se refere aos elementos humanos de Maria que estão presentes em nós. Ou seja, Maria é mãe. Como mãe, ela também é humana como a telespectadora mulher e/ou mãe que o assiste. Essa

humanidade de Maria é confirmada no exemplo (5) através da desconstrução do endeusamento conferido a ela por alguns católicos:

- (5) **Erra** [processo material] aquele [participante: ator] que **trata** [processo material] Maria [participante: meta] como deusa [participante: atributo].

Através da desconstrução do endeusamento de Maria efetuada pelo processo “errar”, Fábio de Melo se aproxima da identidade da mulher, passando a construí-la a partir da humanidade de Maria.

Essa construção humana de Nossa Senhora como mãe é feita posicionando Maria como participante ator dos processos.

- (6) Maria [participante: valor] **é** [processo relacional] a legítima participação humana [participante: característica] no mistério da encarnação [circunstância]. [...] Como aquela [participante: ator] que **educou** [processo material] Jesus [participante: meta].

- (7) A mãe [participante: ator] que **educa** [processo material] este menino [participante: meta] pra que Ele tenha condições de compreender sua missão e vivê-la até o fim.

Conforme os exemplos (6) e (7), Maria (participante ator) é aquela que pratica o ato cuja ação é dirigida a Jesus (participante meta). Esse ato de Maria se refere ao papel humano de mãe que desempenhou ao educar o seu filho Jesus. Porém, é de suma importância considerarmos o contexto específico em que Maria exerce a sua maternidade: o mistério da encarnação. Conforme as próprias palavras do Papa Bento XVI¹⁴, a encarnação é “o mistério do filho de Deus que se fez carne para a nossa salvação, para que nos tornássemos nEle, filhos adotivos de nosso Pai Celestial. No menino de Belém, [...] Deus se tornou um de nós”. A encarnação de Deus na carne foi possível pela aceitação de Maria em gerar o filho de Deus em seu ventre e educá-lo como uma mãe. Embora seja Deus, Jesus veio ao mundo como homem e precisou da humanidade de Maria que se deu através dos seus cuidados maternos.

- (8) Ela [participante: ator] **precisou enfrentar** [processo material] os desafios diários de sua maternidade [participante: meta]. **Precisou lutar** [processo material] no seu dia-a-dia [circunstância] pra **poder exercer** [processo material] o papel [participante: meta] na vida de seu filho Jesus [circunstância] e **enfrentar** [processo material] a sociedade do seu tempo [participante: meta].

¹⁴ Disponível em: <http://www.youtube/watch?v=MUGbYM1jh6o&t=12s>

Além de educar o seu filho, Maria foi representada como uma mulher forte e de fibra através dos processos “enfrentar” e “lutar” no exemplo (8), que semanticamente, nos remete a uma batalha. Essa batalha se relaciona ao cumprimento do seu papel de mãe. Como mãe e mulher, ela enfrentou a maternidade e ainda a sociedade de seu tempo, já que engravidou sendo ainda uma mulher solteira, ainda que a sua gravidez tenha acontecido de forma sobrenatural e não fisiológica. Esse fato para época era considerado inadmissível para as mulheres. Por isso, a utilização dos processos “lutar” e “enfrentar” representam Maria como sendo uma mulher “de garra” à frente do seu tempo, que lutou contra a sociedade para defender a vida de seu filho, cumprindo, assim, o seu papel de mãe. Por isso foi uma mulher forte o suficiente para superar as suas fragilidades e dificuldades vivenciadas no cotidiano. Compreendemos que essa construção de Maria como sendo uma mulher lutadora e forte visa atingir as mulheres que assistem ao programa de modo a influenciá-las a se espelharem na humanidade de Maria para que possam seguir os mesmos passos que ela tanto na sua humanidade quanto na sua vida espiritual, seguindo Jesus, conforme o exemplo (9):

- (9) Toda vez que nós falamos de espiritualidade mariana, nós estamos pegando a cristologia e **colocando** [processo material] *na maneira específica* [circunstância] que Maria [participante: ator] **teve de seguir** [processo material] Jesus [participante: meta].

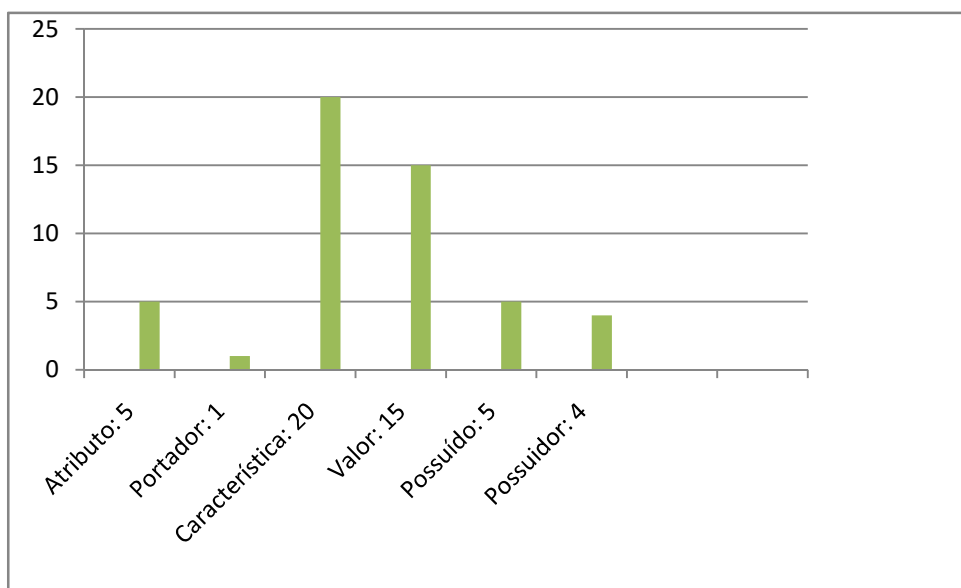
Esse exemplo nos mostra Maria como participante ator cuja meta é Jesus. Porém, diferentemente dos demais exemplos, o processo “seguir” utilizado no exemplo (9) não se refere a Maria como mãe (humanidade materna) e sim a sua prática espiritual em seguir Jesus – o filho de Deus. Dizendo de outra forma, ela muda de posição, deixando de assumir o seu lugar de mãe e passando a assumir o lugar de filha e serva de Deus.

Compreendemos que dessa forma Padre Fábio de Melo busca colocar Maria como um exemplo a ser seguido pelas mulheres pelas suas características virtuosas tanto como mãe quanto como serva de Deus, seguindo o seu filho Jesus.

Quanto aos processos relacionais, “são aqueles que estabelecem uma conexão entre entidades, identificando-as ou classificando-as, na medida em que associam um fragmento da experiência a outro” (CUNHA; SOUZA, 2001, p. 73-74). Sendo processos relacionados às questões de **ser, ter e pertencer**, esses processos nos mostram as percepções e os sentimentos de pertencimento que Padre Fábio de Melo constrói discursivamente sobre Maria. Tais percepções são acessadas através das respostas aos questionamentos: (1) **quem é Maria?** e (2) **O que ela tem?**

Nas falas analisadas sobre Maria nos programas 1 e 2, o nosso *corpus* nos mostra, no quadro 1, que das 39 ocorrências de processos relacionais, Maria se configura como: (1) participante portador 1 vez; (2) participante atributo 5 vezes; (3) participante característica 20 vezes; (4) participante valor 15 vezes, (5) participante possuidor 4 vezes e (6) participante possuído 5 vezes.

Gráfico 3: Incidência de Maria como participante nos processos relacionais nos programas 1 e 2



A fim de responder primeiramente o questionamento (1) **quem é Maria?**, destacamos os exemplos que se seguem:

- (10) Nossa Senhora [participante: valor] é [processo relacional] a mulher [participante: característica] onde tudo isso **acontece** [processo material]. **É** [processo relacional] a carne [participante: característica].
- (11) Maria [participante: valor] não é [processo relacional] deusa [participante: característica].

No exemplo (10), Maria é classificada pelo processo ser, sendo atribuídas a ela duas características: a de “**mulher**” e de “**carne**”. Semanticamente, a carne é compreendida como o corpo ou matéria que se opõe ao espírito e à alma. Já a mulher é considerada a carne capaz de conceber e parir outros seres humanos, distinguindo-se do homem por essas características. Portanto, atribuindo essas características a Maria, Fábio de Melo nega a divindade de Maria no exemplo (11), deixando de atribuir a ela a característica de

deusa. Em outros termos, Fábio de Melo escolhe os participantes valor e característica nas suas falas a fim de representar Maria como uma mulher.

Por outro lado, embora ela não seja deusa, o Padre não deixa de respeitá-la, considerando a importância de Maria para a realização dos planos de Deus. Conforme o primeiro capítulo deste trabalho, Deus enviou o seu filho Jesus - que é Deus - como um ser humano gerado no ventre de Maria. Por isso, Maria é Sua mãe. Foi pela aceitação dela em assumir esse papel, independente das lutas sociais que teria que enfrentar e enfrentou que Maria permitiu que o propósito de Deus – a salvação – viesse ao mundo através da sua carne. Nesse sentido, Maria faz parte do mistério da encarnação. Por isso, Fábio de Melo enfatiza que Maria não é uma mulher qualquer. Ao contrário, é uma mulher muito especial que deve ser respeitada por todos os cristãos. Se não fosse por ela, os cristãos não teriam a salvação que se dá pela aceitação de Jesus como único Senhor e salvador. Esse aspecto fica evidenciado linguisticamente pela escolha do Padre em representar a participação de Maria nos processos relacionais priorizando 40% de características em detrimento de 30% de valor, 10% de atributo, 10% de possuído, 8% de possuidor e 2% de portador, conforme os exemplos (12) e (13):

- (12) Maria [participante: valor] é [processo relacional] a legítima participação humana no mistério da encarnação [participante: característica]. Essa mulher [participante: possuidor] teve [processo relacional] muita raça [participante: possuído].
- (13) Maria [participante: valor] é [processo relacional] mãe de Deus [participante: característica]. Maria [participante: ator] é venerada e respeitada [processo material] pela Igreja [participante: ator] como mãe [participante: atributo].

Além de conferir a Maria características como as de “mãe de Deus” e “aquela que participou do mistério da encarnação”, Fábio de Melo a representa no exemplo (14) como sendo “intercessora”, e no exemplo (15) “a primeira seguidora”, “a primeira discípula” e “a primeira apóstola”. Mais uma vez o Padre ressalta linguisticamente no exemplo (15) que não se trata de qualquer mulher ao escolher utilizar como característica a repetição do termo “a primeira” seguido dos adjetivos que a qualificam: “seguidora”, “discípula” e “apóstola”. Essas três últimas representações se referem a ela como sendo a primeira mulher a seguir Jesus e ser sua discípula e apóstola. Em outros termos, ela é representada como o primeiro exemplo de discipulado a seguir Jesus. Com isso, Fábio de Melo incentiva tanto os católicos quanto as mulheres que o assistem a seguir o exemplo dessa mulher, seguindo Jesus como discípulo e apóstolo.

Observamos ainda o cuidado de Fábio de Melo ao enfatizar que ele fala do lugar de Padre que é quando recorre à teologia. De acordo com o Padre, é a teologia que atribui a Maria os valores materializados no exemplo (15). Percebemos que com isso ele busca uma aproximação principalmente com os católicos da ala tradicional, na tentativa de enfatizar que ele é favorável e não contrário ao ensinamento da Igreja. Com esse tipo de estratégia linguística ele parece ganhar a confiança do católico, podendo então reestruturar a percepção por ele considerada errônea que muitos católicos tradicionais têm ao representar Maria como deusa.

(14) Ela [participante: valor] é [processo relacional] a intercessora [participante: característica].

(15) A teologia [participante: portador] é [processo relacional] muito clara [participante atributo] quando nos [participante: meta] coloca [processo material] diante do mistério de Maria [circunstância] como aquela [participante: atributo] que [participante: valor] foi [processo relacional] a primeira seguidora [participante: característica], a primeira discípula [participante: característica], a primeira apóstola [participante: característica]. O meu respeito a Maria.

Com relação ao questionamento (2): o que Maria tem? chamou a nossa atenção a resposta de Padre Fábio de Melo no exemplo (16):

(16) Não foi [processo relacional] fácil [participante: atributo] ser ela [participante: projeção hipotática]. Não foi [processo relacional] fácil [participante: atributo] cumprir o seu papel [participante: projeção hipotática]. E aí você retira Nossa Senhora deste contexto muito às vezes uma ternura sem coragem, né? [...] Às vezes a gente vê Nossa Senhora assim, né, muito frágil. Muitas vezes, a própria representatividade na própria imagem [participante: possuído] que a gente [participante: possuidor] às vezes tem [processo relacional] dela. Uma ternura que dispensou a coragem. Não. Pelo contrário, né? Essa ternura [participante: portador] só é [processo relacional] possível [participante: atributo] porque essa mulher [participante: possuidor] teve [processo relacional] muita raça [participante: possuído].

Fábio de Melo mais uma vez desconstrói e reconstrói a identidade de Maria através do processo “ter”, enfatizando primeiramente a representação que nós temos de Nossa Senhora a partir da imagem dela. Entendemos que o Padre se refere à imagem de Maria confeccionada em gesso comum em ambientes católicos. Essa imagem é representada como uma mulher terna com traços finos, um olhar doce e submisso que nos transmite uma profunda serenidade e paz, o que confere a ela um ar angelical.

Selecionamos uma imagem de Maria para que o leitor possa perceber a possibilidade da fragilidade dessa mulher evidenciada principalmente no seu olhar. Observamos que parece que a forma como ela olha não é de um sujeito arrogante que impõe ou exige coisa alguma de outrem por se considerar superior. Ao contrário, ela parece olhar de forma

respeitosa e com o mesmo olhar de amor e acolhimento de uma mãe para o seu filho. Além disso, a sua aparente fragilidade parece portar também uma fortaleza que faz com que os fiéis católicos acreditem nela como mãe.

Porém, esse amor percebido no olhar de Maria pode ser por nós interpretado como submissão, que é definida como “obediência, sujeição, subordinação” (FERREIRA, 1986, p.1621). Portanto, um indivíduo submisso, conforme Ferreira (1986, p. 1621), é aquele que é “obediente, dócil, humilde e respeitoso”, que são características representadas na imagem de Maria. Essas características se contrapõem à definição de arrogante que se trata de um indivíduo que, tem “altivez, soberba, orgulho, insolência, atrevimento” (FERREIRA, 1986, p. 174). Em outros termos, trata-se de um indivíduo atrevido que se comporta com superioridade. Dentre as várias possibilidades que podem ser atribuídas a um comportamento submisso, consideramos aquela a que a sociedade associa esse tipo de comportamento como sendo aquele realizado por pessoas frágeis. Nesse sentido, compreendemos por que Padre Fábio de Melo na sua fala afirma que a imagem de gesso de Maria a representa como sendo uma mulher frágil.

Figura 4: Imagem de Nossa Senhora Rainha da Paz



Disponível em: [HTTP//WWW.icatolica.com.br/2017/06/nossa-senhora-rainha-da-paz.html](http://www.icatolica.com.br/2017/06/nossa-senhora-rainha-da-paz.html)

Porém, ele desconstrói essa representação frágil de Maria escolhendo o processo “ter” ao atribuir a Maria (participante possuidor) “muita raça” (participante possuído). Um indivíduo possuidor de “muita raça” é visto pela sociedade como sendo um indivíduo forte e de fibra. Sendo assim, Fábio de Melo reinterpreta a imagem de Maria conferindo a ela a imagem de uma mulher de raça que fica evidenciado na ternura do seu olhar, já que “essa ternura só é

possível porque essa mulher teve muita raça”. Ou seja, Padre Fábio de Melo mostra na sua fala que a aparente fragilidade de Maria traz também uma fortaleza que faz com que os católicos fortaleçam a sua crença nela.

A força de Maria em se submeter como serva ao plano de Deus aceitando cumprir o papel de mãe de Jesus é traduzida na ternura do seu olhar. Sendo assim, é o olhar humilde e respeitoso que representa a fortaleza dessa mulher. Indo além, vemos o discurso religioso de Padre Fábio de Melo sendo colonizado por um discurso patriarcal ao representar a fortaleza de Maria a partir do cumprimento do seu papel social enquanto mãe de Jesus. Em outros termos, o Padre sugere que ao se submeter como serva e respeitar as imposições feitas pelo masculino, que compreendemos ser Deus, é Maria se fortalece (LAFHEY, 1994).

(17) Quem disse que a nossa relação com Deus também não passa pelos nossos significados humanos? Em muitas pessoas você encontra uma dificuldade muito grande de relacionar-se diretamente com Deus Pai. [...] **tem** [processo relacional] mais facilidade [participante: possuído] de relacionar-se com Maria. **Tem** [processo relacional] uma devoção mariana equilibrada, bonita [participante: possuído]. **Tem** [processo relacional] Maria [participante: valor] como um exemplo de fé [participante: característica], como um exemplo de santidade [participante: característica] que eu quero viver. Então, não conflitue isso, viu?

Sendo Maria uma mulher forte e de muita raça, Fábio de Melo no exemplo (17) a retrata utilizando o processo “ter” como exemplos “de fé” e “de santidade” a serem seguidos por nós. Portanto, não rechaça a devoção mariana na Igreja Católica ao utilizar o processo “ter” para se referir à facilidade (participante característica) que o católico tem em se relacionar com a mãe. Ao contrário, ele incentiva esse relacionamento mariano. Porém, o Padre alerta através do processo “ter” que devemos ter uma devoção a Maria que seja “equilibrada” e “bonita”.

Compreendemos que com essa forma de se expressar o Padre sugere que muitos católicos deslocam a base do Cristianismo que, conforme Gaarder, Hellern e Notaker (2005), é Jesus. De acordo com Padre Fábio de Melo, os católicos parecem atribuir a Maria uma devoção “exagerada” que a configura como uma “deusa”. Conforme análises anteriores, Padre Fábio de Melo desconstrói o endeusamento de Maria, de modo a representá-la como sendo uma mulher santa que foi a escolhida para ser a mãe de Deus. Compreendemos com isso que é possível que esse alerta de Fábio de Melo aponte para os católicos mais tradicionais da Igreja na tentativa de fazê-los retornarem para o centro da fé cristã sem deixar de venerarem de forma “bonita” e “equilibrada” aquela que foi a responsável pela vinda e pela educação do salvador.

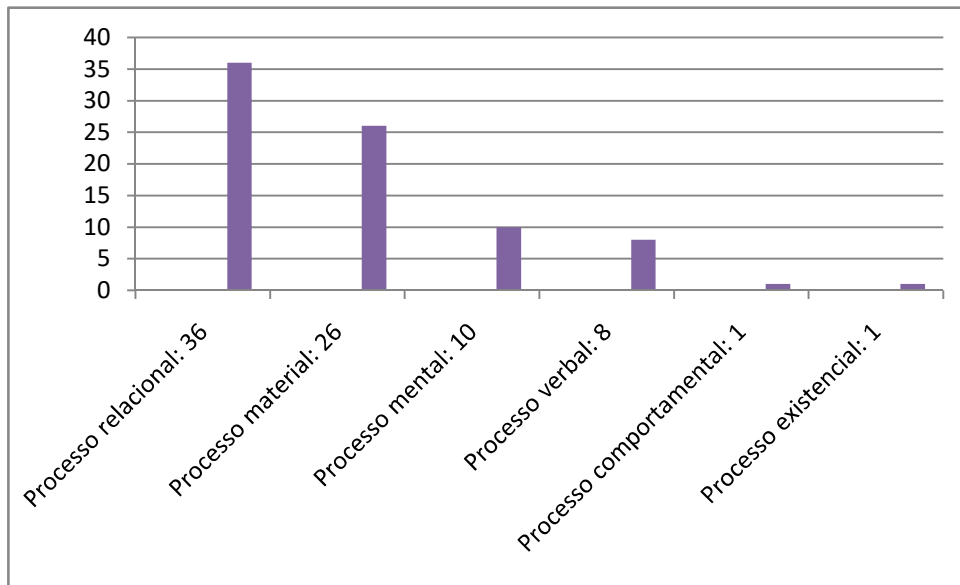
De forma sucinta, observamos pelas análises que a construção das representações de Maria pelos 39 processos relacionais, em que foram contabilizados 59 participantes reforçam principalmente a representação de mãe de Jesus construída pelos processos materiais. Dentre os 50 participantes envolvidos nos processos relacionais, 20 deles - que correspondem a um percentual de 40% - são “característica”. Essas “características” caracterizam Maria como sendo mulher, mãe e seguidora de Jesus. Já dentre os 16 participantes envolvidos nos 36 processos materiais, 9 deles, que correspondem a 56,2%, são “meta” . Essas “metas” representam Maria como mãe. Essa identidade de Maria como mãe é ainda confirmada pela sua participação como “participante ator” que aparece 6 vezes, correspondendo a 37% dos participantes envolvidos nos processos materiais . Com isso, Padre Fábio de Melo confere a ela uma posição de destaque devocional. Sendo assim, o lugar de mãe ocupado por Maria na hierarquia da Igreja Católica deve ser mantido. Dessa forma, Fábio de Melo se posiciona de comum acordo com os ensinamentos da Igreja.

Por outro lado, o nosso *corpus* nos mostrou também o seu questionamento contrariando os exageros devocionais dispensados a Maria por fiéis católicos, principalmente aqueles ligados à ala tradicional da Igreja. Com esse questionamento, Fábio de Melo busca alterar a ordem de prioridade devocional dispensada a Maria, ao representá-la como mãe e seguidora de Jesus e não uma deusa. Dessa forma, Fábio de Melo retira Maria do topo da pirâmide, colocando Jesus – quem ela segue – nesse lugar.

3.3 Análise da construção da identidade dos santos a partir da transitividade

Em relação à construção das identidades dos santos, o nosso *corpus* nos mostra que os tipos de processos utilizados por Padre Fábio de Melo quando se refere aos santos em todas as posições em que eles ocupam são: (1)) processo relacional com 36 ocorrências (que corresponde a 43,9% dos processos); (2) processo material com 26 ocorrências (31,7% dos processos) ; (3) processo mental com 10 ocorrências (12,1% dos processos); processo verbal com 8 ocorrências (9,7% dos processos); processo comportamental com 1 ocorrência (1,2% dos processos) e processo existencial com 1 ocorrências (1,2% dos processos). Esses dados são mostrados no Gráfico 4:

Gráfico 4: Incidência dos processos referentes a santos nos programas 3 e 4



Conforme os dados apresentados, constatamos a recorrência de dois tipos de processos nas falas de Padre Fábio de Melo sobre os santos: os relacionais, que correspondem a 43,9% dos processos, e os materiais, que correspondem a 31,7%. Como podemos observar, os dados nos mostram uma recorrência maior de processos relacionais do que de processos materiais.

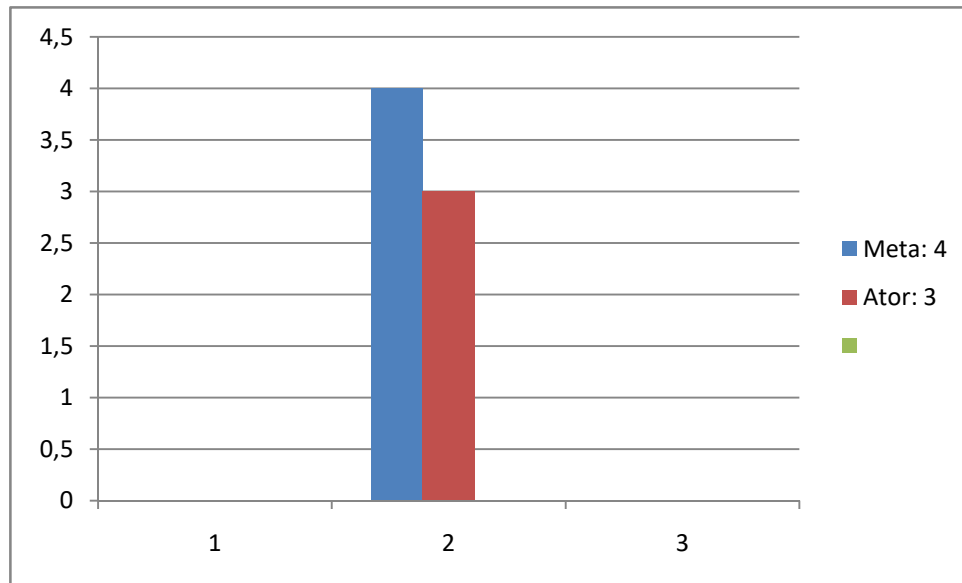
Em relação ao quantitativo e o percentual de participantes envolvidos nesses dois tipos de processos recorrentes, os dados são mostrados no quadro 2:

Quadro 2: Incidência dos santos como participantes nos processos materiais e relacionais nos programas 3 e 4

7 participantes dos processos materiais			21 participantes dos processos relacionais					
Meta	Ator	Beneficiário	Valor	Característica	Atributo	Portador	Possuidor	Possuído
4	3	0	4	6	8	5	0	4
57,1%	42,8%	0%	19%	28,5%	38%	23,8%	0%	19%

A começar pela análise dos processos materiais, nos programas 3 e 4, o nosso *corpus* nos mostra que das 26 ocorrências de processos materiais, os santos se configuram como: (1) participante meta 4 vezes e (2) participante ator 3 vezes.

Gráfico 5: Incidência dos santos como participante nos processos materiais nos programas 3 e 4



Analisaremos *a priori* os exemplos (18), (19) e (20) em que os santos aparecem como participante ator, que corresponde a 42,8% da participação dos santos nos processos materiais:

(18) Toda vez que você dobra o seu joelho [...] você tem que ter consciência que você está fazendo isso *na comunhão com todos aqueles* [circunstância] que [participante: ator] já **chegaram** [processo material] *à glória* [circunstância] *no exercício de virtudes que foram levadas à radicalidade* [circunstância].

(19) Muitos homens e mulheres [participante: ator] que **conseguiram chegar** [processo material] *lá neste nível de humanidade santificada* [circunstância].

(20) Um santo só é santo quando ele [participante: ator] **leva** [processo material] *à radicalidade* [circunstância] uma virtude cristã [participante: escopo].

Através do processo “chegar” nos exemplos (18) e (19), os santos são retratados como atores, ou seja, aqueles que fazem algo. Porém, parece que o que eles fazem é chegar a algum lugar. Ou seja, as ações por eles executadas não sugerem afetar a vida de outras pessoas. Como podemos observar, embora o processo “chegar” se trate de um processo material, parece que ele não se dirige a ninguém. Esse processo gera uma circunstância de lugar que é retratado como sendo “a glória no exercício de virtudes” e também “lá neste nível de humanidade santificada”. Já que no sentido religioso a glória é considerada um estado de plenitude e felicidade vivido pelo homem que chega a Jesus, de acordo com Padre Fábio de Melo, os santos são aqueles que “conseguiram chegar a este lugar”, ou seja, chegaram a Jesus, mediante a santificação da sua humanidade através da “prática das suas virtudes que são levadas à radicalidade”.

Outra representação dos santos como participante ator é feita pelo processo “levar” no exemplo (20), que confirma a identidade dos santos em conformidade com os exemplos analisados anteriormente. Como nos exemplos anteriores, o processo “levar” também não constrói uma meta e sim gera uma circunstância de lugar que é a “radicalidade” com que os santos vivem uma virtude cristã. Por isso são chamados de santos.

Ao escolher os processos materiais “chegar” e “levar” que levam a uma circunstância de lugar, posicionando os santos como participante ator, o Padre representa as suas ações como sendo uma caminhada. Compreendemos que uma caminhada sempre leva o indivíduo a um destino final. No caso dos santos, o destino final da caminhada é Jesus.

Já nos exemplos (21) e (22), os santos aparecem como meta e no exemplo (23) como participante beneficiário. Considerando o *corpus* como um todo, o participante meta corresponde a 57,1% da participação dos santos nos processos materiais, superando em termos quantitativos a representação dos santos como atores.

(21) Nós [participante: ator] **colocamos** [processo material] os santos [participante: meta] acima de Jesus [circunstância].

(22) Este é o primeiro significado da devoção. A gente [participante: experienciador] se **identificar** [processo mental] com o jeito dele [participante: fenômeno], mas não **colocá** [processo material]-lo [participante: meta] acima de Deus [circunstância].

(23) Você [participante: meta] não é **obrigado a fazer** [processo material] uma novena [participante: escopo] a Santo Antônio [participante: beneficiário] para se **dizer** [processo mental] católico [participante: atributo]. Você [participante: receptor] **é convidado a respeitar** [processo verbal] essa devoção dentro da Igreja [participante: projeção hipotática]. Você [participante: possuidor] não é **obrigado a ter** [processo relacional] essa devoção [participante: possuído].

Compreendemos que a escolha do processo “colocar” nos exemplos (21) e (22) possivelmente foi feita com a intenção de posicionar os santos em uma escala hierárquica de devoção no contexto do catolicismo. Dizemos ser no contexto do catolicismo porque Padre Fábio de Melo se inclui no processo ao escolher como participante experienciador do processo mental “a gente” e participante ator do processo material “nós”. Incluindo-se no processo como Padre, ele parece se dirigir aos católicos da ala tradicional da Igreja e não a indivíduos de outras crenças religiosas e católicos carismáticos, que também têm devoção com santos.

Em conformidade com Campos Jr. (1995), a ala tradicional da Igreja prioriza a hierarquia devocional a Maria, santos e Jesus. No exemplo (21), Fábio de Melo confirma essa ordem devocional dentro da Igreja ao afirmar que “nós colocamos os santos acima de Jesus”. Sendo assim, os santos são representados como meta que resultam do modo de pensar do católico. Ou seja, a posição hierárquica conferida aos santos na ala tradicional da Igreja é um

reflexo do mundo interior dos fiéis católicos. Pelo contexto das falas de Padre Fábio de Melo, parece que não são os santos nem a Igreja que pratica a ação de colocá-los ou posicioná-los em um lugar de supremacia e sim os fiéis ligados à ala tradicional da Igreja.

Fábio de Melo no exemplo (22) parece se distanciar do fiel católico tradicional ao desconstruir a ordem de prioridade devocional praticada por esse católico ao posicionar Deus acima dos santos. Por outro lado, o Padre também se preocupa em se aproximar deste fiel católico tradicional não rejeitando o devocionalismo dispensado aos santos na Igreja Católica. Isso porque, conforme Campos Jr. (1995), considerar os devocionalismos implica submissão ao Magistério da Igreja Católica. Enquanto Padre que é, Fábio de Melo sugere submissão às práticas devocionais católicas, mas parece propor uma inversão de prioridade devocional que é conferida primeiro a Deus e, então, a Maria e os santos. Para se aproximar do fiel católico, ele sugere a construção do sentido de devoção através do processo mental “identificar”. Ou seja, ele associa devoção à identidade ao afirmar que “a gente se identifica com o jeito dele” (do santo). Ao escolher como participante ator “a gente”, ele se inclui no processo, sendo ainda mais persuasivo, na tentativa de convencer, portanto, que como qualquer católico ele também se identifica com o jeito de alguns santos.

Enquanto nos exemplos (21) e (22) Padre Fábio de Melo se empenha com o “jogo das identidades” com o fiel católico da ala tradicional da Igreja, no exemplo (23) ele se preocupa em recrutar indivíduos de outras crenças religiosas através dos processos “obrigado a fazer” e “convidado a respeitar”. Acreditamos que ele se dirige principalmente aos cristãos evangélicos. Isso porque, conforme as últimas pesquisas do IBGE cujos dados já foram apresentados neste trabalho, o quantitativo de evangélicos no país vem crescendo ao passo que o número de católicos não tem acompanhado esse crescimento.

Por se tratar de um jogo de poder, compreendemos - com base nas pesquisas - ser possível que, dentre os vários alvos de Padre Fábio de Melo, os evangélicos sejam um deles. Em conformidade com Gaarder, Hellern e Notaker (2005), os devocionalismos dispensados aos santos não fazem parte da experiência religiosa dos cristãos evangélicos. Nesse sentido, a prática discursiva de Padre Fábio de Melo aponta para a possibilidade interpretativa de relativizar o devocionalismo aos santos no catolicismo. Compreendemos dessa forma por que o Padre escolhe negar a obrigatoriedade em “fazer uma novena a Santo Antônio para se dizer católico”. Ao contrário, ele afirma ser a devoção “dentro da Igreja” um convite aos telespectadores que o assistem. Caso existam telespectadores evangélicos assistindo ao Padre, compreendemos que Fábio de Melo sugere convidá-los a se tornarem católicos, já que ele enquanto Padre parece relativizar os devocionalismos católicos de modo que os evangélicos

não precisem abandonar a prática de fé vivenciadas nas igrejas evangélicas. Como as devoções aos santos não fazem parte da experiência religiosa desses cristãos, Padre Fábio de Melo busca relativizá-las dentro da Igreja ao negar a obrigatoriedade de fazer “uma novena a Santo Antônio para se dizer católico”.

Dessa forma, o telespectador evangélico que o ouve pode se identificar com os dizeres do Padre no sentido de que a Igreja Católica destaca a supremacia de Jesus, sendo a devoção aos santos uma prática opcional e não impositiva. Sendo assim, não é imposta a obrigatoriedade em praticar devocionalismos aos santos ao assumir a identidade de católico. Com esse posicionamento, Padre Fábio de Melo substitui um tom impositivo - característico da tradição - por um tom expositivo pautado no respeito às diferenças. Com isso, Padre Fábio de Melo sugere contextualizar o telespectador na modernidade tardia, que se trata de uma época em que não é atribuída ao indivíduo uma identidade fixa e rígida. Ao contrário, o indivíduo é visto como um ser fragmentado que possui diferentes identidades e “flutua” através delas (BAUMAN, 2005, p.24). Por isso, compreendemos o posicionamento de Bauman (2005) ao afirmar que na modernidade líquida, termo utilizado pelo autor para se referir à pós-modernidade, posturas rígidas e inflexíveis são vistas como um tabu. Compreendemos que a prática discursiva de Padre Fábio de Melo se empenha em “abrir as portas” da Igreja para todos, acolhendo-os, inclusive aqueles que discordem teologicamente de algumas práticas católicas, propondo o convívio com a diferença pautado no respeito. Assim, Padre Fábio de Melo vem atraindo o olhar não só dos católicos, mas também de muitos evangélicos.

(24) Quando eu [participante: comportante] **olho** [processo comportamental] para São José [participante: fenômeno], quando eu [participante: comportante] **olho** [processo comportamental] para São Benedito [participante: fenômeno]. [...] Então nós [participante:comportante] **olhamos** [processo comportamental] para eles [participante: fenômeno] e nós [participante: experienciador] **admiramos** [processo mental]. E quando a gente [participante: experienciador] **admira** [processo mental] alguém [participante: fenômeno] é natural que a gente [participante: experienciador] **queira** [processo mental] algumas coisas daquela pessoa [participante: fenômeno].

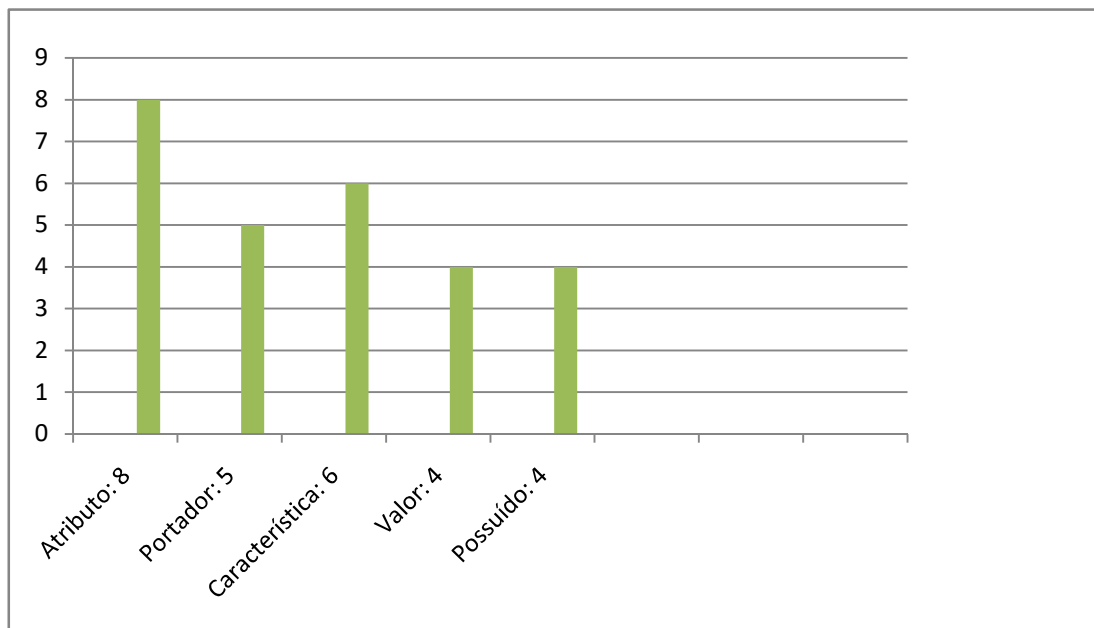
É relevante perceber na estrutura do exemplo (24) as sentenças com o processo comportamental “olhar”. Esse processo nos leva a compreender a percepção pessoal de Padre Fábio de Melo sobre a devoção aos santos. Conforme o exemplo, tanto Padre Fábio de Melo quanto o telespectador são aqueles que se comportam no sentido de olhar as práticas virtuosas dos santos.

Consideramos a possibilidade de esse olhar dos católicos para os santos ser devido à admiração de comportamentos virtuosos de um ser humano que se aproximou dos comportamentos de Jesus. Portanto, os santos são retratados como sendo um fenômeno cujos comportamentos virtuosos os conduziram à santidade. No nosso ponto de vista, os santos são admirados pelo nosso olhar porque, como fenômenos, eles se destacaram. Por isso, chamaram a nossa atenção para nos incentivar a sermos como eles e seguirmos Jesus, que é a base do Cristianismo. Por isso, pelo processo mental “admiramos” e “querer”, Padre Fábio de Melo sugere ao telespectador os sentidos de afeição e desejo que devemos atribuir às qualidades dos santos para que, como eles, possamos chegar ao destino final da caminhada de todo cristão: Jesus Cristo.

Portanto, os santos são representados como aqueles que praticam a ação de “chegar” a Jesus por “levar uma vida de radicalidade evangélica”, sendo, portanto, considerados um fenômeno pela percepção do nosso “olhar” sobre a santidade que alcançaram por seguirem Jesus. Compreendemos dessa forma a partir dos dados do nosso *corpus* que mostram a participação dos santos nos processos materiais com um quantitativo de 42,8% sendo representados como atores e 57,1% sendo representados como meta. Nesse sentido, os dados referentes aos processos materiais nos revelam que observar a caminhada dos santos é uma das formas de levar o católico ao destino final da caminhada cristã que é Jesus Cristo. Portanto, os santos podem ser vistos pelos telespectadores do programa *Direção Espiritual* como um fenômeno devido à santidade por eles alcançada, conforme os dados referentes aos processos. Esses processos correspondem a 14,6% de processos nas falas de Padre Fábio de Melo. Dos 12 processos mentais utilizados, os santos são representados 9 vezes (ou 69,2%) como fenômeno e 4 vezes (ou 30,7%) como experienciadores do processo. Por isso, o Padre incentiva a “querer algumas coisas daquela pessoa”, ou seja, do santo, para que, dessa forma, o telespectador também se santifique e chegue a Jesus.

Em relação aos processos relacionais analisados nos programas 3 e 4 que se referem às falas sobre os santos, o nosso *corpus* nos mostra que das 36 ocorrências de processos relacionais, os santos se configuram como: (1) participante portador 5 vezes; (2) participante atributo 8 vezes; (3) participante característica 6 vezes; (4) participante valor 4 vezes; (5) participante possuidor 0 vezes e (6) participante possuído 4 vezes.

Gráfico 6: Incidência dos santos como participante nos processos relacionais nos programas 3 e 4



(25) Os santos [participante: portador] **são** [processo relacional] homens e mulheres como nós [participante: atributo] que viveram uma vida de radicalidade evangélica e conseguiram chegar lá.

(26) Os santos [participante: valor] **são** [processo relacional] homens e mulheres que podem esperar uma vida de santidade [participante: característica].

(27) Eu [participante: portador] **sou** [processo relacional] como Santa Teresinha em algumas coisas aqui [participante: atributo], porque meu destino [participante: portador] **é** [processo relacional] chegar lá em Jesus [participante: projeção hipotática] *da mesma forma como ela* [circunstância].

Conforme os dados quantitativos, os santos enquanto participantes dos processos relacionais são representados prioritariamente com um quantitativo de 38% de atributos a eles conferidos em detrimento dos 19% de valor, 28,5% de característica, 23,8% de portador e 19% de possuído. Esses dados chamaram a nossa atenção no que se refere à forma como Padre Fábio de Melo escolheu representar os santos, conferindo-lhes prioritariamente atributos. Nesse sentido, observamos que a representação dos santos como seres humanos como sendo alguém em carne e osso de modo a nos aproximar deles ocorre através do processo “ser” em que “homens e mulheres” são os atributos do portador “santos”, conforme o exemplo (25) nos mostra. O termo: “homens e mulheres como nós” no exemplo (25) se refere à carnalidade e à fragilidade que todos nós temos, inclusive Fábio de Melo. Porém, esses seres humanos se diferem de nós porque viveram uma vida de radicalidade evangélica, chegando a Jesus. É o que nos mostra o exemplo (26) ao identificar os santos como sendo “homens e mulheres que podem esperar uma vida de santidade”.

Já no exemplo (27), Fábio de Melo utiliza Santa Terezinha¹⁵ como um atributo, referindo-se a algumas qualidades dela que não são evidenciadas linguisticamente, porém inferidas. Compreendemos que o Padre coloca Santa Terezinha como atributo na tentativa de convencer o telespectador que é possível imitá-la, transferindo os atributos de um ser humano que alcançou a glória, Terezinha, para a nossa própria vida. Dizendo de outra forma, da mesma forma que Terezinha alcançou a glória, nós, que somos tão humanos quanto ela, também podemos alcançar. Nesse sentido, Santa Terezinha é representada como um ser humano cheio de fragilidades e limitações como o Padre Fábio de Melo que fala sobre a santa, o leitor que lê esse trabalho e nós que analisamos as falas do Padre. Porém, o que diferencia a nossa humanidade da humanidade da santa é a capacidade de Teresinha em superar as fragilidades vividas desde a infância por meio de Jesus.

Dessa forma, Padre Fábio de Melo procura aproximar Terezinha da nossa humanidade, de modo a nos levar a nos aproximarmos dela enquanto seres humanos. Assim, o Padre orienta o telespectador que da mesma forma que Terezinha supostamente conseguiu chegar a Jesus, nós também conseguiremos. Porém, para isso acontecer, é necessário viver uma vida de radicalidade evangélica como Santa Terezinha viveu para chegar ao destino final da santidade que é Jesus e não os santos, conforme o exemplo (28) nos mostra:

(28) Os santos [participante: valor] não **são** [processo relacional] o destino final da santidade [participante: característica].

Portanto, os santos são retratados como homens e mulheres como nós que receberam da Igreja o título de santos por viverem a santidade.

¹⁵ De acordo com Nuno (2016), Santa Terezinha do Menino Jesus e da Sagrada Face foi uma freira carmelita. Ela foi beatificada em 1923 e canonizada em 1925 pelo Papa Pio XI. Em 1997, foi proclamada santa e doutora da Igreja pelo Papa João Paulo II. Francesa de nascimento, Santa Teresinha morreu de tuberculose aos vinte e quatro anos de idade no ano de 1897. Conforme Nuno (2016), Santa Teresinha escreveu sua biografia intitulada *Histórias de uma alma* em que relata que, na sua infância, após a morte da sua mãe aos quatro anos de idade, tornou-se uma criança frágil, retraída e muito sensível de modo a evitar o convívio social com pessoas que não fossem os da família. Aos treze anos de idade, a conversão completa de Teresinha aconteceu em uma noite de Natal. A conversão da santa aconteceu por um milagre instantâneo recebido de Jesus em que Santa Teresinha relata a recuperação instantânea da força da sua alma, também chamado por ela de cura, tendo sido a sua alegria restabelecida após a morte da mãe na infância. Em conformidade com Nuno, essa recuperação é descrita por Santa Teresinha como o redescobrimto da alegria em que ela sentiu a caridade entrar no seu coração, de modo a esquecer-se de si mesma para fazer os outros felizes. Aos quinze anos, Teresinha entrou para o mosteiro das carmelitas com a autorização do Papa Leão XII. No mosteiro, Santa Teresinha viveu a sua missão sem nunca ter saído do convento como intercessora dos missionários e pecadores que não conheciam Jesus. Além disso, Santa Teresinha oferecia todos os seus gestos e sacrifícios a Deus pela salvação das almas. Além da simplicidade e da confiança plena em Deus, a santidade de Teresinha foi marcada principalmente pela sua pequenez, que ela chamou de “pequeno caminho”. Esse “pequeno caminho” se trata do reconhecimento da sua pequenez enquanto ser humano frente à grandeza de Deus. Ela afirma ser Jesus o caminho que conduz até Deus.

(29) Ela (Santa Terezinha) [participante: valor] só **ficou** [processo relacional] santa [participante: característica] porque ela [participante: portador] **tinha** [processo relacional possessivo] Jesus como referência [participante: atributo] pra ela [participante: beneficiário].

(30) Ela [participante: portador] **tinha** [processo relacional possessivo] Jesus como referência [participante: atributo] pra ela [participante: beneficiário]. Ela [participante: portador] não **tinha** [processo relacional possessivo] ela mesma como referência de santidade [participante: atributo].

Esses exemplos se referem a Santa Terezinha a quem é atribuída a característica de “santa”, que a identifica. Com a identidade de santa, Terezinha é representada de modo a nos diferenciar dela, já que essa característica conferida a ela a identifica como sendo uma mulher que teve um diferencial que muitos seres humanos não têm. Por isso, a característica de santa conferiu não só a ela, mas a todos os santos da Igreja uma posição de destaque na hierarquia eclesial. Com isso, é conferido aos santos um certo “poder”, já que ocupam um lugar na devoção dos fiéis católicos.

É relevante perceber na estrutura do exemplo (30) duas sentenças com processo relacional possessivo. Utilizando o processo “ter”, Padre Fábio de Melo atribui ao portador Terezinha “Jesus como referência” como sendo o atributo que fez com que o ser humano Terezinha alcançasse a santidade. Conforme Fábio de Melo, o atributo “Jesus como referência” é o que levou Santa Terezinha a se beneficiar da santidade. Ao negar que ela não tinha ela mesma como referência de santidade, compreendemos que Padre Fábio de Melo parece conduzir o fiel católico a ser como Terezinha, também considerando Jesus como referência e não Terezinha, embora ela ocupe a posição de santa na Igreja.

Em suma, observamos pelas análises que a construção das representações dos santos pelos processos relacionais reforçam a representação dos santos como aqueles que caminham em direção a Jesus, construída pelos processos materiais. Dentre os 21 participantes envolvidos nos processos relacionais, 8 deles - que corresponde a um percentual de 38% - são “atributos”. Esses “atributos” caracterizam os santos como seres humanos carnis e frágeis como nós. Porém, Padre Fábio de Melo se preocupou em diferenciar os santos de nós ao identificá-los com 6 características, que corresponde a um percentual de 28,5%. Dessa forma, o Padre revela a identidade dos santos como sendo, conforme o contexto das análises, homens e mulheres “santos” que tiveram “Jesus como referência”, levando-os a ocuparem uma posição na hierarquia devocional da Igreja.

Conforme as análises nos mostraram, os santos foram representados com 26 processos materiais (31,7%). Dentre os participantes envolvidos nesse processo, 57,1% dos participantes os representaram como meta e 42,8% como ator. A representação dos santos como meta os

configuraram como indivíduos que ocupam uma posição hierárquica na Igreja, sendo posicionados abaixo daquela posição ocupada por Jesus e por Maria. Essa posição ocupada pelos santos é confirmada pela representação enquanto atores que caminham rumo a um “nível de humanidade santificada”, tendo Jesus como referência para tê-la alcançado.

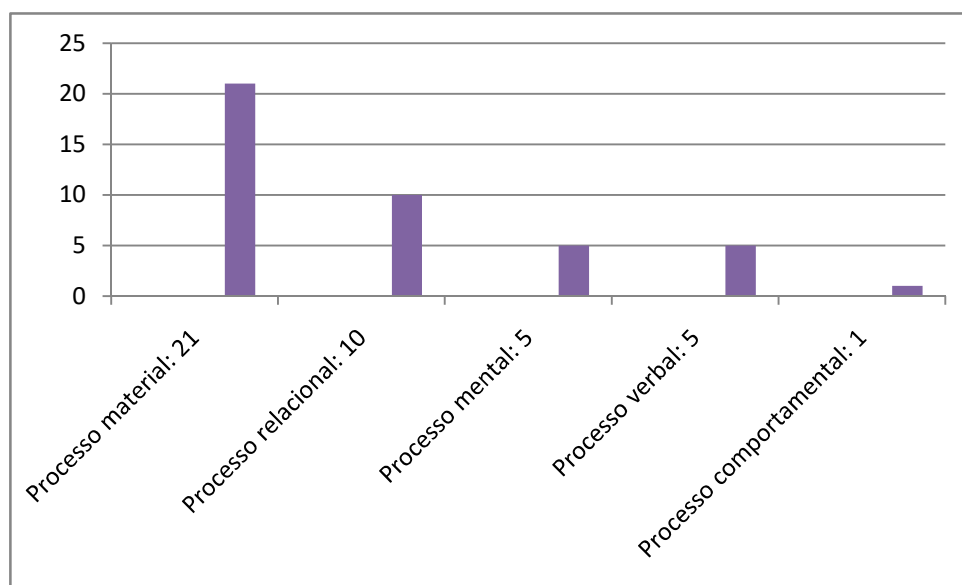
3.4 Análise da construção da identidade de Jesus a partir da transitividade

A fim de acessarmos as representações de Jesus, faremos as análises da forma como foram construídas por Padre Fábio de Melo de duas maneiras:

1. acessando as representações de Jesus nos programas 1 e 2 de modo a diferenciá-las das identidades de Maria;
2. acessando as representações de Jesus nos programas 3 e 4 de modo a diferenciá-las das identidades dos santos.

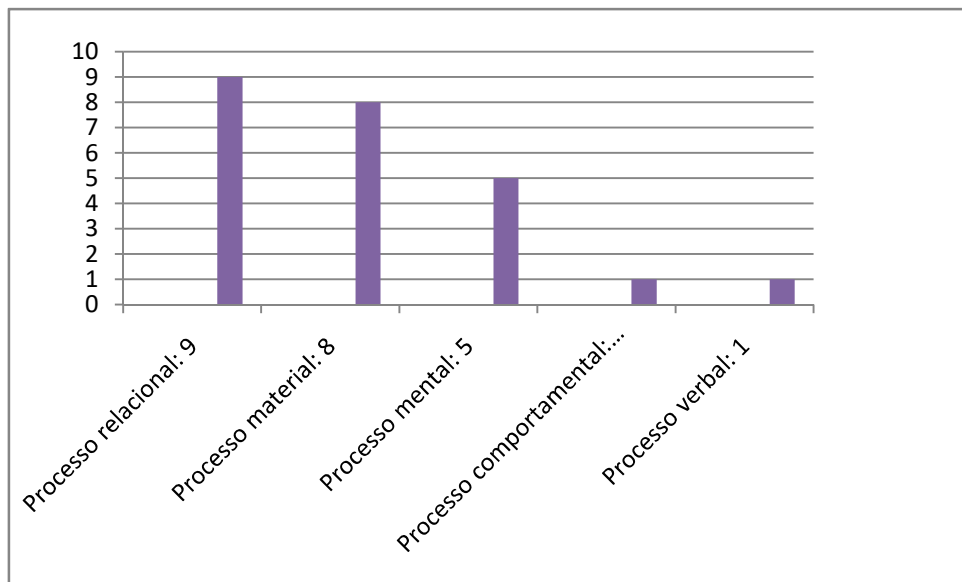
Em relação à construção das identidades de Jesus nos programas 1 e 2, o nosso *corpus* nos mostra que os tipos de processos utilizados por Padre Fábio de Melo quando se refere a Jesus em todas as posições que Ele ocupa foram: (1) processo material com 21 ocorrências (que corresponde a 50% dos processos); (2) processo relacional com 10 ocorrências (23,8% dos processos) ; (3) processo mental com 5 ocorrências (11,9% dos processos); processo verbal com 5 ocorrências (11,9% dos processos); processo comportamental com 1 ocorrência (2,3% dos processos). Esses dados são mostrados no gráfico 7:

Gráfico 7: Incidência dos processos referentes a Jesus nos programas 1 e 2



Já a construção das identidades de Jesus nos programas 3 e 4, o nosso *corpus* nos mostra que os tipos de processos utilizados por Padre Fábio de Melo quando se refere a Jesus em todas as posições que Ele ocupa foram: (1)) processo relacional com 9 ocorrências (que corresponde a 37,5% dos processos); (2) processo material com 8 ocorrências (33,3% dos processos); (3) processo mental com 5 ocorrências (20,8% dos processos); processo comportamental com 1 ocorrência (4,1% dos processos); processo verbal com 1 ocorrência (4,1% dos processos). Esses dados são mostrados no gráfico 8:

Gráfico 8: Incidência dos processos referentes a Jesus nos programas 3 e 4



Procederemos às análises a começar pelas falas de Padre Fábio de Melo nos programas 1 e 2, passando à análise dos programas 3 e 4.

3.4.1 Análise da construção das identidades de Jesus nos programas 1 e 2

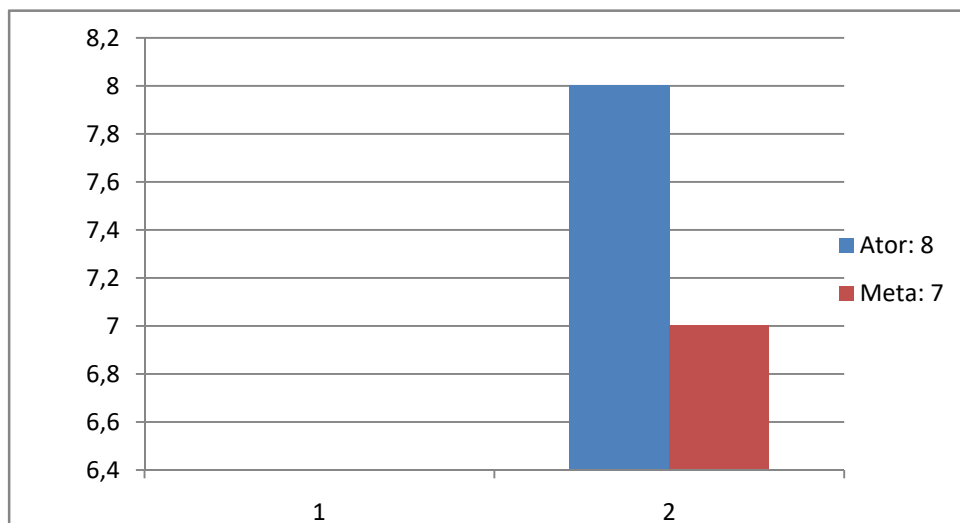
Em relação à incidência de Jesus como participante nos processos materiais e relacionais, o quadro 3 disponibiliza os dados encontrados nos programas 1 e 2.

Quadro 3: Incidência de Jesus como participante nos processos materiais e relacionais nos programas 1 e 2

15 participantes dos processos materiais			12 participantes dos processos Relacionais					
Meta	Ator	Beneficiário	Valor	Característica	Atributo	Portador	Possuidor	Possuído
7	8	0	4	4	1	0	0	3
46,6%	53,3%	0%	33,3%	33,3%	8,3%	0%	0%	16,6%

Começaremos pela análise da construção da identidade de Jesus através dos processos materiais, que correspondem a 50% dos processos utilizados por Padre Fábio de Melo nos programas 1 e 2. O nosso *corpus* nos mostra que das 21 ocorrências de processos materiais, Jesus se confira como: (1) participante ator 8 vezes e (2) participante meta 7 vezes.

Gráfico 9: Incidência de Jesus como participante nos processos materiais nos programas 1 e 2



Conforme os dados apresentados, ocorre uma omissão de Jesus como sendo beneficiário da ação. Isso nos mostra que Jesus não é representado em nenhum momento como aquele a quem a ação é dirigida. Ao contrário, parece que Padre Fábio de Melo buscar ressaltar o papel de Jesus principalmente como aquele que pratica a ação, conforme os exemplos (31) e (32):

(31) Eu rezo a ela, pedindo que ela (Nossa Senhora) me proteja. Mas veja bem: essa proteção que eu estou pedindo pra ela, quem [participante: ator] é que pode me [participante: beneficiário] **conceder** [processo material]? O Pai [participante: ator].

(32) Se eu tenho o direito de pedir isso a um humano, não vou ter direito de pedir isso a um santo? Mas sempre tendo a certeza que o favor [participante: meta] me [participante: beneficiário] **será concedido** [processo material] por Deus [participante: ator]. Essa é a grande questão.

Como podemos observar nos exemplos supracitados, Padre Fábio de Melo esclarece ser lícito pedir a Nossa Senhora e aos santos a proteção ou algo específico. Com isso, Fábio de Melo nos confirma que ele fala do lugar de Padre que ocupa na Igreja Católica.

Porém, através do processo material “conceder” utilizado nos exemplos (31) e (32), o Padre escolhe utilizar como ator “o Pai” (no exemplo 31) e “Deus” (no exemplo 32). Ou seja, ele retira o poder de concessão dos pedidos e de proteção de Nossa Senhora e dos santos e o coloca em “Deus”. Sendo assim, Nossa Senhora e os santos na Igreja são considerados intercessores que rezam ou oram para que Deus conceda a proteção ou algo específico para o indivíduo. Nesse sentido, Deus é retratado como “o Pai” que é quem pratica a ação de proteção direcionada a um beneficiário – “me” – que sou eu. Em outros termos, não é Nossa Senhora nem os santos que “concedem” o favor, já que são tidos como intercessores. Dessa forma, Deus é representado como aquele que faz.

Ao representar Jesus como meta nos exemplos (33) e (34), Padre Fábio de Melo destaca a posição de Jesus na hierarquia devocional do fiel:

(33) Toda vez que nós falamos de espiritualidade mariana, nós estamos pegando a cristologia e colocando na maneira específica que Maria teve de seguir Jesus. É a mesma coisa quando você fala de espiritualidade franciscana. Você pega o específico de Jesus em Francisco, né? Você não está inventando uma realidade acima de Jesus. Não. Você está pegando aspectos da vida cristã que foram intensamente vividos na vida daquele santo. Nós [participante: ator] não **estamos substituindo** [processo material] Jesus [participante: meta] por Maria [participante: beneficiário]. Não **estamos substituindo** [processo material] Jesus [participante: meta] por São Francisco [participante: beneficiário]. Não.

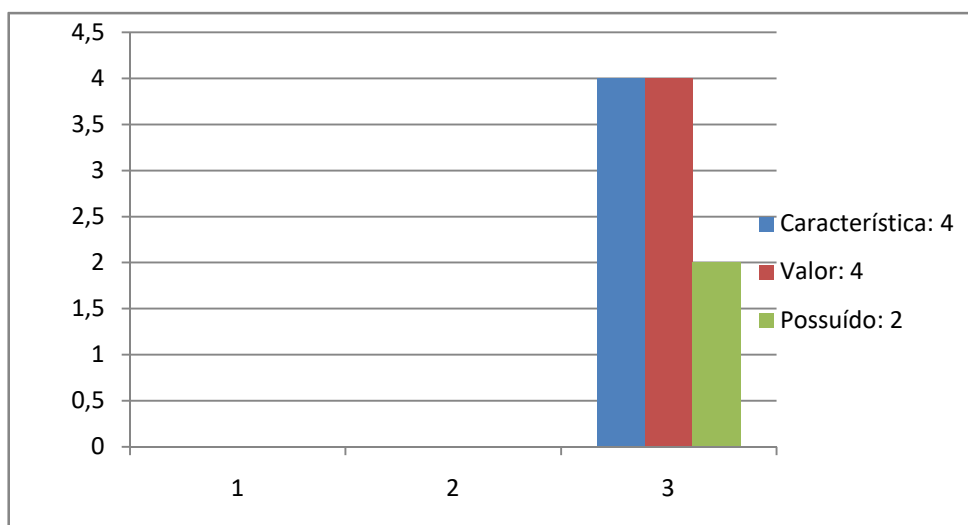
(34) Não **abro mão** [processo material/participante: escopo] dEle [participante: meta]. Não O [participante: meta] **troco** [processo material] por santo nenhum [participante: beneficiário]. Não O [participante: meta] **troco** [processo verbal] nem pela Virgem Maria [participante: beneficiário].

Como os exemplos (33) e (34) nos mostram, Fábio de Melo nega enquanto ator “substituir” e “trocar” Jesus “por santo algum” e “nem pela Virgem Maria”. Dessa forma, ele sugere que Jesus ocupa um lugar de destaque no Cristianismo, posicionando-O no topo da hierarquia devocional. Pela posição de destaque ocupada por Jesus, compreendemos que o objetivo de Padre Fábio de Melo é restituir a Ele um poder específico. Por isso foi feita a escolha dos processos “substituir” e “trocar” que significam colocar algo ou alguém no lugar

de outra coisa ou pessoa. O contexto em que estes processos aparecem confirma o lugar de supremacia ocupado por Jesus.

Quanto aos processos relacionais analisados nos programas 1 e 2 sobre as falas de Jesus, o nosso *corpus* nos mostra que das 10 recorrências dos processos relacionais, Jesus se configura como: (1) participante característica 4 vezes; (2) participante valor 4 vezes, (3) participante possuído 2 vezes e participante atributo uma vez.

Gráfico 10: Incidência de Jesus como participante nos processos relacionais nos programas 1 e 2



Chamou a nossa atenção a escolha de Padre Fábio de Melo em representar Jesus nos programas 1 e 2 prioritariamente através dos processos relacionais identificativos, preocupando-se em destacar a identidade divina de Jesus através dos participantes valor e característica.

(35) Jesus [participante: valor] é [processo relacional] Deus [participante: característica].

(36) Essa semana, eu estando em campos do Jordão, aí um grupo começou tirar foto comigo e se aproximou, me tratou com muito respeito e era um grupo de evangélicos e os dois pastores com eles. Os pastores rindo, me cumprimentando e aí o pastor [...] me disse: “Padre Fábio, eu aprendi respeitá-lo por causa da minha esposa. Minha esposa assistiu o senhor uma vez, gostou do programa e depois me convidou a assistir também. E eu fiquei muito honrado, né? [...] Agora um grupo de evangélicos me tratando com tanto respeito, com tanta reverência. Aquilo pra mim foi tão, sabe, um presente de aniversário, né? Poderia dizer assim. Significa que a nossa comunhão dos santos esteja acontecendo, mesmo com diferenças. Eu [participante: experienciador] não **quero convencê-los** [processo mental] **de nada** [participante: fenômeno]. Eu [participante: experienciador] **quero** [processo mental] **que Jesus aconteça no coração deles** [participante: projeção hipotática] . *Se lá naquela Igreja* [circunstância] **esta presença de Jesus** [participante: portador] **está sendo** [processo relacional] **salvífica** [participante: atributo], eu louvo a Deus por aquele pastor, pelo ministério dele, da mesma maneira como ele louva pela minha vida.

Como podemos observar, o exemplo (35) identifica a natureza divina de Jesus ao afirmar através do processo “ser” que “Jesus é Deus”. Já o exemplo (36) confere à presença de Jesus o atributo “salvífico”.

No exemplo (36), ao caracterizar a presença de Jesus como sendo “salvífica”, Padre Fábio de Melo parece revelar para os telespectadores que a sua crença pessoal está firmada em Jesus. Essa pressuposição é decorrente de duas estruturas com processo mental. Trata-se de duas sentenças com processos mentais de desejo que podem ser percebidas na estrutura anterior àquela em que “a presença de Jesus” é representada como sendo “salvífica”.

Nessas sentenças, o Padre enquanto experienciador sugere não querer convencer os evangélicos “de nada”. O Padre parece projetar o seu desejo: que “Jesus aconteça no coração deles”. Sendo assim, essas duas estruturas mentais utilizadas pelo Padre nos leva a considerar a prática discursiva de Fábio de Melo no sentido de se preocupar em expor e não impor a sua crença pessoal. Porém, a crença pessoal do Padre vai ao encontro da crença pessoal dos cristãos evangélicos.

Retomando os exemplos (35) e (36), empreendemos que Padre Fábio de Melo atribui a Jesus uma característica e um atributo específicos que O distinguem de Maria e dos santos ao retratá-lo como sendo “Deus” e “salvador”.

A primeira identidade atribuída a Jesus por Padre Fábio de Melo é confirmada na Bíblia Sagrada em uma das cartas escritas por Paulo, que foi o primeiro teólogo da Igreja. Conforme o texto bíblico, “Ele é a imagem de Deus invisível, o primogênito de toda a Criação. Ele é a cabeça do corpo, da Igreja” (BÍBLIA SAGRADA, COLOSSENSES 1, 15; 18). Já o atributo “salvífico” atribuída à presença de Jesus é confirmado na Bíblia Sagrada tanto por Jesus – no livro de Lucas, quanto por Paulo, que foi o primeiro teólogo da Igreja, no livro de Atos:

Jesus disse: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu; e enviou-me para anunciar a boa nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a restauração da vista, para pôr em liberdade os cativos, para publicar o ano da graça do Senhor (BÍBLIA SAGRADA, Lucas 4, 18-19).

Pela meia-noite, Paulo e Silas rezavam e cantavam um hino a Deus, e os prisioneiros os escutavam. Subitamente, sentiu-se um terremoto tão grande que se abalaram até os fundamentos do cárcere. Abriram-se logo todas as portas e soltaram-se as algemas de todos. Acordou o carcereiro e, vendo abertas as portas do cárcere, supôs que os presos haviam fugido. Tirou da espada e queria matar-se. Mas Paulo bradou em alta voz: Não te faças nenhum mal, pois estamos todos aqui. Então o carcereiro pediu luz, entrou e

lançou-se trêmulo aos pés de Paulo e Silas. Depois os conduziu para fora e perguntou-lhes: **Senhores, que devo fazer para me salvar?** Disseram-lhe: **Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua família** (BÍBLIA SAGRADA, ATOS, 16-25-31, grifo nosso).

Buscamos exemplificar a representação “salvífica” de Jesus utilizando textos da Bíblia Sagrada numa possível tentativa de acessar a provável intenção de Padre Fábio de Melo em priorizar Jesus como salvador na sua prática discursiva conforme o texto bíblico. Uma das possíveis respostas ao discurso de Padre Fábio de Melo poderia ser recrutar cristãos evangélicos para a Igreja Católica. Além disso, evitar a perda de fiéis católicos que possam ser atraídos pelas práticas discursivas dos evangélicos, para assim manter a supremacia da Igreja. Em conformidade com Aquino (2009), os fiéis das igrejas evangélicas fundamentam a sua fé exclusivamente na interpretação livre da Bíblia Sagrada. Ao contrário dos fiéis católicos que seguem as orientações do catecismo da Igreja e dos seus respectivos documentos para interpretar a Bíblia. Por isso que optamos por destacar alguns textos bíblicos a fim de mostrar ao leitor que a identidade de salvador atribuída a Jesus por Padre Fábio de Melo está em conformidade com a Bíblia Sagrada.

Sendo assim, essa forma de representar Jesus parece estar em conformidade com a forma como os evangélicos procuram representá-lo. No contexto do exemplo (36), Fábio de Melo parece se dirigir aos evangélicos que o assistem, na tentativa de se aproximar desses ouvintes através da identidade salvadora de Jesus, em conformidade com a Bíblia Sagrada.

3.4.2 Análise da construção das identidades de Jesus nos programas 3 e 4

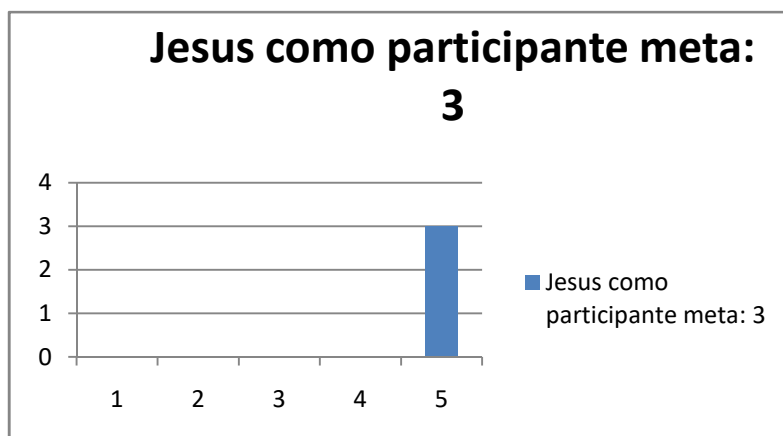
Quanto à incidência de Jesus como participante nos processos materiais e relacionais, o quadro 4 nos mostra os dados encontrados nos programas 3 e 4.

Quadro 4: Incidência de Jesus como participante nos processos materiais e relacionais nos programas 3 e 4

3 participantes dos processos materiais			9 participantes dos processos relacionais					
Meta	Ator	Beneficiário	Valor	Característica	Atributo	Portador	Possuidor	Possuído
3	0	0	3	3	1	1	0	2
100%	0%	0%	33,3%	33,3%	11,1%	11,1%	0%	22,2%

Começaremos pela análise da construção da identidade de Jesus através dos processos materiais, que corresponde a 33,3% dos processos utilizados por Padre Fábio de Melo nos programas 3 e 4. Conforme o nosso *corpus* nos mostra, Jesus aparece como participante meta 3 vezes, que corresponde, em termos percentuais, a 100% da incidência de participantes.

Gráfico 11: Incidência de Jesus como participante nos processos materiais nos programas 3 e 4



Como podemos observar, Jesus é representado nos programas 3 e 4 somente como meta. Isso nos mostra a representação de Jesus sendo construída como o participante sobre o qual recai a semântica de processo material, conforme os exemplos (37) e (38) nos mostram:

(37) A Igreja [participante: ator] não **aponta** [processo material] para ela mesma [participante: meta].
A Igreja [participante: ator] **aponta** [processo material] para o Cristo [participante: meta].

(38) Se eu amo essa Igreja, se eu amo a minha religião, se eu amo a Jesus eu tenho que buscar **conhecê-LO** [processo material/ participante: meta]. Porque o conhecimento que me autoriza a dizer que verdadeiramente amo alguém.

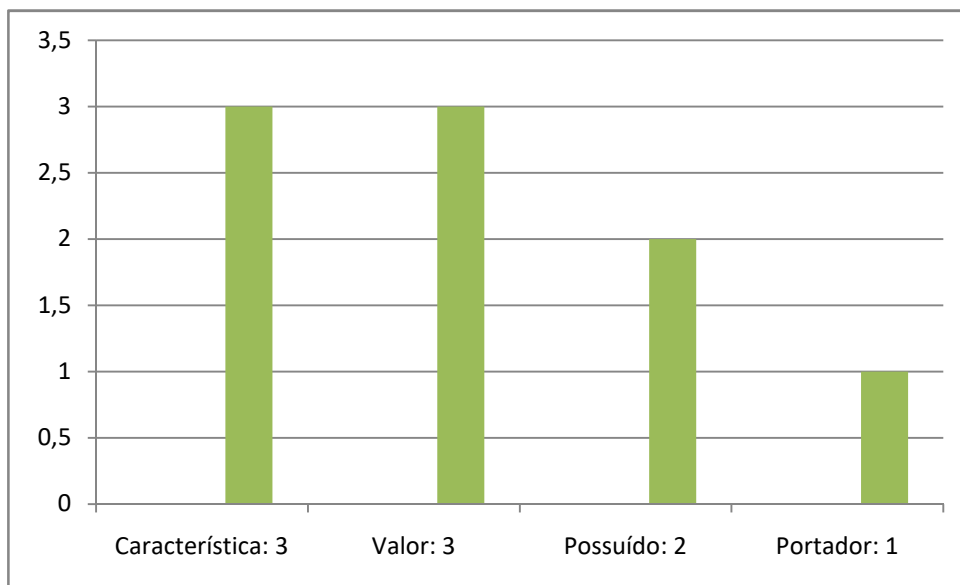
Conforme os exemplos (37) e (38), Jesus é representado como aquele a quem a ação é dirigida através dos processos “apontar” e “conhecer”. No exemplo (37), quem “aponta” é a Igreja. Ao escolher a Igreja como praticante da ação, Fábio de Melo uma vez mais nos mostra que ele fala do lugar de Padre que é. Como Padre legitimado pela Igreja, ele direciona o fiel para Cristo incentivando-o, no exemplo (38), a “conhecer” Jesus. Dessa forma, Jesus é representado como sendo a meta do cristão.

Compreendemos que essa forma de representar Jesus como a meta do cristão nos programas 3 e 4 foram utilizadas por Padre Fábio de Melo visando a desconstrução dos santos como meta. Conforme visto na análise dos santos, os santos são retratados como homens e

mulheres que tiveram Jesus como referência nas suas vidas. Sendo assim, compreendemos que os santos ensinam ao fiel a ser exemplos de fé a serem seguidos. Porém, não são a meta do cristão. Dessa forma, Padre Fábio de Melo enfatiza que o lugar de soberania na Igreja é ocupado por Jesus.

Quanto à análise da construção da identidade de Jesus através dos processos relacionais, que corresponde a 37,5% dos processos utilizados pelo Padre Fábio de Melo nos programas 3 e 4, o nosso *corpus* nos mostra que dos 9 processos relacionais, Jesus aparece como participante valor 3 vezes (33,3%), participante característica 3 vezes (333%), participante portador uma vez (11,1%) e participante possuído 2 vezes (22,2%).

Gráfico 12: Incidência de Jesus como participante nos processos relacionais nos programas 3 e 4



Através dos processos do ser, ter e pertencer, os programas 3 e 4 nos permitem acessar a identidade de Jesus que é representada por Padre Fábio de Melo como sendo o modelo a ser seguido pelos fiéis para que, como os santos, os indivíduos também alcancem a santidade.

(39) O Papa [participante: experienciador] não **quer** [processo mental] que a gente seja como ele não [participante: projeção hipotática]. O santo [participante: experienciador] não **quer** [processo mental] que a gente seja como ele [participante: projeção hipotática]. O santo [participante: experienciador] **quer** [processo mental] que a gente seja como o Cristo [participante: projeção hipotática].

(40) Jesus [participante: valor] **está** [processo relacional] aqui [circunstância] como modelo [participante: característica].

(41) O destino final da santidade [participante: característica] é [processo relacional] Jesus [participante: valor].

Conforme o exemplo (39) nos mostra, Padre Fábio de Melo articula o processo mental “querer” com o processo relacional “ser” a fim de conduzir o fiel católico da ala tradicional até Jesus. Essa condução é evidenciada através do processo mental “querer” em que o “Papa” e “o santo” são escolhidos como experienciadores do processo que projetam o “Cristo” como modelo.

Entendemos não ser por acaso essas escolhas. Como temos visto nas análises, Padre Fábio de Melo parece se empenhar com o jogo das identidades. Nesse exemplo específico, Fábio de Melo possivelmente se aproxima do fiel católico ligado à ala tradicional da Igreja, que tem uma identificação com os santos e com a figura papal. Acreditamos nessa possibilidade porque, ao mencionar o santo e o Papa, que são indivíduos dotados de credibilidade pelos católicos, acreditamos que Fábio de Melo tenta entrar no mundo psíquico do telespectador de modo a persuadi-lo em nome do Papa e do santo, já que são o Papa e o santo que querem “que a gente seja como Cristo”.

Ser como Cristo implica tê-lo como “modelo”. Dessa forma, Padre Fábio de Melo representa Jesus através do processo “ser” no exemplo (40), identificando Jesus como o modelo a ser seguido pelos fiéis. Já no exemplo (41), Fábio de Melo ainda atribui uma característica a Jesus que O distingue dos santos. Conforme Padre Fábio de Melo, Jesus é representado como sendo “o destino final da santidade”. Dessa forma, compreendemos que uma vez mais Fábio de Melo posiciona Jesus no topo da hierarquia devocional da Igreja com base nos dados da análise que mostra a escolha de Padre Fábio de Melo em representar Jesus prioritariamente como característica e valor de modo a identificá-lo, de acordo com o contexto, como sendo o “modelo” e o “destino final da santidade”.

(42) A eucaristia, todos os sacramentos, a Sua palavra [participante: valor] é [processo relacional] um convite [participante: característica] pra que a gente [participante: portador] **venha a ser parecido** [processo relacional] com Ele [participante: atributo].

Chamou a nossa atenção no exemplo (42) o valor que Fábio de Melo confere à palavra de Jesus. Através do processo “ser”, a palavra de Jesus é representada como um convite e não uma imposição que projeta o indivíduo a “ser parecido com Ele”. Ou seja, Jesus não impõe a santidade. O indivíduo tem o livre arbítrio para escolher o caminho que quer seguir. Da mesma forma que Jesus, Padre Fábio de Melo nega a imposição da sua verdade

para os telespectadores, mostrando-se respeitar os diferentes modos de ser dos indivíduos, conforme exemplos já mencionados neste trabalho.

Por outro lado, podemos observar que ao escolher a característica “convite” para identificar “a eucaristia”, “os sacramentos” e “a Sua palavra”, Fábio de Melo parece ter a intenção de incluir na Igreja Católica indivíduos de diversas crenças. Compreendemos dessa forma porque na atualidade assuntos referentes à diversidade e à inclusão têm sido amplamente discutidos no meio social. O Padre parece se posicionar discursivamente de modo a respeitar outras verdades que não sejam a dele. Ou seja, Fábio de Melo parece utilizar o respeito como “isca”, flutuando pelos diferentes modos de ser dos indivíduos de modo a atraí-los para a Igreja Católica. Dessa forma, Fábio de Melo “trabalha” discursivamente para que a Igreja mantenha o seu poder, mantendo a sua soberania no Brasil.

3.5 As representações de Maria, dos santos e de Jesus no contexto das práticas discursiva e social do Padre Fábio de Melo

Em relação ao significado representacional, Fairclough (2003) considera que os discursos são analisados de acordo com as escolhas que são feitas dos recursos léxico-gramaticais de um texto a fim de representar os processos e participantes em um evento social. Teceremos algumas considerações acerca das escolhas feitas por Padre Fábio de Melo ao representar Maria, os santos e Jesus da forma como foram representados com base nos dados apresentados nas análises. Para isso, buscamos contrastar os resultados obtidos a fim de analisar as representações nas práticas discursiva e social do Padre. Dessa forma, responderemos se Padre Fábio de Melo desconstrói e reconstrói a identidade do fiel católico ou se limita a reorganizar a ordem de devoção dos ícones católicos, reposicionando Jesus a frente de Maria e dos santos. Nesse sentido, seremos conduzidos rumo à compreensão do porquê dessas práticas.

A começar pela construção da identidade de Maria, os dados das análises nos mostraram que Padre Fábio de Melo utilizou 39 processos relacionais (38,6%) e 36 processos materiais (35,6%) para representá-la, o que nos levou a considerar usos equivalentes ou iguais de processos para representá-la. Com esse quantitativo equivalente, Maria é representada em termos proporcionais como aquela que é a mãe de Jesus e aquela que faz o que uma mãe faz com o filho, conforme o contexto das análises.

Já os santos foram representados de forma diferenciada de Maria. Os santos foram representados prioritariamente com 36 processos relacionais, que corresponde a 43,9% dos

processos utilizados e 26 processos materiais (31,7%). Ou seja, os santos foram representados prioritariamente como aqueles que são homens e mulheres que viveram uma vida de radicalidade evangélica, tendo Jesus como referência.

Já para representar Jesus nos programas 1 e 2, chamou a nossa atenção a escolha do Padre em representá-lo prioritariamente com processos materiais. Fábio de Melo utilizou 21 processos materiais (que corresponde a 50% dos processos) e 10 processos relacionais (que corresponde a 23,8% dos processos). A escolha de Fábio de Melo em representar Jesus prioritariamente com processos materiais aponta para a preocupação de Padre Fábio de Melo em distinguir os papéis desempenhados por Jesus e por Maria no Cristianismo. Esses papéis são desempenhados pelos processos do fazer. O nosso *corpus* nos mostrou que Maria fez muitas coisas como mãe. Porém, ao comparar o quantitativo de ações do fazer de Maria (que corresponde a 35,6% dos processos) com as de Jesus (50% dos processos), os dados nos revelam que Jesus faz consideravelmente muito mais do que Maria. Nesse sentido, compreendemos a preocupação de Fábio de Melo em conferir um poder maior a Jesus, posicionando-o hierarquicamente acima de Maria.

Enquanto as representações de Jesus nos programas 1 e 2 foram comparadas com as representações de Maria, nos programas 3 e 4 analisamos as representações de Jesus de modo a compará-las com a forma como os santos foram representados nesses dois programas. Essa comparação nos levou a constatar que Padre Fábio de Melo não se preocupou em retratar Jesus nos programas 3 e 4 da mesma forma que O retratou nos programas 1 e 2. Conforme os dados, Jesus foi retratado de forma diferenciada ao compará-Lo com os santos. Dos 24 processos analisados que se referem a Jesus, 37,5% são relacionais e 33,3% são materiais. Isso nos mostra uma equivalência de processos sendo utilizados para construir a representação de Jesus.

Nesse sentido, Fábio de Melo não mostrou uma preocupação exagerada em enfatizar que é Jesus quem faz. Acreditamos que a justificativa desse dado pode ser a retratação prioritária dos santos como aqueles que são homens e mulheres de fé, tendo Jesus como referência e não aqueles que fazem algo.

A forma como Jesus, Maria e os santos foram representados prioritariamente enquanto participantes nos processos materiais e relacionais, leva-nos a compreender a prática discursiva de Padre Fábio de Melo. Os dados apresentados a seguir nos mostram que cada ícone católico ocupa uma posição específica na hierarquia da Igreja. A começar por Jesus, que ocupa o lugar de soberania na Igreja. Compreendemos a soberania de Jesus com base nas análises dos participantes envolvidos nos processos materiais.

Nos programas 1 e 2, dos 15 participantes envolvidos, Jesus é representado 8 vezes como participante ator e 7 vezes como participante meta. Em termos percentuais, o participante ator corresponde a 53,3% dos participantes e o participante meta corresponde a 46,6% dos participantes. Portanto, Jesus é representado prioritariamente como aquele que faz ou pratica a ação. Em relação a Maria, dos 16 participantes envolvidos, Maria aparece como meta 9 vezes, ator 6 vezes e beneficiário 1 vez. Em termos percentuais, o participante meta corresponde a 56,2%, o participante ator a 37% e o participante beneficiário corresponde a 6,8% dos participantes. Isso nos mostra que Maria é representada prioritariamente como meta, definido por Cunha e Souza (2011, p. 67) como sendo “o participante para quem o processo é direcionado”. Como os dados nos mostram, Jesus e Maria são representados de formas diferenciadas. Enquanto Jesus é representado como o responsável pela ação, Maria é vista por Padre Fábio de Melo como sendo o indivíduo a quem é dirigida a ação. Compreendemos que essa forma de representar Jesus nos programas 1 e 2 sugere centralizar o poder nas mãos de Jesus. Isso nos é mostrado através da prática discursiva do Padre que ressaltou linguisticamente que Jesus que tem o poder de fazer as ações enquanto Maria é afetada por essas ações. Dessa forma, Jesus é posicionado como soberano no topo da pirâmide hierárquica da Igreja, estando Maria em um patamar inferior. Dizendo de outra forma, Padre Fábio de Melo posiciona Jesus em uma posição superior à de Maria.

Já nos programas 3 e 4 - em que comparamos as representações de Jesus com a dos santos, chamou a nossa atenção uma única ocorrência de participante em que Jesus foi representado como participante meta. Jesus aparece 3 vezes somente como participante meta. Já os santos, dos 7 participantes envolvidos, os santos são representados como participante meta 4 vezes e participante ator 3 vezes. Em termos percentuais, o participante meta corresponde a 57,1% e o participante ator a 42,8% dos participantes. Como podemos observar nos programas 3 e 4, tanto Jesus quanto os santos foram representados prioritariamente como participantes meta. Esse dado nos aponta para a compreensão da prática discursiva de Padre Fábio de Melo no sentido de deslocar a posição ocupada pelos santos na hierarquia devocional da Igreja. Os dados das análises nos mostraram principalmente o deslocamento de Jesus sendo representado unicamente como aquele a quem a ação dos santos é direcionada. Nesse sentido, Fábio de Melo aponta para Jesus como sendo a ação dos santos direcionada a Jesus. Dessa forma, o Padre sugere que Jesus também deve ser a meta do cristão católico. Com isso, uma vez mais Fábio de Melo estabelece que o lugar de soberania na Igreja é ocupado por Jesus.

Os dados obtidos em relação aos participantes envolvidos nos processos relacionais apontam para a visão pessoal das devoções religiosas vividas por Padre Fábio de Melo. Isso porque os processos relacionais são usados como categorizadores que revelam uma visão da experiência pessoal, das experiências vividas pelo indivíduo nas relações que são estabelecidas entre portador e atributo (nos processos relacionais atributivos), entre valor e característica (nos processos relacionais identificativos) e entre possuidor e possuído (nos processos relacionais possessivos).

Conforme os dados nos mostram, Maria foi representada nos programas 1 e 2 prioritariamente como participante característica. Dos 50 participantes relacionados a esse tipo de processo, Maria aparece 20 vezes como participante característica, o que corresponde a 40% dos participantes envolvidos no processo. Esse tipo de participante se refere à entidade identificada pelo participante valor. Nesse sentido, Maria é identificada por Padre Fábio de Melo como sendo “a participação humana no mistério da encarnação”, “mãe de Deus”, “intercessora”, “a primeira seguidora”, “a primeira discípula”, “a primeira apóstola”, “exemplo de fé”, “exemplo de santidade”. Já Jesus nos programas 1 e 2 foi representado prioritariamente como participante característica e participante valor, sendo que dos 12 participantes envolvidos, Jesus aparece tanto como característica quanto como valor 4 vezes. Em termos percentuais, esse dado corresponde a 33,3% dos participantes envolvidos no processo. Compreendemos que Padre Fábio de Melo considera a importância de Maria no catolicismo. Além disso, o contexto das análises nos leva a compreender Maria como sendo importante na experiência de fé do fiel católico. Porém, o lugar que ela ocupa na hierarquia da Igreja não é o mesmo lugar de soberania que é ocupado por Jesus. O lugar hierárquico ocupado por Maria se localiza abaixo daquele ocupado por Jesus, já que Jesus é identificado por Padre Fábio de Melo nos programas 1 e 2 como sendo “Deus”, “salvador”, “o centro da minha experiência”.

Diferentemente de Maria, os santos foram representados prioritariamente como participante atributo, que é aquele participante que se refere às qualidades relacionadas ao portador. Conforme Cunha e Souza (2011, p.85), portador “é o participante que recebe as qualificações gerais”. Os dados nos mostraram que dos 21 participantes envolvidos nos processos relacionais nos programas 3 e 4, os santos aparecem 8 vezes como atributo, o que corresponde a 38% dos participantes. Diferentemente de Maria que foi **identificada** principalmente como a “mãe de Deus”, os santos foram **qualificados** como “homens e mulheres como nós”, “homens e mulheres que podem esperar uma vida de santidade” o que faz deles “santos”. Porém, “não são o destino final da santidade”. Como os participantes

envolvidos nos processos relacionais nos mostram, essas formas diferenciadas de representar Maria e os santos nos evidenciam que Maria ocupa uma posição superior à dos santos na hierarquia devocional da Igreja. Da mesma forma como foi representado nos programas 1 e 2, nos programas 3 e 4 Jesus também foi representado prioritariamente como participante característica e participante valor. Dos 9 participantes envolvidos nos processos relacionais, Jesus aparece 3 vezes tanto como característica quanto valor, o que corresponde a 33,3% da participação de cada participante. Esse dado nos mostra que Jesus está posicionado acima dos santos. Os dados das análises nos evidenciam essa posição de soberania ocupada por Jesus na hierarquia da Igreja ao identificá-lo como sendo “o destino final da santidade”. Nesse sentido, compreendemos um deslocamento feito por Padre Fábio de Melo ao negar que os santos sejam o destino final da santidade. Com essa negação, o Padre reposiciona os santos em um patamar inferior ao de Jesus para, então, reposicionar Jesus no lugar de soberania por Ele ocupado na hierarquia devocional do fiel católico. Sendo assim, Jesus ocupa o topo da pirâmide hierárquica, Maria aparece abaixo de Jesus e os santos aparecem em uma posição abaixo de Maria. Dessa forma, Padre Fábio de Melo sugere que o fiel católico tenha Jesus como sua prioridade devocional para então viver a sua experiência de devoções a Maria e aos santos.

Como podemos observar, a prática discursiva de Padre Fábio de Melo reorganiza a identidade do fiel católico, porque posiciona Jesus como sendo o centro da experiência cristã do fiel católico, não deixando de manter e respeitar as devoções a Maria e aos santos. Dessa forma, interpretamos que o Padre busca fazer com que o fiel católico retorne para a base do Cristianismo, que conforme Gaarder, Hellern e Notaker (2005), é Jesus Cristo.

A dimensão da prática discursiva, que se preocupa com a interpretação do texto, analisa o evento discursivo a partir de suas condições sociais de produção, distribuição e consumo textual (FAIRCLOUGH, 2001). Nesse sentido, as falas do *corpus* analisado foram produzidas pelo agente social Fábio de Melo e distribuído no programa televisivo *Direção Espiritual* por ele apresentado. Fábio de Melo é legitimado pela Igreja Católica por ter sido conferido a ele o poder eclesial de Padre. Em relação à distribuição do *corpus* no meio televisivo, o programa *Direção Espiritual* aborda situações vivenciadas pelos indivíduos no cotidiano como, por exemplo, situações referentes a dificuldades relacionadas a relacionamentos interpessoais. Ao abordar esses assuntos, Fábio de Melo aconselha os telespectadores em conformidade com os ensinamentos de Jesus, incentivando-os a buscarem o autoconhecimento. Esse incentivo pela busca do autoconhecimento no discurso de Fábio de Melo é confirmado nos estudos de Machado e Melo (2011) e Nascimento e Gonçalves (2014).

Esses autores analisaram a construção do *ethos* do Padre sendo construído em torno de um discurso terapêutico entrelaçado a um discurso religioso, fazendo Fábio Melo construir uma imagem de conselheiro espiritual. Nesse sentido, observamos a interdiscursividade do discurso religioso que se entrecruza com o discurso terapêutico que é consumido por indivíduos de diferentes crenças. Esse consumo textual se dá pelo *corpus* estar em um programa de alcance televisivo já há onze anos no ar.

Retomando a reorganização da identidade do fiel católico, por que Padre Fábio de Melo destaca a figura de Jesus na sua prática discursiva?

Para responder esse questionamento da pesquisa, precisamos partir para a análise da prática social de Padre Fábio de Melo. A prática social consiste em explicar como os textos são investidos de aspectos sociais ligados a questões ideológicas e hegemônicas. Em conformidade com a forma como Fairclough (2001) compreende a ideologia, as significações ou as construções da realidade são construídas por agentes sociais nas diversas práticas discursivas que podem produzir, reproduzir ou transformar as relações de dominação ou subordinação. Para o autor, as ideologias se tornam mais eficazes quando elas atingem um *status* de “senso comum”, ou seja, quando são naturalizadas. Essa naturalização da ideologia se dá à medida que o indivíduo age individual ou coletivamente como agente no meio social.

Com base na noção de hegemonia desenvolvida por Gramsci (1995), Fairclough (2001) afirma que os sujeitos são posicionados ideologicamente e também são capazes de agir na sociedade. Consequentemente, são capazes de reestruturar as práticas e as estruturas tradicionais e posicionadoras. Nesse sentido, Fairclough (2001, p. 122) compreende a hegemonia como sendo “liderança tanto quanto dominação nos domínios [...] cultural e ideológico de uma sociedade”.

Nesse sentido, buscamos investigar as questões ideológicas implicadas em duas práticas de Padre Fábio de Melo. Escolhemos agregar à dissertação duas práticas do Padre que não foram contempladas no nosso *corpus* para que o leitor possa se certificar de que os dados apresentados nas análises condizem com o posicionamento ideológico religioso de Fábio de Melo. A primeira foi o trecho de uma pregação¹⁶ polêmica de Padre Fábio de Melo feita na comunidade Canção Nova em 2014.

Tenho muito medo, sabe. Tenho visto o Cristianismo sendo nivelado por baixo. Tenho presenciado em muitos lugares, em muitas comunidades esse Cristianismo sendo nivelado por baixo. O Cristianismo sendo reduzido a medalhinhas. A teologia sendo substituída por devoções vazias. A devoção mariana sendo excessivamente colocada quando Maria está sendo fora do lugar dela, tomando o lugar do

¹⁶ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=bxB814rFlf4>

Cristo. Isso não é Cristianismo. A liberdade consiste em você olhar para a santidade de Maria e de você rezar com ela para que o tempo todo o Cristo prevaleça entre vós porque nós não podemos mais admitir a experiência de um Cristianismo sem o Cristo. É o Cristo que nos salva. É o Cristo que nos resgata. É o Cristo que nos liberta. E nós estamos amarrados em muitas outras coisas, classificando isso como religioso. E classificando isso como bonito. Não. Nós precisamos retornar à seriedade dessa palavra. São Paulo não brinca com a comunidade. São Paulo não está falando em meios termos. É Cristo que nos salva. É Cristo que nos salva. E é em torno dEle que nós precisamos organizar a nossa vida, organizar a nossa comunidade, organizar a nossa experiência pessoal de ser quem somos e fazer com que cada vez mais nossa experiência cristã seja antes de qualquer coisa uma mudança de mentalidade.

Esse trecho da pregação se tornou conhecido nas mídias sociais, principalmente entre os evangélicos, que cogitaram a possibilidade de o Padre se desligar da Igreja Católica. Isso porque muitos católicos questionaram a postura de Fábio de Melo que se mostrou contrário à prática tradicional da Igreja no que se refere à devoção mariana. Por isso, Padre Fábio de Melo foi considerado por muitos católicos como sendo um herege. Essa possibilidade de o Padre se desligar da Igreja surgiu principalmente por Padre Fábio de Melo questionar muitos católicos que posicionam Maria como sendo o centro do Cristianismo. No trecho da pregação, o Padre busca retirar Maria da posição de soberania e colocar Jesus nesse lugar. Porém, o Padre não desconsidera o lugar de Maria na hierarquia da Igreja Católica, conforme as análises do *corpus* nos mostraram. Conforme visto, o Padre se limita a reorganizar as figuras devocionais do catolicismo de modo a enfatizar a figura de Jesus. Essa prática é a mesma realizada pela Renovação Carismática Católica. Portanto, Fábio de Melo age como um Padre ligado à ala carismática da Igreja.

Uma segunda prática de Padre Fábio de Melo chamou a nossa atenção. Trata-se da ida de Fábio de Melo a uma igreja evangélica. O Padre Fábio de Melo foi convidado pelo pastor Kléber Lucas para pregar na igreja Batista Soul no Rio de Janeiro no dia 30 de abril de 2017, tendo publicado na sua mídia social *instagram* uma foto do evento.

Figura 5: Imagem de Padre Fábio de Melo na igreja Batista Soul



Disponível em: <http://www.srzd.com/brasil/evangelico-padre-fabio>

A pregação de Padre Fábio de Melo em uma igreja evangélica nos indica uma possibilidade de resposta do porquê Fábio de Melo contrariou a tradição da Igreja Católica, retirando Maria do centro e colocando Jesus. Primeiramente, consideramos pertinente lembrar ao leitor que Fábio de Melo age em sua prática conforme a doutrina carismática da Igreja. Ou seja, ele é legitimado pela ala carismática da Igreja Católica a agir conforme age, posicionando Jesus no topo da hierarquia da Igreja.

Como a Renovação Carismática Católica propõe, o Padre centraliza a sua experiência de fé na base do Cristianismo, que é Jesus Cristo. Porém, o Padre não deixa de considerar que Maria e os santos desempenham o papel de intercessores junto ao Pai no catolicismo. Sendo assim, ao aceitar um convite para pregar sobre o amor de Deus em uma igreja evangélica, compreendemos essa aceitação de Padre Fábio de Melo como sendo uma oportunidade de aproximação com cristãos evangélicos.

Escolhemos dizer oportunidade porque a perda de fiéis católicos, sobretudo para as igrejas evangélicas, tem aumentado, conforme os dados do censo 2010 já apresentados nesta pesquisa. Conforme Mariano (2013), se a Igreja católica não alterar a sua prática, até 2030 os católicos serão menos de 50% da população e, até 2040, católicos e evangélicos vão empatar na preferência dos brasileiros com uma vantagem mínima evangélica de 42% sobre 40% para os católicos. Portanto, é oportuno que Fábio de Melo pregue em um reduto de evangélicos sobre o amor de Deus, que foi o tema da pregação.

Chamou a nossa atenção a escolha do tema. Ao escolher falar sobre Deus, o Padre concentra o seu discurso religioso no que une católicos e evangélicos e não em temas que os

desunem, como as devoções a Maria e aos santos que caracterizam o catolicismo. Com isso, acreditamos ser esta uma tática que visa a diversificar a Igreja Católica com o objetivo de manter fiéis e, assim, manter a sua soberania no Brasil. Interpretamos dessa forma porque, de acordo com Mariano (2013), os dados referentes aos dois últimos censos realizados pelo IBGE em 2000 e 2010 apontaram para uma redução de fiéis dentro das igrejas evangélicas. Conforme Mariano (2013), as igrejas evangélicas não conseguem reter os fiéis de maneira estável. Porém, ao se desvincular de uma igreja evangélica histórica, o fiel se vincula a uma igreja pentecostal que também pertence ao ramo evangélico. Ou seja, o fiel continua sendo evangélico. Por isso, os evangélicos continuam crescendo no país ao passo que o quantitativo de fiéis que se dizem católicos tem diminuído. Nesse sentido que Padre Fábio de Melo visa à diversificação da Igreja Católica como forma de reter fiéis, de modo a proporcionar ao católico a possibilidade de desvinculação da ala tradicional ou progressista da Igreja e se vincular à ala carismática que proporciona, como nas igrejas evangélicas pentecostais, a experiência com o Espírito Santo. Dessa forma, Fábio de Melo parece “quebrar barreiras” que desunem tanto fiéis católicos quanto fiéis evangélicos.

Compreendemos essa aproximação do Padre com os evangélicos como sendo, primeiramente, a proposta de um pacto de paz em que ele mostra aos grupos religiosos com discordâncias teológicas a possibilidade de conviverem respeitosamente uns com os outros. Segundo, consideramos que com esse posicionamento Padre Fábio de Melo age de forma estratégica, visando atrair fiéis evangélicos para o catolicismo.

Nesse sentido, Padre Fábio de Melo aparece como um ator que atua em um dos palcos sociais mais propícios para “brigar” pela manutenção da supremacia da Igreja Católica no Brasil. Enquanto agente social, ele luta em um palco evangélico utilizando como arma a linguagem que é utilizada para construir uma aparente relativização ideológica da doutrina do catolicismo. Dizemos aparente relativização ideológica porque Padre Fábio de Melo não desconstrói para então reconstruir uma nova identidade do fiel católico. O Padre sugere uma reconstrução que na verdade é uma reorganização identitária do fiel.

Por fim, interpretamos, sobretudo com base na prática social de Padre Fábio de Melo, que essa reorganização da identidade do fiel católico se dá para que os indivíduos de diferentes crenças possam ter conhecimento da ala carismática da Igreja Católica. Tornando-se conhecida, a Renovação Carismática Católica se torna, junto com as igrejas evangélicas, mais uma opção de igreja cristã com ênfase no batismo do Espírito Santo para os indivíduos de diferentes crenças escolherem se filiar. Por isso o interesse de Padre Fábio de Melo em mostrar em um reduto evangélico que o alicerce do Cristianismo das igrejas evangélicas é o

mesmo das três alas da Igreja Católica: a tradicional, a progressista e a carismática. Sendo assim, o Padre convida o telespectador a conhecer as diferentes alas da Igreja Católica, podendo se filiar àquela que atenda ao modo específico de ser do indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscamos analisar o discurso religioso de Padre Fábio de Melo no programa televisivo *Direção Espiritual* a fim de investigar se a prática do Padre se trata de um processo de reconstrução ou de reorganização da identidade do fiel católico. Além disso, questionamos o porquê do Padre propor essa alteração na identidade do fiel católico. Para isso, buscamos primeiro contextualizar de forma sucinta alguns aspectos históricos do Cristianismo. Posteriormente, fizemos uma breve contextualização teórica para então analisar o *corpus* de pesquisa com base na perspectiva teórica da Análise Crítica do Discurso proposta por Norman Fairclough (2001,2003), levando-nos a responder a nossa pergunta de pesquisa.

Inicialmente, buscamos compreender a criação do Cristianismo a partir da Bíblia Sagrada. Para tanto, referimo-nos ao Antigo Testamento e ao Novo Testamento. O Antigo Testamento foi citado no nosso trabalho para que o leitor compreendesse o porquê da ressurreição de Jesus Cristo, que é considerado a base do Cristianismo, além de ser esse fato um marco do surgimento da Igreja Primitiva (GAARDER; HELERN; NOTAKER, 2005). Como o nosso objeto de pesquisa se trata de um discurso religioso católico, concentramos a nossa atenção em contextualizar aspectos referentes à Igreja Católica. Portanto, apresentamos uma breve síntese do catolicismo dos primórdios à atualidade, preocupando-nos em mostrar para o leitor o surgimento do Pentecostalismo nas igrejas evangélicas que, posteriormente, influenciou o catolicismo (AQUINO, 2009). Essa influência se deu com a criação de uma nova ala na Igreja Católica: a Renovação Carismática Católica, que prioriza a figura de Jesus, além de proporcionar o batismo do Espírito Santo, conforme as igrejas evangélicas pentecostais (CAMPOS JR., 1995). Para uma melhor compreensão das análises, diferenciamos a ala tradicional da ala carismática para que o leitor pudesse compreender o processo de reorganização da identidade do fiel católico proposto por Padre Fábio de Melo. Conforme a ala tradicional da Igreja Católica, a hierarquia devocional do fiel posiciona: (1) Maria, (2) os santos e (3) Jesus. Já a ala carismática da Igreja, reposiciona Jesus de modo a colocá-lo no topo da hierarquia seguido de Maria e, por fim, os santos.

Essa mudança de prática, que contradiz a ala tradicional da Igreja por destacar a figura de Jesus, pode ser conferida no discurso religioso de Padre Fábio de Melo. Escolhemos analisar a prática discursiva de Fábio de Melo porque ultimamente ele tem se destacado no cenário nacional, sendo considerado o principal representante do catolicismo no Brasil e ainda

considerado um ícone nas redes sociais. O destaque de Fábio de Melo não se limita aos “muros” da Igreja. Ao contrário, fica evidenciado no meio social com o quantitativo de 6,9 milhões de seguidores que o seguem na rede social *instagram*. Além do *instagram*¹⁷, Fábio de Melo se destacou na rede social *snapchat*¹⁸ no ano de 2016, tendo sido considerado um dos perfis de maior destaque nessa rede social.

O resultado da nossa pesquisa nos mostrou que o sucesso de Fábio de Melo não se limita ao seu carisma e boa apresentação pessoal. O Padre se destaca principalmente pela sua prática discursiva que tem atraído indivíduos com diferentes modos de pensar, inclusive os evangélicos. O que principalmente nos instigou a estudar a prática discursiva de Padre Fábio de Melo foram os dados do último censo realizado pelo IBGE, em 2010. Conforme o censo nos mostrou, 86,8% da população brasileira é formada por cristãos, sendo 64,6% católicos e 22,2% evangélicos. Embora os católicos ainda sejam maioria no Brasil, em trinta anos podem não ser. Isso porque, em comparação com o penúltimo censo realizado no ano 2000, os resultados mostraram uma redução no número de católicos no país, que corresponde a uma retração de 22%, e uma expansão de evangélicos.

Com os dados da pesquisa, encontramos um fio que nos conduziu a atrelarmos o nosso *corpus* à Teoria da Estruturação (GIDDENS, 2003) e contextualizá-lo conforme os conceitos da ideologia (FAIRCLOUGH, 2001; THOMPSON, 1995), da identidade (HALL, 2003), do poder (1979) e da hegemonia (1995) afim de compreendermos o porquê de Padre Fábio de Melo reestruturar a identidade do fiel católico. Como Padre que é legitimado pela Igreja Católica, a ele é conferido, conforme Foucault (1979), um “micropoder”. Esse “micropoder” o autoriza a agir na modelação de algumas práticas religiosas enraizadas advindas da ala tradicional da Igreja. Conforme Giddens (2003), essa reestruturação proposta por Fábio de Melo - que afeta sobretudo a identidade do fiel católico - só é possível pela reestruturação de uma prática social que se repete no espaço e no tempo. Essa reestruturação é desempenhada por ele enquanto agente social capaz de promover mudanças. Em conformidade com Fairclough (2001) e Giddens (2003), o agente social é um indivíduo responsável pela construção da realidade e dos significados do mundo. Para Fairclough (2001), essa construção se dá através da prática discursiva do agente social que pode tanto reproduzir o senso comum quanto transformar uma possível relação de dominação e de subordinação.

¹⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/pefabiodemelo/?hl=pt-br>

¹⁸ Disponível em: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/03/os-melhores-do-snapchat-conheca-cinco-perfis-que-bombam-no-app.html>

Com a análise do nosso *corpus*, compreendemos que essas relações de dominação e subordinação se remetem a relações de poder que envolvem tanto a Igreja Católica quanto as igrejas evangélicas, que tem liderado no Brasil. Conforme os dados já apresentados do último censo, essas instituições religiosas têm travado uma constante luta, sendo a linguagem a principal arma utilizada pelos agentes sociais para alcançarem ou se manterem no poder. Por isso, compreendemos o empenho de Fábio de Melo em modelar a tradição da Igreja como sendo um aceite dele enquanto um agente social católico para participar de uma luta ideológica cujo “prêmio” é a manutenção da supremacia da Igreja Católica no Brasil. Para isso, Padre Fábio de Melo se empenha discursivamente com o “jogo das identidades” em que Hall (2003) considera a perspectiva da fragmentação de identidades estáveis do passado para recrutar novos fiéis para a Igreja Católica. Conforme as análises nos mostraram, Padre Fábio de Melo apresenta para o telespectador uma Igreja fragmentada e flexível que atende e respeita os diversos modos de ser dos indivíduos, inclusive dos evangélicos com quem o Padre busca uma aproximação. Conforme exemplificamos ao tratar de uma prática social de Fábio de Melo, o Padre se aproximou dos evangélicos mediante uma participação enquanto pregador em um culto de domingo na igreja Batista Soul. Essa aproximação é igualmente confirmada com os resultados apresentados nas análises.

Pela análise da metafunção ideacional da linguagem, identificamos através do sistema de transitividade as escolhas feitas por Padre Fábio de Melo para representar Maria, os santos e Jesus quanto aos tipos de processos e os participantes envolvidos em cada processo.

A começar pela representação de Maria, Padre Fábio de Melo escolheu representá-la prioritariamente com 39 processos relacionais (38,6%) e 36 processos materiais (35,6%) que nos mostrou Maria sendo representada tanto como aquela que é “a mãe de Jesus” e que também faz algo no sentido de “educar” o seu filho Jesus. Pelos processos do ser, ter e pertencer, identificamos a identidade de Maria que foi representada principalmente como sendo “a mãe de Deus” por ter sido “a mulher onde tudo acontece”. Dessa forma Maria também é representada como sendo “a participação humana no mistério da encarnação”. Além disso, Maria também é identificada como “intercessora”, “a primeira seguidora, discípula e apóstola” de Jesus. Com os processos do fazer tivemos a confirmação da identidade de Maria sendo representada prioritariamente como sendo a “mãe da Igreja”. Nesse sentido, a posição de “mãe” ocupada por Maria é vista linguisticamente como sendo a meta da Igreja configurá-la dessa forma. Conforme os dados das análises, dos 16 participantes envolvidos nos processos materiais, Maria é representada 9 vezes como meta (56,2%) e 6 vezes como ator (37%). Como ator, Maria exerce o seu papel de mãe de “educar” e “seguir”

Jesus. Dessa forma, Maria representada enquanto ator conduz o fiel católico para a meta que é “Jesus”.

Já para representar os santos, Padre Fábio de Melo escolheu construir prioritariamente as suas representações utilizando 36 processos relacionais (43,9%) e 26 processos materiais (31,7%), que nos mostrou os santos sendo representados principalmente pelos processos do ser, ter e pertencer. Compreendemos com base nos dados que Padre Fábio de Melo representou os santos de forma diferenciada de Maria tanto no que se refere ao quantitativo de processos utilizados quanto aos participantes envolvidos, já que dos 21 participantes envolvidos nos processos relacionais, o Padre escolheu representá-los de modo a caracterizá-los com 8 atributos (38%) e identificá-los com 6 características (28,5%). Esse dado nos mostrou que, diferentemente de Maria, os santos são caracterizados como “homens e mulheres como nós”. Compreendemos que esse atributo nos aproxima dos santos, mas também nos incentiva a termos “Jesus como referência” como eles tiveram. Por isso eles foram identificados como “santos”, embora “não” sejam “o destino final da santidade”. Isso porque enquanto “homens e mulheres como nós” foi atribuído aos santos o atributo de ter “Jesus como referência”. Por terem o atributo de ter “Jesus como referência” é que esses “homens e mulheres” foram beneficiados, levando-os a alcançarem a identidade de “santos”. Com essa identidade de “santos”, eles ocupam uma posição de destaque na hierarquia da Igreja Católica abaixo da posição ocupada por Maria que, além de santa, também é representada como a “mãe”. Além disso, Padre Fábio de Melo representa os santos como aqueles homens e mulheres que praticam a ação de “chegar” a Jesus por “levar” uma vida de radicalidade evangélica. Dessa forma, os processos do fazer confirmam que a identidade de “santo” pode ser alcançada por “homens e mulheres como nós” desde que, conforme os santos, também “levem uma vida de radicalidade evangélica” tendo “Jesus como referência”.

Em relação às representações de Jesus nos programas 1 e 2, Padre Fábio de Melo se preocupou em representá-LO de modo a diferenciar Jesus de Maria. Compreendemos dessa forma porque Fábio de Melo construiu as representações de Maria utilizando 38,6% de processos relacionais e 35,6% de processos materiais, o que nos leva a perceber que houve um uso equivalente de processos. Nesse sentido, Padre Fábio de Melo representou Maria como sendo uma mulher quem faz muitas coisas como mãe. Porém, as análises nos mostraram que Padre Fábio de Melo revelou que Jesus faz quantitativamente mais do que Maria. Compreendemos dessa forma porque o Padre escolheu utilizar prioritariamente 21 processos materiais (50%) e 10 processos relacionais (23,8%) para construir as representações de Jesus. Compreendemos essa escolha como sendo uma forma de representar Jesus como aquele

quem pratica a ação de “conceder o favor”, retirando de Maria esse “poder” de concessão. Esse entendimento é confirmado pela representação prioritária de Jesus sendo representado como participante ator. Dos 15 participantes envolvidos nos processos materiais utilizados pelo Padre nos programas 1 e 2, Jesus foi configurado enquanto ator 8 vezes (53,3%) e meta 7 vezes (46,6%). Nesse sentido, compreendemos que Jesus é representado como aquele que faz mais do que Maria já que é Ele quem “concede o favor”. Representando Jesus dessa forma, percebemos que Padre Fábio de Melo confere poder a Ele, posicionando-o no topo da hierarquia da Igreja. Esse poder conferido a Jesus é também confirmado pelas análises das representações identitárias que O identificam como sendo “Deus”, “salvador” e “o centro da minha experiência”. Conforme os dados nos mostraram, Jesus aparece 12 vezes como participante nos processos relacionais sendo representado prioritariamente 4 vezes (33,3%) como valor e 4 vezes (33,3%) como característica.

Já nos programas 3 e 4 Jesus foi representado de modo a diferenciá-LO dos santos. Para isso, o Padre Fábio de Melo escolheu representar Jesus utilizando prioritariamente 9 processos relacionais (37,5%) e 8 processos materiais (33,3%). Dos processos materiais, um dado referente à representação de Jesus como participante chamou a nossa atenção. Esse dado se refere à representação de Jesus como meta. Dos 3 participantes envolvidos nos processos materiais, Jesus foi representado apenas como meta. Compreendemos esse resultado obtido nos programas 3 e 4 que contrastam com os dados sobre os santos como sendo um apontamento de Padre Fábio de Melo para a base do Cristianismo que é Jesus. A representação de Jesus como meta é confirmada pela análise da construção identitária de Jesus. Dos 9 participantes envolvidos nos processos relacionais, Jesus é representado nos programas 3 e 4 prioritariamente com 3 características (33,3%) e 3 valor (33%), sendo identificado como sendo “o modelo” a ser seguido pelos fiéis e também “o destino final da santidade”. Dessa forma, Padre Fábio de Melo reorganiza a posição ocupada pelos santos de modo a desconstruí-los enquanto “destino final da santidade” para reposicionar Jesus conforme “modelo”, que é a identidade atribuída a Ele. Nesse sentido, compreendemos que Padre Fábio de Melo posiciona Jesus no topo da hierarquia devocional do fiel católico sem desconsiderar a identidade de homens e mulheres que se tornaram “santos”.

De forma global, a forma como Jesus foi representado por Padre Fábio de Melo nos programas 1, 2, 3 e 4 nos confirmam que as identidades “divina” e “salvadora” de Jesus justificam a posição de soberania que Jesus deve ocupar na hierarquia devocional do fiel católico. Compreendemos dessa forma com base no somatório dos dados obtidos dos quatro programas que compõe o nosso *corpus* de pesquisa. Com relação aos processos utilizados,

Padre Fábio de Melo escolheu utilizar 29 processos materiais (43,9%), 19 processos relacionais (28,7%), 10 processos mentais (15,1%), 6 processos verbais (9%) e 2 processos comportamentais (3%). As representações de Jesus construídas prioritariamente pelos processos do fazer e pelos processos do ser, ter e pertencer nos leva a perceber Jesus principalmente como sendo o agente responsável pela concessão dos pedidos dos cristãos. Isso porque dos 18 participantes envolvidos nos processos materiais, Jesus é representado 8 vezes (44,4%) como ator e 10 vezes como meta (55,5%). Sendo assim, Jesus é representado 8 vezes como sendo um agente que faz. Porém, a representação de Jesus como meta supera o quantitativo que representa Jesus como ator. Nesse sentido é que “a Igreja” enquanto ator “aponta” para “o Cristo”, que é a meta, e que “nós” enquanto atores não “substituímos” a meta, que é “Jesus,” “nem por Maria nem por santo algum”. Conforme os dados referentes à construção identitária de Jesus, dos 21 participantes envolvidos nos processos relacionais, Jesus aparece prioritariamente 7 vezes como característica (33,3%) e 7 vezes como valor (33,3%). Ou seja, são os mesmos dados referentes aos participantes característica e valor que apareceram nas análises referentes aos programas 1 e 2 e aos programas 3 e 4. Isso nos mostra uma constância de dados que revela o poder que Padre Fábio de Melo confere linguisticamente a Jesus.

Baseado nos dados do último censo realizado pelo IBGE e pelas discussões sobre a luta pela manutenção do poder na Igreja Católica, concluímos essa dissertação considerando que a prática de Padre Fábio de Melo não se trata de um processo de reconstrução da identidade do fiel católico. Trata-se de um processo de reorganização dos ícones que representam a religião católica. Isso porque Fábio de Melo não se posiciona contrário aos ensinamentos da Igreja. O Padre atua conforme a prática desenvolvida pela ala carismática da Igreja que posiciona Jesus no centro da experiência do fiel católico sem deixar de considerar e respeitar as devoções a Maria e aos santos.

Porém, o que diferencia Padre Fábio de Melo de outros Padres carismáticos é a atualização de uma prática religiosa em que Fábio de Melo enquanto agente social que é busca trazer para a Igreja a política de inclusão. Essa política pode ser exemplificada no programa 4 ao caracterizar “a palavra de Jesus”, “a eucaristia” e “todos os sacramentos” como sendo “um convite” e não uma imposição da Igreja para o fiel. Nesse sentido, Padre Fábio de Melo convida o telespectador para conhecer a diversidade existente na Igreja Católica que está presente nas três alas que se diferem entre si de modo a atender os diferentes modos de ser dos indivíduos. Dessa forma, o Padre “abre as portas” da Igreja mediante um convite para evangélicos, espíritas, ateus, etc. de modo a influenciar os indivíduos de

diferentes crenças a se filiarem à Igreja Católica. Essa influência se dá principalmente pela postura do Padre em acolher e respeitar os indivíduos de diferentes crenças, rompendo assim a barreira do preconceito que os separa dos católicos.

Dessa forma, ele parece estar se empenhando em recrutar novos fiéis para a Igreja Católica se manter soberana no Brasil. Assim, os indivíduos são influenciados por uma prática flexível que visa oferecer uma certa liberdade de escolha para que o indivíduo possa vivenciar a sua fé conforme o seu modo de ser.

Além disso, vemos Padre Fábio de Melo como um agente social atuante no meio religioso. Fábio de Melo se empenha em modelar uma estrutura religiosa fixa, transformando-a em uma estrutura flexível que se ajuste à diversidade social típica da pós-modernidade. Dessa forma, ele cumpre o seu papel de representante de Deus trabalhando contra o tabu do preconceito que destrói e separa os religiosos. Enquanto Padre, ele cumpre o seu papel trabalhando a favor do Cristo que salva ao firmar pactos de paz.

Finalizamos esta dissertação conduzindo o leitor a refletir a relevância do tema pesquisado para a Academia. Conforme visto na análise do discurso religioso de Padre Fábio de Melo, é relevante que sejam ampliadas pesquisas em torno de discordâncias religiosas, especialmente no contexto do Cristianismo. Isso porque cada esfera religiosa procura impor a sua verdade, deixando de considerar a existência de outras formas de vivenciar a fé cristã. Isso gera conflitos e a intolerância religiosa que crescem cada vez mais tanto no Brasil quanto no mundo.

Com isso, vemos o Cristianismo sendo repartido em vários blocos que se diferenciam teologicamente entre si, promovendo uma “disputa” em que vale tudo para ser o detentor do poder. Para alcançarem o poder, os grupos religiosos impõem a sua crença como sendo a única verdade de modo que promovem, pelo viés discursivo, a destruição da essência do ensinamento do Cristo- que se baseia na prática do amor e da tolerância. Nesse sentido que consideramos a relevância desta pesquisa ao estudar o discurso religioso de Padre Fábio de Melo que, enquanto líder religioso, reconhece que existem diferentes modos dos indivíduos chegarem a Jesus Cristo. Em outros termos, Fábio de Melo reconhece o Cristianismo como sendo uma religião fragmentada. Porém, todos os fragmentos conduzem ao Cristo. Portanto, enquanto Padre, Fábio de Melo age conforme a imagem e semelhança de Deus ao construir discursivamente uma estrutura religiosa pautada no respeito às diferenças teológicas. Dessa forma, Fábio de Melo destrói a barreira do preconceito promovendo a união dos cristãos em torno da essência do Cristianismo que é Jesus que, além de Salvador, também se apresenta como pacificador.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

AQUINO, F. **Escola da Fé III: O Sagrado Magistério**. Lorena: Cléofas, 2009.

ANDRADE, L.; TAVEIRA, V.. Introdução à Gramática Sistêmico Funcional. In: LIMA, C.; PIMENTA, S.; AZEVEDO, A. (orgs.). **Incursões semióticas**: teoria e prática de Gramática Sistêmico Funcional, Multimodalidade, Semiótica Social e Análise Crítica do Discurso. Livre Expressão Ed., 2009, p. 48-55.

ASSMAN, H. **A Igreja eletrônica e seu impacto na América Latina**. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

BAKHTIN, M.. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 12 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

BAUMAN, Z.. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____ **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BÍBLIA SAGRADA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de Centro Bíblico Católico. Revisão do Frei João José Pedreira de Castro. São Paulo: Ave Maria, 1986.

BLACHHAM, H.. **A religião numa sociedade moderna**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

BRANT, G.. **Catolicismo**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1964, p. 64-164.

CAMPOS JR., L. **Pentecostalismo**: sentidos da palavra divina. São Paulo: Editora Ática, 1995.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes, 1993.

CUNHA, M.; SOUZA, M.. **Transitividade e seus contextos de uso**. São Paulo, Cortez, 2011.

DOUGLAS, W. **O poder dos dez mandamentos**: o roteiro bíblico para uma vida melhor. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____ **Analysing Discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FERNANDES, R. C. et al. **Novo Nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política.** Rio de Janeiro: Manuad, 1998.

FERREIRA, A.. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira S.A., 2 ed., 1986.

FOUCAULT, M.. **A ordem do discurso.** 8 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOWLER, R. **Language and control.** London, Boston and Henley: Routledge & Kegan Paul, 1979.

GAARDER, J.; HELLERN, V.; NOTAKER, H.. **O livro das religiões.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GONÇALVES, C.H.P.; NASCIMENTO, J.V.. **O ethos na obra 'Quem me roubou de mim? O sequestro da subjetividade e o desafio de ser pessoa.'** Interletras (Dourados), v. 3, p. 1-9, 2014.

GRAMSCI, A.. **Concepção dialética da História.** Tradução Carlos Nelson Coutinho Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALLIDAY, M.. **Language as social semiotic.** London Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. **Introduction to functional Grammar.** 3 ed. London: Hodder Arnold, 2004.

KOERNER, E.. Linguistics and ideology in 19th and 20th century studies of language. In: DIRVEN, R.; HAWKINS, B.; SANDIKCIOGLU, E. (Eds.). **Language and ideology.** Amsterdam/Filadelfia: John Benjamin, 2001, p. 20-35.

KRAMSCH, C. **Language and culture.** Oxford: Oxford University Press, 1998, P. 3-14.
LAFHEY, A. **Introdução ao Antigo Testamento: uma perspectiva feminista.** São Paulo: Paulus, 1994.

MACHADO, I.L.; MELO, M.S.S. **Argumentação e construção do ethos no programa Direção Espiritual.** Expressão (Santa Maria), v. 1, p. 115-125, 2011.

MARCONDES FILHO, C. **Televisão.** São Paulo: Editora Scipione, 1994.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã.** 3 edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

MARIANO, R. **Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010**. Debates do NER, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, Jul./Dez. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Admin/Downloads/ARTGO%202%20IBGE.pdf>

MENDONÇA, H.. O Catolicismo midiático: A evangelização do Padre Fábio de Melo. (2013). Disponível em: <http://bdtd.ufs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1410>. Acesso em: 9 de outubro de 2016.

MEURER, J. Ampliando a noção de contexto na linguística-sistêmico funcional e na análise crítica do discurso. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. esp., p. 133-157, 2004.

_____. Aspectos do componente sociológico do ensino na linguagem. **Intercâmbio**, vol. VII, 1999, p.129-134. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/4030/2677>>. Acesso em: 9 de novembro de 2016.

NUNO, F.. **Santa Teresinha**: a vida e a espiritualidade da pequena flor do Carmelo. São Paulo: ed Petro, 2016.

RAMALHO, V., RESENDE, V.. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RAMALHO, V., RESENDE, V.. **Análise de Discurso (para a) crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas: Pontes Editores, 2011, p. 11-72.

REIS, R. **Renovação Carismática Católica**: um constante desafio. Pelotas: RCC Brasil, 2013.

REIS, R. **Renovação Carismática Católica**: um constante desafio. Pelotas: RCC Brasil, 2013.

SUENENS, L. J. O cardeal Suenens opina sobre a Renovação Carismática. In: ALDUNATE, C. et al. A experiência de Pentecostes. A Renovação Carismática na Igreja Católica. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. THOMPSON, J. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na área de meios de comunicação de massa. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

UNSWORTH, Len. **Teaching multiliteracies across the curriculum**: changing context of text and image in the classroom practice. Buckingham, UK: Open University, 2001.

WILKERSON, D. **A cruz e o punhal**. São Paulo: Editora Betânia, 2008.

WOODWARD, K.. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2004. Cap. 2.

ANEXOS

ANEXO A: Transcrição dos recortes dos programas

Programa 1

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-qy3KLGfDCc&t=53s>

WILLIAM: Padre, sua benção! Fui questionado por um protestante. Ele disse: “Se somente Deus é onisciente e onipresente, como Maria e os santos podem ouvir a nossa oração? Se eu e outras pessoas estamos rezando para Nossa Senhora e/ou santos, como eles podem nos ouvir ao mesmo tempo?” Me ajude a explicar isso para ela.

PADRE FÁBIO DE MELO: Bem, primeiro a gente explica pra você, né? É muito mais que explicar pro outro, o mais importante é a gente entender. É sempre interessante diferenciar. Às vezes você tem aquela ânsia de responder pro outro e você acha que está fazendo a pergunta pra ajudar a responder o outro, mas na verdade você quer é calar o seu questionamento que pode ser que ela tenha te despertado isso. Essa é uma questão que a gente se apresenta mesmo, né? Se só Deus é onipresente, a fé nos ensina isso, como é que eu posso fazer oração para os santos e acreditar que eles estejam me ouvindo? É muito simples, William. A Igreja nos ensina que a comunhão dos santos é essa possibilidade de comunicação espiritual que a oração nos permite. Então, toda vez que eu estou fazendo uma prece, é claro que eu estou, é, me comunicando com Deus. Só que no meu motivo, naquela minha prece, eu coloco alguém que, de alguma maneira, me influenciou, alguém que de alguma maneira eu admiro. É uma maneira carinhosa de incluir na oração alguém que humanamente tenha representado um significado muito especial pra nós. A comunhão dos santos, ela nos permite rezar sempre tendo consciência que a prece chega a Deus. No caso da devoção mariana, já disse aqui várias vezes, nós não podemos interpretar de maneira errada o que a Igreja nos propõe quando nos coloca Maria como mãe. A santidade de Maria só tem sentido por causa da santidade de Jesus. Ela só é santa porque o ventre dela é santo. Então, há uma conexão cristológica. Toda oração que nós fazemos, mesmo que passe por um santo da nossa admiração. Então eu tenho uma admiração por São Francisco. Eu gosto de rezar: “Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz. Onde houver ódio que eu leve o amor, onde houver ofensa...” Tá vendo? Que tudo isso está diretamente ligada à palavra de Jesus. Não tem nada que foi só Francisco que disse. Está diretamente ligada à oração que eu faço inspirada em Francisco está diretamente ligada aos motivos do Cristo. O santo só é santo porque seguiu radicalmente Jesus e elevou uma de suas virtudes à perfeição. Quando eu rezo pra Nossa Senhora, por exemplo, tem gente que tem facilidade de fazer a oração mariana, tem gente que não. Isso não nos modifica porque o nosso amor e o nosso respeito a ela continua e isso é o mais importante. A Igreja nos motiva a rezar o terço? Motiva. Tem gente que tem facilidade com a oração do terço, tem outras pessoas que não. Nós somos diferentes. E é natural que a gente tenha mais facilidade com uma coisa, mais facilidade, mais dificuldade com outra. O terço se você for pegar, se for analisar a Ave Maria, que é uma oração bíblica, a primeira parte dela ela é toda bíblica. É o anúncio do anjo e depois a segunda parte: “Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores agora e na hora de nossa morte, amém.” O que que isso fere o nosso amor a Deus? O que que isso fere a convicção, a compreensão de que Deus é onisciente e que Maria não tem o mesmo poder? Tudo bem, não é nenhum problema você dizer Maria não é deusa, né? E erra aquele que trata Maria como deusa. Maria é a legítima participação humana no mistério da encarnação. Agraciada por Deus, colocada neste mundo de maneira muito especial e respeitada e venerada pela Igreja como mãe da Igreja. Como aquela que educou Jesus, como aquela que participou diretamente do mistério da salvação que Jesus nos realiza. Então, o meu respeito a Maria. Eu rezo a ela, pedindo que ela me proteja. Mas veja bem: essa proteção que eu estou pedindo pra ela, quem é que pode me conceder? O Pai. Ela é a intercessora. A intercessão, minha gente, é a coisa mais simples de entender. Pai, eu estou precisando de um favor do meu Pai. Então, eu peço pela minha mãe porque é, afetivamente falando, mais confortável. Quem disse que a nossa relação com Deus também não passa pelos nossos significados humanos? E muitas pessoas você encontra uma dificuldade muito grande dela relacionar-se diretamente com Deus Pai. Tem mais facilidade de relacionamento com Jesus. Tem mais facilidade de relacionamento com Maria. Tem uma devoção mariana equilibrada, bonita. Tem Maria como um exemplo de fé, como um exemplo de santidade, que eu quero viver. Então, não conflitue isso, viu? Você não tem que convencer o outro, você só precisa estar convencido. Eu sempre digo isso. Aliás e fico muito feliz por ter tido essa oportunidade de mostrar esse respeito e de ser recebido com esse respeito. Essa semana, eu estando em campos do Jordão, aí um grupo começou tirar foto comigo e se aproximou, me tratou com muito respeito e era um grupo de evangélicos e os dois pastores com eles. Os pastores rindo, me cumprimentando e aí o pastor, que inclusive faz parte da Sociedade Bíblica, no Brasil, faz parte da equipe que cuida da Sociedade Bíblica e ele me disse: “Padre Fábio, eu aprendi respeitá-lo por causa da minha esposa. Minha esposa assistiu o senhor uma vez, gostou do programa e depois me convidou a assistir também. E eu

fiquei muito honrado porque é, né? Se fosse um grupo de católicos, é natural que o católico queira tirar, estar comigo, me ouvir. Agora um grupo de evangélicos me tratando com tanto respeito, com tanta reverência. Aquilo pra mim foi tão, sabe, um presente de aniversário, né? Poderia dizer assim. Significa que a nossa comunhão dos santos esteja acontecendo, mesmo com diferenças. Eu não quero convencê-los de nada. Eu quero que Jesus aconteça no coração deles. Se lá naquela Igreja esta presença de Jesus está sendo salvífica, eu louvo a Deus por aquele pastor, pelo ministério dele, da mesma maneira como ele louva pela minha vida. Isso é comunhão dos santos. Isso já é intercessão. Quando eu olho para um pastor e falo: “Oh, pastor, reze por mim.” Assim como ele também: “Padre, ore por mim.” Isso é intercessão dos santos. Os evangélicos fazem isso. Eles oram uns pelos outros. Eles pedem. Eu vejo lá o twitter, eu acompanho o André Valadão, que é um rapaz que eu admiro muito. O André vez em quando fala lá: “Vamos orar nessa intenção. Vamos pedir a Deus nessa intenção.” As pessoas pedem oração a ele. Isso é intercessão. Então, que problema tem eu invocar nessa comunhão dos santos a presença de São Francisco, por exemplo? “Oh, São Francisco, reza por mim.” Se eu tenho o direito de pedir isso a um humano, não vou ter direito de pedir isso a um santo? Mas sempre tendo a certeza que o favor me será concedido por Deus. Essa é a grande questão. Se eu peço a Maria, se peço a Santa Clara, a São Francisco, a São Geraldo, eu tenho que ter sempre consciência que a graça nos vem através do Pai. Vamos para um rápido intervalo. Daqui a pouquinho a gente volta.

Programa 2

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Pv3ryOWugVs&t=785s>

PADRE FÁBIO DE MELO: Muito boa noite! É com muita alegria que nós começamos mais um programa *Direção Espiritual!* Hoje invocando essa certeza de que quando nós estamos movidos pela força de vontade tudo fica mais resistente dentro de nós. Essa música tá no meu novo trabalho aqui: "Deus no esconderijo do verso", que foi gravado ao vivo lá no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Eu lembro que a primeira vez que eu tomei contato com essa música, eu fiquei muito impactado pela maneira como o autor resolveu falar de Maria, colocando nela alguns aspectos que parece que a gente não consegue perceber muito por causa da construção histórica que foi feita, né? É claro os elementos teológicos, a divindade de Maria, a santidade de Maria. Usar o termo mais apropriado, né? Essa santidade nos levando a compreender a divindade de seu filho Jesus. E é claro que a partir disso toda a compreensão da dimensão divina da nossa humanidade. Mistério da encarnação nos assegura isso. Depois do mistério da encarnação, tudo está tocado pelo sagrado. E Nossa Senhora é a mulher onde tudo isso acontece. É a carne que Deus escolhe para inserir de maneira definitiva, inserir-se de forma definitiva na história. Então muitas vezes a partir dessa construção teológica de Nossa Senhora às vezes a gente perde alguns elementos humanos dela. Aliás esse é um problema que às vezes a gente vê dentro do contexto da mariologia as pessoas esquecerem a humanidade de Maria que é tão importante isso pra nós. É a parte que nos cabe nesse mistério. Então se a gente coloca Nossa Senhora muito distante do que é humano, a gente perde o específico nosso nela representado dentro do mistério da encarnação. Maria cheia de graça. Não teve de graça o que recebeu. É bonito, porque você pensar que Nossa Senhora precisou do esforço humano em todo seu processo também na elaboração de tudo aquilo que ela precisava significar na vida de seu filho. Não foi fácil ser ela. Não foi fácil cumprir o seu papel. E aí você retira Nossa Senhora deste contexto muito às vezes uma ternura sem coragem, né? Boa noite, seu Christian. Tudo bem? Às vezes a gente vê Nossa Senhora assim, né? Muito frágil. A própria, muitas vezes, a própria representatividade na própria imagem que a gente às vezes tem dela. Uma ternura que dispensou a coragem. Não. Pelo contrário, né? Essa ternura só é possível porque essa mulher teve muita graça. Ela precisou enfrentar os desafios diários de sua maternidade. Precisou lutar no seu dia-a-dia pra poder exercer o papel na vida de seu filho Jesus e enfrentar a sociedade do seu tempo. Aqui é uma passagem muito interessante que mostra essa força de vontade como um elemento essencial na vida de Nossa Senhora. Porque Deus nos transforma é a partir da vontade, né? O fortalecimento da vontade é um processo necessário em nós. Eu, se eu for deixar me levar pelos meus impulsos, é bem provável que eu não pratique nenhum esforço no meu dia-a-dia. Se eu for obedecer aquilo que muitas vezes me chama eu não vou fortalecer a minha vontade. Fica num contexto raso da existência. Não. O contexto da vontade é mais profundo. Ele ultrapassa o contexto dos desejos. É como se nós estivéssemos num solo mais fértil, onde se a semente é colocada ali naquele lugar, ela tem mais chance de florescer. A vontade é o território mais fértil que Deus pode encontrar em nós. Quando ele semeia a minha vontade, quando ele encontra. Quando a vontade de Deus se encontra com a minha vontade e ali eu fortaleço no meu dia-a-dia. Essa correspondência das duas vontades, é impressionante como eu cresço no fortalecimento da minha vontade. É uma passagem bonita que está no evangelho de Lucas que é justamente a narrativa do evangelho. A narração, desculpe, a narração do nascimento de Jesus. Há uma frase que marca muito a espiritualidade mariana e pode ser que você evangélico que me acompanha agora torça um pouco o nariz quando eu falo de espiritualidade mariana. Num precisa ficar preocupado não. Toda vez que nós falamos de espiritualidade mariana, nós estamos pegando a cristologia e colocando na maneira específica que Maria teve de seguir Jesus. É a mesma coisa quando você fala de espiritualidade franciscana. Você pega o específico de Jesus em Francisco, né? Você não está inventando uma realidade acima de Jesus. Não. Você está pegando aspectos da

vida cristã que foram intensamente vividos na vida daquele santo. Nós não estamos substituindo Jesus por Maria. Não estamos substituindo Jesus por São Francisco. Não. Nós estamos salientando os elementos da vida de Jesus que foram vividos na radicalidade na vida dessas pessoas. É pra isso que nós temos os santos. Não é pra substituir Jesus. Não é pra fazer o papel de Jesus. Não. A teologia é muito clara quando nos coloca diante do mistério de Maria como aquela que foi a primeira seguidora, a primeira discípula, a primeira apóstola, porque foi ela que viu crescer a graça de Deus no mistério encarnado em seu filho. Então Maria é mãe de Deus. Jesus é Deus. É a mãe que educa este menino pra que Ele tenha condições de compreender sua missão e vivê-la até o fim. Então quando a gente fala de espiritualidade mariana, nós estamos falando dos aspectos da vida cristã que nós podemos compreender melhor quando olhamos pra ela. Porque a figura da mãe, a figura da mulher é importantíssima dentro da nossa elaboração humana. Então se eu quiser compreender alguns detalhes da vida de Jesus a partir do específico do que Sua mãe experimentou, isso só me enriquece. Isso não é um Cristianismo que me empobrece. Ah, Padre, mas eu já tenho Jesus. Sim, mas é muito bom você ter aqueles que o experimentaram de perto também como modelo pra nós. A minha experiência é cristã o tempo todo. Jesus é o centro da minha experiência. Não abro mão dEle. Não O troco por santo nenhum. Não O troco nem pela Virgem Maria. Jesus é o centro da minha experiência. É no ressuscitado que eu creio, mas enquanto creio no ressuscitado eu presto atenção naqueles que estiveram mais próximos dele do que eu. E de maneira muito especial, de maneira muito sagrada a Sua mãe. [...]

Programa 3

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=lmfAOXtobM&t=31s>

FÁBIO DE MELO: Vamos atender aqui as pessoas que nos escrevem, nos mandam e-mails. A Márcia Magda Ferreira, de Belo Horizonte, pergunta:

MÁRCIA: Padre Fábio, por que o senhor não fala de Nossa Senhora, só fala de Deus?

FÁBIO DE MELO: Minha filha, eu acho que você não assiste todos os programas, porque o nosso último programa inclusive, né, penúltimo programa foi todo ele sobre o Cílio de Nazaré, sobre a devoção a Nossa Senhora. Eu tenho um posicionamento muito claro a respeito é... de não ser, né, de ter por Maria um carinho imenso, uma devoção como todo filho católico, cristão tem de ter, mas ao mesmo tempo eu gosto de fazer sempre a distinção que o desejo de Maria é que nós possamos chegar ao coração de Jesus. Não tenho nenhum receio de dizer que nós não podemos viver uma devoção mariana, que nos aparte de Jesus, que toda devoção mariana só tem sentido se ela nos apontar para o Cristo, se ela nos fazer conhecer o coração de Jesus. Então, os exageros você realmente não vai ver aqui não e nem pretendo me tornar um adepto de uma devoção mariana que faça justamente o que ela não quer que seja feito. Eu acho fantástico que dentro dos evangelhos Maria ocupa sempre uma posição muito discreta, uma posição sempre de muita serenidade, de muita seriedade. E se a Igreja faz uma teologia em torno de Maria é para a gente descobrir o verdadeiro significado do que ela nos aponta, que é para Jesus, é o conhecimento de Jesus, é ir ao encontro de Jesus. Também não sou, né, eu tenho, eu gosto sempre de diferenciar, eu nunca fui um menino que tinha o hábito de rezar aos santos. Nunca fui. Eu tenho, sou sou devoto de Santo Antônio. A palavra devoto quer dizer eu tenho uma admiração, né, eu sou, tenho uma admiração profunda por Francisco de Assis, tenho um profundo respeito pelos santos que a Igreja já nomeou, mas não tenho o hábito de fazer novena, de fazer isso, fazer aquilo, porque não pertenceu a minha experiência religiosa, né? E é muito bom, porque a Igreja nos pede que nós rezemos na comunhão com os santos. A gente precisa, uma vez disse isso causei até um certo desconforto em algumas pessoas que não quiseram entender o que eu estava dizendo. Mas também é uma questão de maturidade, né, gente? Nós precisamos entender o que o outro está dizendo e não o que a gente quer que ele tenha dito. E às vezes nós somos muito irresponsáveis em afirmar que o outro disse isso. Não. Volto a dizer: a teologia mora nas preposições. A Igreja nos convida a rezar com os santos. É na comunhão com os santos. Isso é teologia: você tem o direito de ter a sua devoção de fazer a sua novena? Tem. A Igreja não lhe impede de viver isso, mas ela também não nos obriga. Então isso é uma questão que precisa ser muito bem explicada. Você não é obrigado a fazer uma novena a Santo Antônio para se dizer católico. Você é convidado a respeitar essa devoção dentro da Igreja. Você não é obrigado a ter essa devoção. Agora você é, por um dogma de fé, convidado a rezar com os santos. Toda vez que você dobra o seu joelho, seja na sua casa ou seja na Igreja, você tem que ter consciência que você está fazendo isso na comunhão com todos aqueles que estão imersos no mistério de Cristo. Com todos aqueles que já chegaram à glória no exercício de virtudes que foram levadas à radicalidade, porque um santo só é santo quando ele leva à radicalidade uma virtude cristã. Então, essa será sempre a minha posição em relação aos santos, em relação a Nossa Senhora. Nós aqui somos católicos, nós não temos nenhum medo de mostrar as nossas devoções mesmo porque é... o respeito ele existe da mesma maneira como eu respeito os evangélicos, sei que sou muito respeitado pelos evangélicos, mas também gosto de dizer que em muitos segmentos do Cristianismo, do catolicismo nós realmente desvirtuamos as coisas. Nós colocamos os santos acima de Jesus e muitas vezes confundimos a

devoção mariana. Temos os nossos exageros. Eu gosto do Cílio de Nazaré, sou um filho de Nossa Senhora de Nazaré, estarei lá sempre todo ano, mas estou lá porque sei que, para mim, aquela Senhora, na representação de uma imagem também não tem idolatria pelas imagens, é uma imagem que me recorda, que simboliza, que me faz participar de um mistério que é superior ao gesso, que é superior à madeira, né, daquela imagem que me coloca na comunhão com o povo. E aliás eu tenho um profundo respeito pelo povo da Amazônia com essa devoção mariana e fico muito chateado toda vez que vejo alguém de maneira desrespeitosa afrontando essa devoção, porque o que me comove, volto a dizer, é o menino Jesus que está nos braços, é a dignidade, é a santidade dessa mulher, é o papel dela no mistério da encarnação nos levando ao conhecimento de seu filho Jesus. É Natal. Círio pra mim é uma festa natalina, é uma experiência que nós temos de antecipar dois meses no calendário a chegada do Jesus menino.

Programa 4

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8A-g8sd5u8k>

PADRE FÁBIO DE MELO: Esse aqui é interessante. Já tem um tempão que esse email veio e a gente ainda não respondeu. Quem escreve é a Célia Muradi, de Londrina.

CÉLIA: Padre, como conciliar uma fé madura com a devoção aos santos? Confesso ao senhor que não consigo ter nenhuma forma de devoção aos santos. Creio na Trindade e só. É um problema?

PADRE FÁBIO DE MELO: Não. Não é nenhum problema você não ter devoção, viu? Não é nenhum problema. A fé madura ela consiste em nós termos a clareza do essencial da fé. A fé madura é aquela que nos direciona para o essencial. É uma fé que já está sem os excessos. Todos nós temos excessos na fé. Todos nós temos aquelas coisas que a gente precisa eliminar aos poucos. A devoção aos santos ela entra como sendo, naquela parte do credo, né, que a gente fala "creio na comunhão dos santos", é o que a Igreja nos pede. A Igreja nos pede acreditar na comunhão dos santos. Acreditar na comunhão dos santos é muito mais do que ter uma devoção. E eu concordo com a Célia que em muitos momentos a expressão que nós damos à nossa devoção. O email dela é mais longo, gente, eu apenas resumi. Ela fala que muitas vezes nós somos acusados de exageros e ela tem toda razão. Aqueles que nos acusam muitas vezes têm razão quando eles observam que há um deslocamento da importância da fé. Às vezes nós vemos dentro da Igreja. Nós temos a presença real de Jesus Sacramentado. Está lá. Presença real, concreta. O sacrário está ali. Nós acreditamos na presença real de Jesus. A pessoa entra, ela não tem nenhum, nenhuma reverência ao altar. Ela vai direto na imagem de Santo Expedito. Tá errado. Você tem todo o direito de ter a sua admiração. Porque o que é devoção? É uma admiração. Você tem todo o direito de ter a sua admiração a São Benedito. Mas a sua admiração a São Benedito não pode estar acima do seu respeito à Trindade, por exemplo. A presença real dessa Trindade em Jesus. Então muitas vezes estes exageros acontecem o tempo todo. Quando você percebe que nós nos perdemos no devocionalismo. O devocionalismo corre o risco de ocultar os aspectos importantes da fé. Assim como a devoção mariana também precisa ser equilibrada. E eu sempre, sempre tomo o cuidado, porque eu dava aula na Teologia, agora não mais, mas dava aula e esbarrava o tempo todo nesses tratados teológicos, né? Uma das principais heresias que nós podemos ter em relação à Nossa Senhora é justamente a gente esquecer a humanidade dela. Em muitas devoções Nossa Senhora é uma deusa e não é. Nós precisamos tomar esse cuidado. O respeito a Nossa Senhora, o nosso amor a Virgem Maria não pode colocar-nos, não pode nos fazer esquecer que ela só é quem ela é porque ela gerou o filho de Deus. Não foi o contrário. Não foi Nossa Senhora que deu divindade a Jesus. Foi Jesus que deu divindade a Nossa Senhora. Então ela está como a primeira cristã, como sabiamente Padre Zezinho diz. Padre Zezinho tem uma teologia mariana muito bonita. Ele ensina com muita facilidade a teologia mariana. Ela é a primeira cristã, porque ela foi a primeira a ser beneficiada com o mistério da encarnação. A presença de Deus no seu seio. Mas eu não posso fazer a Nossa Senhora virar a minha deusa agora. Nem ela quer isso, minha gente. É intercessora. É Intercessora. É aquela que está, digamos assim, no patamar mais elevado daquilo que a humanidade já alcançou. Os santos, o que que são os santos? A Igreja reconhece que os santos são homens e mulheres como nós que viveram uma vida de radicalidade evangélica e conseguiram chegar lá. Isso é, conseguiram se configurar ao máximo à vida de Jesus. Porque Jesus está aqui como modelo. A humanidade caminha o tempo todo para este modelo. Por isso, a eucaristia, todos os sacramentos, a Sua palavra é um convite pra que a gente venha a ser parecido com Ele. A Igreja não aponta para ela mesma. A Igreja aponta para o Cristo. O Papa não quer que a gente seja como ele não. O santo não quer que a gente seja como ele. O santo quer que a gente seja como o Cristo. Então quando eu olho para São José, quando eu olho para São Benedito, aí sei lá, essa montueira de santo, né? Graças a Deus temos muitos. Foram muitos homens e mulheres que conseguiram chegar lá neste nível de humanidade santificada que a Igreja reconheceu. Então nós olhamos para eles e nós admiramos. E quando a gente admira alguém, é natural que a gente queira algumas coisas daquela pessoa. Não materialmente. Não. Eu olho praquela rapaz, eu acho que ele é muito bom no que faz. Então eu sinto vontade de ser como ele. Este é o primeiro significado da devoção. É a gente se identificar com o jeito dele, mas não é

colocá-lo acima de Deus. Então os santos são homens e mulheres que podem esperar uma vida de santidade, mas eles não são o destino final da santidade. O destino final da santidade é Jesus. Eu não tenho que querer ser como Santa Teresinha lá no final. Não. Eu sou como Santa Teresinha em algumas coisas aqui, porque meu destino é chegar lá em Jesus da mesma forma como ela só ficou santa porque ela tinha Jesus como referência pra ela. Ela não tinha ela mesma como referência de santidade. E muitas vezes nós erramos. E eu te dou toda razão, minha filha, que às vezes, Célia, nós exageramos demais nos nossos devocionalismos e nós nos esquecemos do significado das coisas. E uma fé madura é uma fé clara. Se a gente não conhece o que a gente crê, a gente crê muito mal. A gente precisa mergulhar. E aliás eu sempre, eu tomo esse cuidado o tempo todo. Nós precisamos estudar a nossa fé. Nós muitas vezes não sabemos nada do que a gente acredita. E qualquer perguntinha de alguém que já conhece um pouquinho mais a Sagrada Escritura, ou que conhece uma outra teologia que não é a nossa e que nos coloca na parede, a gente já não tem mais respostas. Não pode ser assim. Se eu amo essa Igreja, se eu amo a minha religião, se eu amo a Jesus, eu tenho é que buscar conhecê-IO. Porque o conhecimento é que me autoriza a dizer que verdadeiramente amo alguém. A medida que a gente se conhece, é que a gente verdadeiramente se ama. E a gente não pode se esquivar dessa responsabilidade não, viu?

ANEXO B: Análises referentes a Maria e Jesus nos programas 1 e 2

DEVOÇÃO A MARIA	DEVOÇÃO A JESUS
<p>(1) No caso da devoção mariana, já disse [processo verbal] aqui várias vezes, nós não podemos interpretar [processo mental de cognição] de maneira errada o que a Igreja [participante: ator] nos [participante: beneficiário] propõe [processo material] quando nos [participante: beneficiário] coloca [processo material] Maria [participante: meta] como mãe [participante: atributo]. A santidade de Maria [participante: possuidor] só tem [processo relacional] sentido por causa da santidade de Jesus [participante: possuído]. Ela [participante: valor] só é [processo relacional] santa [participante: característica] porque o ventre dela [participante: valor] é [processo relacional] santo [participante: característica]. Então, há uma conexão cristológica. (PROGRAMA 1)</p>	<p>(1) Toda vez que eu [participante: ator] estou fazendo [processo material] uma prece [participante: escopo], é claro que eu [participante: dizente] estou me comunicando [processo verbal] com Deus [participante: receptor]. (PROGRAMA 1)</p>
<p>(2) Quando eu [participante: dizente] rezo [processo verbal] pra Nossa Senhora [participante: receptor], por exemplo, tem [processo existencial] gente [participante: existencial] que tem [processo relacional] facilidade de fazer [processo material] a oração mariana [participante: escopo], tem [processo relacional] gente que não. Isso [participante: ator] não nos [participante: meta] modifica [processo material] porque o nosso amor e o nosso respeito [participante: valor] a ela [participante: característica] continua [processo relacional]. Isso é o mais importante. (PROGRAMA 1)</p>	<p>(2) Eu rezo a ela, pedindo que ela me proteja. Mas veja bem: essa proteção que eu estou pedindo pra ela, quem é que pode me [participante: beneficiário] conceder [processo material]? O Pai [participante: ator]. (PROGRAMA 1)</p>
<p>(3) Se for analisar [processo mental de cognição] a Ave Maria [participante: fenômeno], que é [processo relacional] uma oração bíblica [participante: atributo], a primeira parte dela [participante: portador] ela é [processo relacional] toda bíblica [participante: atributo]. É [processo relacional] o anúncio do anjo [participante: atributo] e depois a segunda parte: “Santa Maria, mãe de Deus [participante: dizente] rogai [processo verbal] por nós pecadores [participante: alvo] agora e na hora de nossa morte, amém.” O que que isso [participante: ator] fere [processo material] o nosso amor a Deus [participante: meta]? O que que isso [participante: ator] fere [processo material] a convicção, a compreensão [participante: meta] de que Deus [participante: característica] é [processo relacional] onisciente [participante: valor] e que Maria [participante: possuidor] não tem [processo relacional] o mesmo poder [participante: possuído]? Tudo bem, não é [processo relacional] nenhum problema [participante: atributo] você [participante: dizente] dizer [processo verbal] Maria [participante: valor] não é [processo relacional] deusa [participante: característica], né? E erra [processo material] aquele [participante: ator] que trata [processo material] Maria [participante: meta] como deusa [participante: atributo]. (PROGRAMA 1)</p>	<p>(3) Pai, eu estou precisando de um favor do meu Pai. Então, eu peço pela minha mãe porque é, afetivamente falando, mais confortável. Quem disse [processo verbal] que a nossa relação com Deus [participante: ator] também não passa [processo material] pelos nossos significados humanos [participante: escopo]? Em muitas pessoas [participante: meta] você [participante: ator] encontra [processo material] uma dificuldade muito grande [participante: escopo] dela [participante: comportante] relacionar-se [processo comportamental] diretamente com Deus Pai [participante: comportamento]. Tem [processo relacional] mais facilidade de relacionamento com Jesus [participante: possuído]. Tem [processo relacional] mais facilidade de relacionamento com Maria [participante: possuído]. Tem uma devoção mariana equilibrada, bonita. (PROGRAMA 1)</p>

<p>(4) Maria [<u>participante: característica</u>] é [processo relacional] a legítima participação humana no mistério da encarnação [<u>participante: valor</u>]. Agraciada por Deus, colocada [processo material] neste mundo de maneira muito especial e respeitada [processo material] e venerada [processo material] pela Igreja [<u>participante: ator</u>] como mãe da Igreja [<u>participante: atributo</u>]. Como aquela [<u>participante: ator</u>] que educou [processo material] Jesus [<u>participante: meta</u>], como aquela [<u>participante: ator</u>] que participou [processo material] diretamente do mistério da salvação [<i>circunstância</i>] que Jesus nos realiza. Então, o meu respeito a Maria. Eu [<u>participante: dizente</u>] rezo [processo verbal] a ela [<u>participante: receptor</u>], pedindo [processo verbal] que ela [<u>participante: ator</u>] me [<u>participante: beneficiário</u>] proteja [processo material]. Mas veja bem: essa proteção que eu [<u>participante: dizente</u>] estou pedindo [processo verbal] pra ela [<u>participante: receptor</u>], quem é que pode me conceder? O Pai. Ela [<u>participante: valor</u>] é [processo relacional] a intercessora [<u>participante: característica</u>]. (PROGRAMA 1)</p>	<p>(4) Essa semana, eu estando em campos do Jordão, aí um grupo começou tirar foto comigo e se aproximou, me tratou com muito respeito e era um grupo de evangélicos e os dois pastores com eles. Os pastores rindo, me cumprimentando e aí o pastor [...]me disse: “Padre Fábio, eu aprendi respeitá-lo por causa da minha esposa. Minha esposa assistiu o senhor uma vez, gostou do programa e depois me convidou a assistir também. E eu fiquei muito honrado porque é, né? [...]Agora um grupo de evangélicos me tratando com tanto respeito, com tanta reverência. Aquilo pra mim foi tão, sabe, um presente de aniversário, né? Poderia dizer assim. Significa que a nossa comunhão dos santos esteja acontecendo, mesmo com diferenças. Eu não quero convencê-los de nada. Eu [<u>participante: experienciador</u>] quero [processo mental de desejo] que Jesus [<u>participante: ator</u>] aconteça [processo material] no coração deles [<i>circunstância</i>]. Se lá naquela Igreja esta presença de Jesus [<i>projeção hipotática</i>] está sendo [processo relacional] salvífica [<u>participante: atributo</u>], eu [<u>participante: dizente</u>] louvo [processo verbal] a Deus [<u>participante: receptor</u>] por aquele pastor, pelo ministério dele [<u>participante: verbiagem</u>], da mesma maneira como ele louva pela minha vida. (PROGRAMA 1)</p>
<p>(5) Quem disse que a nossa relação com Deus também não passa pelos nossos significados humanos? Em muitas pessoas você encontra uma dificuldade muito grande de relacionar-se diretamente com Deus Pai. [...]Tem [processo relacional] mais facilidade [<u>participante: possuído</u>] de relacionar [processo comportamental] –se [<u>participante: comportante</u>] com Maria [<u>participante: comportamento</u>]. Tem [processo relacional] uma devoção mariana equilibrada, bonita [<u>participante: característica</u>]. Tem [processo relacional] Maria como um exemplo de fé [<u>participante: característica</u>], como um exemplo de santidade [<u>participante: característica</u>], que eu [<u>participante: experienciador</u>] quero viver ‘processo mental de desejo’. Então, não conflitue isso, viu? (PROGRAMA 1)</p>	<p>(5) Os evangélicos fazem isso. Eles oram uns pelos outros. Eles pedem. Eu vejo lá o twitter, eu acompanho o André Valadão, que é um rapaz que eu admiro muito. O André vez em quando fala lá: “Vamos orar [processo verbal] nessa intenção. Vamos pedir [processo verbal] a Deus [<u>participante: receptor</u>] nessa intenção [<u>participante: verbiagem</u>].”As pessoas pedem oração a ele. Isso é intercessão. (PROGRAMA 1)</p>
<p>(6) Se eu [<u>participante: dizente</u>] peço [processo verbal] a Maria [<u>participante: receptor</u>], [...]eu [<u>participante: possuidor</u>] tenho [processo relacional] que ter sempre consciência [<u>participante: possuído</u>] que a graça [<u>participante: ator</u>] nos [<u>participante: beneficiário</u>] vem [processo material] através do Pai [<i>circunstância</i>]. (PROGRAMA 1)</p>	<p>(6) Se eu tenho o direito de pedir isso a um humano, não vou ter direito de pedir isso a um santo? Mas sempre tendo a certeza que o favor [<u>participante: meta</u>] me será concedido [processo material] por Deus [<u>participante: ator</u>]. Essa é a grande questão. (PROGRAMA 1)</p>
<p>(7) Depois do mistério da encarnação, tudo [<u>participante: comportamento</u>] está tocado [processo comportamental] pelo sagrado [<u>participante: comportante</u>]. E Nossa Senhora [<u>participante: valor</u>] é [processo relacional] a mulher [<u>participante: característica</u>] onde tudo isso acontece [processo</p>	<p>(7) Porque Deus [<u>participante: ator</u>] nos [<u>participante: meta</u>] transforma [processo material] a partir da vontade, né? O fortalecimento da vontade _é um processo necessário em nós. Eu, se eu for deixar me levar pelos meus impulsos, é bem provável</p>

<p>material]. É [processo relacional] a carne [participante: característica]. Deus [participante: experienciador] a [participante: fenômeno] escolhe [processo mental de cognição] para inserir [processo material] de maneira definitiva, inserir-se [processo material] de forma definitiva na história. Então muitas vezes a partir dessa construção teológica de Nossa Senhora às vezes a gente [participante: ator] perde [processo material] alguns elementos humanos dela [participante: meta]. (PROGRAMA 2)</p>	<p>que eu não pratique nenhum esforço no meu dia-a-dia. Se eu for obedecer aquilo que muitas vezes me chama eu não vou fortalecer a minha vontade. Fica num contexto raso da existência. Não. O contexto da vontade é mais profundo. Ele ultrapassa o contexto dos desejos. (PROGRAMA 2)</p>
<p>(8) Às vezes a gente dentro do contexto da mariologia as pessoas [participante: experienciador] esqueceram [processo mental de cognição] a humanidade de Maria [participante: fenômeno] que é [processo relacional] tão importante [participante: atributo] isso [participante: portador] pra nós. É a parte que nos cabe nesse mistério. (PROGRAMA 2)</p>	<p>(8) A vontade é o território mais fértil que Deus [participante: ator] pode encontrar [processo material] em nós. Quando Ele [participante: ator] semeia [processo material] a minha vontade [participante: meta], quando Ele [participante: ator] encontra [processo material]. (PROGRAMA 2)</p>
<p>(9) Então se a gente [participante: ator] coloca [processo material] Nossa Senhora [participante: meta] muito distante [circunstância] do que é [processo relacional] humano [participante: característica], a gente [participante: ator] perde [processo material] o específico nosso [participante: meta] nela [circunstância] que é representado [processo material] dentro do mistério da encarnação [circunstância]. Maria cheia de raça [participante: característica] não teve [processo relacional] de graça [participante: possuído] o que recebeu [processo material]. É [processo relacional] bonito [participante: atributo], porque você [participante: experienciador] pensar [processo mental de cognição] que Nossa Senhora [participante: experienciador] precisou [processo mental de cognição] do esforço humano em todo seu processo [participante: fenômeno] também na elaboração de tudo aquilo que ela [participante: experienciador] precisava significar [processo mental de cognição] na vida de seu filho [participante: fenômeno]. (PROGRAMA 2)</p>	<p>(9) Quando a vontade de Deus [participante: ator] se encontra [processo material] com a minha vontade e ali eu fortaleço no meu dia-a-dia. Essa correspondência das duas vontades [participante: valor] é [processo relacional] impressionante [participante: característica], como eu cresço no fortalecimento da minha vontade. (PROGRAMA 2)</p>
<p>(10) Não foi [processo relacional] [participante: atributo] ser ela [participante: projeção hipotática]. Não foi [processo relacional] fácil [participante: atributo] cumprir o seu papel [participante: projeção hipotática]. E aí você [participante: ator] retira [processo material] Nossa Senhora [participante: meta] deste contexto [circunstância] muito às vezes uma ternura sem coragem [participante: escopo], né? [...] Às vezes a gente [participante: experienciador] vê [processo mental de percepção] Nossa Senhora assim, né, muito frágil [participante: fenômeno]. Muitas vezes, a própria representatividade na própria imagem [participante: possuído] que a gente [participante: possuidor] às vezes tem [processo relacional] dela. Uma ternura [participante: ator] que dispensou [processo material] a coragem [participante: meta]. (PROGRAMA 2)</p>	<p>(10) É a mesma coisa quando você fala de espiritualidade franciscana. Você [participante: experienciador] pega [processo mental de percepção] o específico de Jesus em Francisco [participante: fenômeno], né? Você [participante: experienciador] não está inventando [processo mental de cognição] uma realidade acima de Jesus [participante: fenômeno]. Não. Você [participante: experienciador] está pegando [processo mental de percepção] aspectos da vida cristã que foram intensamente vividos na vida daquele santo [participante: fenômeno]. (PROGRAMA 2)</p>
<p>(11) Não. Pelo contrário, né? Essa ternura [participante: portador] só é [processo relacional] possível [participante: atributo] porque essa mulher</p>	<p>(11) Nós [participante: ator] não estamos substituindo [processo material] Jesus por Maria [participante: meta]. Não estamos</p>

<p>[participante: possuidor] teve [processo relacional] muita raça [participante: possuído]. Ela [participante: ator] precisou enfrentar [processo material] os desafios diários de sua maternidade [participante: meta]. Precisou lutar [processo material] no seu dia-a-dia [circunstância] pra poder exercer [processo material] o papel [participante: meta] na vida de seu filho Jesus [circunstância] e enfrentar [processo material] a sociedade do seu tempo [participante: meta]. (PROGRAMA 2)</p>	<p>substituindo [processo material] Jesus por São Francisco [participante: meta] . Não. (PROGRAMA 2)</p>
<p>(12) Aqui é [processo relacional] uma passagem muito interessante que mostra [processo material] essa força de vontade [participante: meta] como um elemento essencial [participante: atributo] na vida de Nossa Senhora [circunstância]. (PROGRAMA 2)</p>	<p>(12) Nós [participante: ator] estamos salientando [processo material] os elementos da vida de Jesus [participante: escopo] que foram vividos na radicalidade na vida dessas pessoas. É pra isso que nós temos os santos. Não é pra substituir [processo material] Jesus [participante: meta]. Não é pra fazer [processo material] o papel de Jesus [participante: meta]. Não. (PROGRAMA 2)</p>
<p>(13) Toda vez que nós [participante: dizente] falamos [processo verbal] de espiritualidade mariana [participante: verbiagem], nós [participante: comportante] estamos pegando [processo comportamental] a cristologia [participante: comportamento] e colocando [processo material] na maneira específica que Maria [participante: ator] teve de seguir [processo material] Jesus [participante: meta]. (PROGRAMA 2)</p>	<p>(13) Jesus [participante: característica] é [processo relacional] Deus [participante: valor]. (PROGRAMA 2)</p>
<p>(14) A teologia [participante: portador] é [processo relacional] muito clara [participante: atributo] quando nos [participante: meta] coloca [processo material] diante do mistério de Maria [circunstância] como aquela [participante: valor] que foi [processo relacional] a primeira seguidora [participante: característica], a primeira discípula [participante: característica], a primeira apóstola [participante: característica], porque foi [processo relacional] ela [participante: experienciador] que viu crescer [processo mental de percepção] a graça de Deus no mistério encarnado em seu filho [participante: fenômeno]. Então Maria [participante: valor] é [processo relacional] mãe de Deus [participante: característica]. [...]E a mãe [participante: ator] que educa [processo material] este menino [participante: meta] pra que Ele tenha condições de compreender sua missão e vivê-la até o fim. (PROGRAMA 2)</p>	<p>(14) Então se eu [participante: experienciador] quiser compreender [processo mental de cognição] alguns detalhes da vida de Jesus a partir do específico do que Sua mãe experimentou [participante: fenômeno], isso [participante: ator] só me enriquece [processo material]. Isso [participante: portador] não é [processo relacional] um cristianismo [participante: atributo] que me [participante: meta] empobrece [processo material]. (PROGRAMA 2)</p>
<p>(15) Então quando a gente [participante: dizente] fala [processo verbal] de espiritualidade mariana [participante: verbiagem], nós [participante: dizente] estamos falando [processo verbal] dos aspectos da vida cristã [participante: verbiagem] que nós [participante: experienciador] podemos compreender [processo mental de cognição] melhor quando olhamos [processo material] pra ela [participante: beneficiário]. Porque a figura da mãe, a figura da mulher [participante: valor] é [processo relacional] importantíssima dentro da nossa elaboração humana [participante: característica]. (PROGRAMA 2)</p>	<p>(15) Ah, Padre, mas eu [participante: possuidor] já tenho [processo relacional] Jesus [participante: possuído]. Sim, mas é muito bom você ter aqueles que o experimentaram de perto também como modelo pra nós. (PROGRAMA 2)</p>

<p>(16) Enquanto creio no ressuscitado eu [participante: ator] presto [processo material] atenção naqueles [participante: meta] que estiveram [processo relacional] mais próximos dele do que eu [participante: atributo]. E de maneira muito especial, de maneira muito sagrada a Sua mãe. (PROGRAMA 2)</p>	<p>(16) A minha experiência [participante: valor] é [processo relacional] cristã o tempo todo [participante: característica]. Jesus [participante: característica] é [processo relacional] o centro da minha experiência [participante: valor]. Não abro [processo material] mão dEle [participante: meta]. Não O [participante: meta] troco [processo material] por santo nenhum [participante: beneficiário]. Não O [participante: meta] troco [processo material] nem pela Virgem Maria [participante: beneficiário]. Jesus [participante: característica] é [processo relacional] o centro da minha experiência [participante: valor]. (PROGRAMA 2)</p>
<p>(17) Em muitas pessoas você encontra uma dificuldade muito grande dela relacionar-se com Deus Pai.[...] Tem [processo relacional] mais facilidade de relacionamento com Maria [participante: possuído]. Tem [processo relacional] uma devoção mariana equilibrada, bonita [participante: possuído]. (PROGRAMA 1)</p>	

ANEXO C: Análises referentes a santos e Jesus nos programas 3 e 4

DEVOÇÃO A SANTOS	DEVOÇÃO A JESUS
(1) Eu [participante: portador] nunca fui [processo relacional] um menino [participante: atributo] que tinha o hábito de rezar [processo verbal] aos santos [participante: alvo]. Nunca fui. (PROGRAMA 3)	(1) Nós [participante: ator] colocamos [processo material] os santos [participante: meta] acima de Jesus [circunstância] e muitas vezes confundimos [processo mental de cognição] a devoção mariana [participante: fenômeno]. Temos os nossos exageros. (PROGRAMA 3)
(2) Eu [participante: valor] sou [processo relacional] devoto de Santo Antônio [participante: característica]. (PROGRAMA 3)	(2) Às vezes nós vemos dentro da Igreja. Nós [participante: possuidor] temos [processo relacional] a presença real de Jesus Sacramentado [participante: possuído]. Está [processo relacional] lá presença real, concreta [participante: característica]. O sacrário [participante: valor] está [processo relacional] ali [circunstância]. Nós [participante: experienciador] acreditamos [processo mental de cognição] na presença real de Jesus [participante: fenômeno]. A pessoa [participante: ator] entra [processo material], ela [participante: possuidor] não tem [processo relacional] nenhum, nenhuma reverência ao altar [participante: possuído]. Ela vai direto na imagem de Santo Expedito. Tá errado. (PROGRAMA 4)
(3) Eu [participante: possuidor] tenho [processo relacional] uma admiração [participante: possuído], né, tenho [processo relacional] uma admiração profunda por Francisco de Assis [participante: possuído], tenho [processo relacional] um profundo respeito pelos santos [participante: possuído] que a Igreja [participante: ator] já nomeou [processo material], mas não tenho [processo relacional] o hábito [participante: possuído] de fazer [processo material] novena [participante: escopo], de fazer [processo material] isso [participante: escopo], fazer [processo material] aquilo [participante: escopo], porque não pertenceu [processo relacional] a minha experiência religiosa, né? E é muito bom, porque a Igreja [participante: dizente] nos [participante: receptor] pede [processo verbal] que nós [participante: dizente] rezemos [processo verbal] na comunhão com os santos [participante: verbiagem]. (PROGRAMA 3)	(3) Porque Jesus [participante: valor] está [processo relacional] aqui [circunstância] como modelo [participante: característica]. A humanidade [participante: comportante] caminha [processo comportamental] o tempo todo [circunstância] para este modelo [participante: fenômeno]. (PROGRAMA 4)
(4) A Igreja [participante: dizente] nos [participante: receptor] convida [processo verbal] a rezar [processo verbal] com os santos, na comunhão com os santos [participante: verbiagem]. (PROGRAMA 3)	(4) Por isso, a eucaristia, todos os sacramentos, a Sua palavra [participante: valor] é [processo relacional] um convite [participante: característica] pra que a gente [participante: portador] venha a ser parecido com Ele [participante: atributo]. (PROGRAMA 4)
(5) Você [participante: meta] não é obrigado a fazer [processo material] uma novena a Santo Antônio [participante: beneficiário] para se dizer [processo mental] católico [participante: experienciador]. Você [participante: receptor] é convidado [processo verbal] a respeitar essa devoção dentro da Igreja	(5) A Igreja [participante: ator] não aponta [processo material] para ela mesma [participante: meta]. A Igreja [participante: ator] aponta [processo material] para o Cristo [participante: meta]. O Papa não quer que a gente seja como ele não. O santo não quer que a gente seja como ele. O santo [participante: experienciador] quer [processo

<p>[participante: verbiagem]. Você [participante: possuidor] não é obrigado a ter [processo relacional] essa devoção [participante: possuído]. Agora você [participante: receptor] é, por um dogma de fé, convidado [processo verbal] a rezar [processo verbal] com os santos [participante: verbiagem]. (PROGRAMA 3)</p>	<p>mental de desejo] que a gente [participante: valor] seja [processo relacional] como o Cristo [projeção hipotática]. (PROGRAMA 4)</p>
<p>(6) Toda vez que você dobra o seu joelho, seja na sua casa ou seja na Igreja, você tem que ter consciência que você está fazendo isso na comunhão com todos aqueles [participante: valor] que estão [processo relacional] imersos no mistério de Cristo [participante: característica]. Com todos aqueles [participante: ator] que já chegaram [processo material] à glória no exercício de virtudes [circunstância] que foram levadas [processo material] à radicalidade, porque um santo [participante: valor] só é [processo relacional] santo [participante: característica] quando ele [participante: ator] leva [processo material] à radicalidade [circunstância] uma virtude cristã [participante: escopo]. Então, essa [participante: característica] será [processo relacional] sempre a minha posição em relação aos santos, em relação à Nossa Senhora [participante: valor]. (PROGRAMA 3)</p>	<p>(6) Este é o primeiro significado da devoção. A gente [participante: experienciador] se identificar [processo mental de percepção] com o jeito dele [participante: fenômeno], mas não colocá-lo [processo material] [participante: meta] acima de Deus [circunstância]. (PROGRAMA 4)</p>
<p>(7) Não é [processo relacional] nenhum problema [participante: atributo] você [participante: possuidor] não ter [processo relacional] devoção aos santos [participante: possuído], viu? Não é [processo relacional] nenhum problema [participante: atributo]. A fé madura ela consiste em nós [participante: possuidor] termos [processo relacional] a clareza do essencial da fé [participante: possuído]. A fé madura [participante: ator] é aquela que nos direciona [processo material] para o essencial [circunstância]. É [processo relacional] uma fé que já está sem os excessos [participante: atributo]. Todos nós [participante: possuidor] temos [processo relacional] excessos na fé [participante: possuído]. Todos nós [participante: possuidor] temos [processo relacional] aquelas coisas que a gente precisa eliminar aos poucos [participante: possuído]. (PROGRAMA 4)</p>	<p>(7)O destino final da santidade [participante: característica] é [processo relacional] Jesus [participante: valor]. (PROGRAMA 4)</p>
<p>(8) A Igreja [participante: dizente] nos [participante: receptor] pede [processo verbal] acreditar [processo mental de cognição] na comunhão dos santos [participante: fenômeno]. Comunhão dos santos [participante: portador] é [processo relacional] muito mais do que ter uma devoção [participante: atributo].</p>	<p>(8) Se eu amo essa Igreja , se eu amo a minha religião, se eu [participante: experienciador] amo [processo mental de emoção] a Jesus [participante: fenômeno], eu tenho que buscar conhecê-lo [processo material] [participante: meta]. Porque o conhecimento [participante: ator] que me [participante: meta] autoriza [processo material] a dizer [processo verbal] que verdadeiramente amo [processo mental de emoção] alguém [participante: fenômeno]. A medida que a gente se conhece, é que a gente verdadeiramente se ama. E a gente não pode se esquivar dessa responsabilidade não, viu? (PROGRAMA 4)</p>

<p>(9) E eu concordo com a Célia [...]Ela fala que muitas vezes nós [<u>participante: meta</u>] somos acusados [processo material] de exageros [<u>participante: escopo</u>] e ela [<u>participante: possuidor</u>] tem [processo relacional] toda razão [<u>participante: possuído</u>]. Aqueles [<u>participante: ator</u>] que nos [<u>participante: meta</u>] acusam [processo material] muitas vezes têm [processo relacional] razão [<u>participante: possuído</u>] quando eles [<u>participante: experienciador</u>] observam [processo mental de percepção] que há [processo existencial] um deslocamento da importância da fé [<u>participante: existente</u>]. (PROGRAMA 4)</p>	
<p>(10) Você [<u>participante: possuidor</u>] tem [processo relacional] todo o direito de ter [processo relacional] a sua admiração a São Benedito [<u>participante: possuído</u>]. Mas a sua admiração a São Benedito [<u>participante: valor</u>] não pode estar [processo relacional] acima do seu respeito à Trindade [<i>circunstância</i>], por exemplo. A presença real dessa Trindade em Jesus. Então muitas vezes estes exageros acontecem [processo material] o tempo todo. Quando você [<u>participante: experienciador</u>] percebe [processo mental de percepção] que nós [<u>participante: ator</u>] nos [<u>participante: meta</u>] perdemos [processo material] no devocionalismo [<i>circunstância</i>]. O devocionalismo [<u>participante: comportante</u>] corre [processo comportamental] o risco [<u>participante: fenômeno</u>] de ocultar [processo mental de cognição] os aspectos importantes da fé [<u>participante: fenômeno</u>]. (PROGRAMA 4)</p>	
<p>(11) Os santos, o que que são [processo relacional] os santos? A Igreja [<u>participante: experienciador</u>] reconhece [processo mental de cognição] que os santos [<u>participante: portador</u>] são [processo relacional] homens e mulheres como nós [<u>participante: atributo</u>] que viveram [processo material] uma vida de radicalidade evangélica [<u>participante: escopo</u>] e conseguiram chegar [processo material] lá [<i>circunstância</i>]. (PROGRAMA 4)</p>	
<p>(12) Então quando eu [<u>participante: experienciador</u>] olho [processo mental] para São José [<u>participante: fenômeno</u>], quando eu [<u>participante: experienciador</u>] olho [processo mental] para São Benedito [<u>participante: fenômeno</u>], aí sei lá, essa montueira de santo [<u>participante: beneficiário</u>], né? Graças a Deus temos [processo relacional] muitos [<u>participante: possuído</u>]. Foram [processo relacional] muitos homens e mulheres [<u>participante: atributo</u>] que conseguiram chegar [processo material] lá neste nível de humanidade santificada [<i>circunstância</i>] que a Igreja [<u>participante: experienciador</u>] reconheceu [processo mental de cognição]. Então nós [<u>participante: experienciador</u>] olhamos [processo mental] para eles [<u>participante:</u></p>	

<p>[fenômeno] e nós [participante: experienciador] admiramos [processo mental de emoção]. E quando a gente [participante experienciador] admira [processo mental de emoção] alguém [participante: fenômeno], é natural que a gente [participante: experienciador] queira [processo mental de desejo] algumas coisas daquela pessoa [participante: fenômeno]. (PROGRAMA 4)</p>	
<p>(13) Então os santos [participante: portador] são [processo relacional] homens e mulheres [participante: atributo] que podem esperar [processo material] uma vida de santidade [participante: escopo], mas eles [participante: valor] não são [processo relacional] o destino final da santidade [participante: característica]. (PROGRAMA 4)</p>	
<p>(14) Eu [participante: portador] não tenho que querer ser [processo relacional] como Santa Teresinha lá no final [participante: atributo]. Não. (PROGRAMA 4)</p>	
<p>(15) Eu [participante: portador] sou [processo relacional] como Santa Teresinha em algumas coisas aqui [participante: atributo], porque meu destino é chegar lá em Jesus da mesma forma como ela [participante: valor] só ficou [processo relacional] santa [participante: característica] porque ela [participante: experienciador] tinha [processo mental] Jesus como referência pra ela [participante: fenômeno]. Ela [participante: experienciador] não tinha [processo mental] ela mesma como referência de santidade [participante: fenômeno]. E muitas vezes nós erramos. (PROGRAMA 4)</p>	
<p>(16) Nós [participante: experienciador] colocamos [processo mental] os santos acima de Jesus [participante: fenômeno] (PROGRAMA 3)</p>	
<p>(17) O santo [participante: experienciador] não quer [processo mental de desejo] que a gente seja como ele [participante: fenômeno]. O santo [participante: experienciador] quer [processo mental de desejo] que a gente seja como o Cristo [participante: fenômeno]. (PROGRAMA 4)</p>	
<p>(18) Nós [participante: ator] colocamos [processo material] os santos [participante: meta] acima de Jesus. (PROGRAMA 3)</p>	
<p>(19) Este é o primeiro significado da devoção. A gente [participante: experienciador] se identificar [processo mental de percepção] com o jeito dele [participante: fenômeno], mas não colocá-lo [processo material] [participante: meta] acima de Deus [circunstância]. (PROGRAMA 4)</p>	